

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Juliana Gomes

**IMPACTOS DA MOBILIDADE DO RÁDIO NA PRODUÇÃO DO
RÁDIOJORNALISMO: UM ESTUDO DOS PROGRAMAS
GAÚCHA REPÓRTER E NOTÍCIA NA TARDE**

FLORIANÓPOLIS

2014

Juliana Gomes

**IMPACTOS DA MOBILIDADE DO RÁDIO NA PRODUÇÃO DO
RADIOJORNALISMO: UM ESTUDO DOS PROGRAMAS
GAÚCHA REPÓRTER E NOTÍCIA NA TARDE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Jornalismo.

Orientador: Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Coorientador: Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch

FLORIANÓPOLIS

2014

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela torcida em todas as horas. À minha irmã e meu cunhado, por estarem presentes nos momentos de maior incerteza. À minha orientadora Valci Zuculoto, por acreditar e apostar em mim durante todo este percurso, compartilhar os conhecimentos e indicar sempre o melhor caminho. Ao coorientador Eduardo Meditsch, pela generosidade com que auxiliou no processo.

Agradeço ainda ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC e à Capes por proporcionarem esta experiência. À banca examinadora deste trabalho, Debora Cristina Lopez, Rita Paulino e Raquel Ritter Longhi pela contribuição com minha formação acadêmica.

À Erica, Janaíne, Aline, Lara, Jean, Rafaela e Jefito pela presença fraterna. Aos amigos da Apoio, Comunicação + Marketing, Adriana, Marlei, Raul, Grayce, Josiê, Karolina, Sheila, Dedé, San e Sofia pelo auxílio em todas as horas.

A Deus, que me deu o jornalismo como vocação e me permite vivê-la intensamente. Aos meus sobrinhos Dani e Luisinho, por tornarem a minha vida mais feliz.

Resumo

A mobilidade é uma das principais características do rádio. Diante das recentes e profundas inovações tecnológicas da comunicação buscamos compreender como esta afeta e transforma o radiojornalismo. O estudo se detém nas técnicas de produção, com ênfase na atualidade. Passa, ainda, por uma revisão histórica da evolução da mobilidade ao longo das diferentes fases da trajetória do rádio. Discute como a sociedade atual está imersa num contexto de mobilidades, no qual o jornalismo se apropria dos dispositivos portáteis, ubíquos e pervasivos. As reflexões de diversos teóricos sobre a convergência das mídias contribuem para pensar sobre o rádio neste cenário de transformações. O *corpus* da pesquisa é composto pelos programas radiojornalísticos Notícia na Tarde, da CBN Diário, de Florianópolis (SC), e Gaúcha Repórter, da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre (RS). O trabalho se baseia no *newsmaking*, para entender a rotina da produção radiojornalística destes programas. Os resultados obtidos indicam que com a exacerbação da mobilidade possibilitada pelos avanços tecnológicos, se intensifica o imediatismo. No entanto, a notícia não é concluída no local do acontecimento, ou seja, a pauta é anunciada de forma imediata, mas embora haja o contraponto, nem sempre se realiza o aprofundamento.

Palavras-chave: Rádio, mobilidade, radiojornalismo.

Abstract

Mobility is one of the main features of the radio. Given the recent and profound technological innovations in the field of communications, the aim is to understand how mobility affects and transforms radio journalism. This study focuses on recent production techniques. Furthermore, it brings a historical review of the evolution of mobility throughout the different phases of radio development. It also discusses how modern society is immersed in a context of mobilities, in which journalism appropriates portable, ubiquitous and pervasive devices. Reflections from several scholars on the convergence of media contribute to how radio is seen in this ever-evolving scenario. The corpus for this research is composed by the following news radio programs: *Notícia na Tarde*, from *CBN Diário* in Florianópolis (SC), and *Gaúcha Repórter*, from *Rádio Gaúcha* in Porto Alegre (RS). This study has as basis news making in order to understand the production routine of these programs. Results indicate that with the intensification of mobility made possible by technological advances, it also intensifies the immediacy. Nevertheless, the news is not completed where the event takes place; that is, the agenda is announced immediately, but although there is a counterpoint, the deepening is not accomplished.

Key words: radio; mobility; radio journalism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Radiojornalismo do Gaúcha Repórter.....	89
Tabela2 - Radiojornalismo do Notícia na Tarde.....	95
Tabela 3 - Dados mais relevantes.....	97

SUMÁRIO

SUMÁRIO	9
INTRODUÇÃO.....	11
1. TECNOLOGIA DO RÁDIO: ASPECTOS HISTÓRICOS	30
1.1. A chegada do rádio ao Brasil	41
1.2. A tecnologia do rádio a serviço do radiojornalismo	46
1.3 A convergência midiática num contexto de transformações	65
2. A MOBILIDADE DO RÁDIO E OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS.....	75
2.1. As características do rádio num contexto de mobilidades.....	91
2.2 Da incorporação da internet ao rádio digital	109
3. IMPACTOS DA MOBILIDADE NA PRODUÇÃO DO RÁDIOJORNALISMO DOS PROGRAMAS GAÚCHA REPÓRTER E NOTÍCIA NA TARDE	126
3.1. Rádio Gaúcha: histórico.....	126
3.1.1 Programa Gaúcha Repórter.....	131
3.2. Rádio CBN Diário: histórico.....	148
3.2.1 Programa Notícia na Tarde	150
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS	177

INTRODUÇÃO

Em constante adaptação, o rádio tem sido personagem importante das revoluções tecnológicas da comunicação no último século. Desde as primeiras experiências para transmitir mensagens de voz à distância, a busca pela portabilidade foi uma constante. Receber e emitir informações em deslocamento tem sido um anseio humano que surgiu na ficção científica e que mais tarde pode ser concretizado pelo desenvolvimento das tecnologias da comunicação. Da iniciativa dos primeiros grupos de radioamadores até o surgimento das primeiras associações de entusiastas da radiofonia, um grande percurso é traçado. Neste processo, o meio representa uma revolução já que permite a acessibilidade por distintos estratos sociais, incluídos no consumo midiático depois da redução do custo dos receptores.

Para o emissor ou repórter, a portabilidade também revoluciona os processos produtivos da notícia. A miniaturização dos dispositivos técnicos para captação de áudios ou transmissões ao vivo levam a reportagem pra rua e colocam a notícia e a factualidade dos eventos no centro da produção jornalística. Esta escolha confere credibilidade ao rádio que precisa demarcar território na concorrência com a televisão. Esta ainda hoje enfrenta limitações em função da dimensão dos equipamentos necessários para a reportagem e transmissão ao vivo, muito maiores do que os utilizados pelo rádio.

Depois de ter rivalizado com a televisão e mais recentemente até mesmo com a internet, vista por alguns como uma ameaça ao imediatismo que o singulariza, o rádio soube tornar estas novidades parte de sua dinâmica produtiva.

As alterações apresentadas desde o advento da radiodifusão, não foram capazes de decretar a morte do veículo, como chegou a ser ventilado. Muito pelo contrário, estas passaram a potencializar suas características. De acordo com Zuculoto (2012) e Ortriwano (1985), abrangência geográfica, instantaneidade, imediatismo, sensorialidade, interatividade e mobilidade estão entre as principais características do rádio. No caso deste trabalho, a mobilidade nos interessa particularmente.

Com o desenvolvimento das telecomunicações, sobretudo das tecnologias portáteis e mais recentemente dos dispositivos móveis, a mobilidade do rádio tornou a produção de radiojornalismo ainda mais versátil e passou a interferir nas rotinas das redações, fortemente impactadas.

Para Del Bianco(2010), a cobertura diária dos acontecimentos ficou mais ágil e as entrevistas ao vivo foram facilitadas. Com o celular, por exemplo, o repórter pode realizar entrevistas ou fazer uma participação ao vivo de qualquer lugar.

O relacionamento com as fontes também foi beneficiado, já que o contato passou a ser feito mesmo durante o deslocamento, além das possibilidades de acessar conteúdos pela internet presente em dispositivos móveis. Esta facilidade de transmitir do local da pauta,

além de oferecer baixo custo, apresenta rapidez, diferente da lógica produtiva da televisão. Conforme Zuculoto (2012, p. 24), o rádio cada vez mais tem recursos para divulgar a notícia em primeira mão, “mesmo que, na atualidade, o quase centenário rádio convencional enfrente a concorrência da internet, por onde, aliás, igualmente transmite”, afirma a estudiosa.

Considerando este cenário, a presente pesquisa tem como **objeto de estudo** a mobilidade do rádio e seus impactos na produção de radiojornalismo. Para esta investigação, é norteador o seguinte conceito proposto por Zuculoto:

A mobilidade do rádio é uma característica que o rádio possui tanto do ponto de vista do emissor quanto do receptor. Pelo lado do emissor, o rádio pode estar presente, com grande facilidade, no local dos acontecimentos, tendo, também, condição de transmitir as informações com enorme rapidez (ZUCULOTO, 2012, P. 23)

Levando em conta estes aspectos, buscamos contribuir com os estudos contemporâneos sobre rádio e o resgate das transformações que historicamente o acompanham. Como veremos no decorrer dos capítulos, direto do local onde se dão os eventos, com transmissão simultânea aos fatos, o radiojornalismo pode diversificar as fontes, apresentando distintas versões e opiniões para o acontecimento. Para Meditsch (2001, p.209), “a radiodifusão distingue-se por sua condição *ao vivo*, e é percebida como tal, o que provoca um forte *efeito de realidade* e, através dele, a empatia do público” (grifos do autor).

Neste sentido, nosso estudo parte inicialmente da busca de A tecnologia do rádio: aspectos históricos, marco que, aliás, dá nome ao

primeiro capítulo do trabalho. Para tanto, nosso esforço foi para recuperar as transformações técnicas do meio, desde seu princípio como tecnologia, enquanto recurso para transmissão de mensagens à distância, passando pela invenção do transistor e da portabilidade. Além disso, nos detivemos na instalação do veículo no Brasil e nos primeiros usos da tecnologia do rádio para produção de radiojornalismo, a chegada da internet, incluindo as discussões sobre o rádio digital, até chegarmos às incorporações dos dispositivos móveis como *iPhones*, *tablets*, *smartphones* e outros na rotina da reportagem. Para refletirmos sobre tais questões, foram fundamentais as pesquisas de autores como Schiffer (1991), Moreira (2002), Meditsch (2007), Ferraretto (2001), Klöckner (2008), Zuculoto (2012), Del Bianco (2010), Ortrivano (1985), Cunha (2010), Lopez (2009) e Palácios (2003).

O debate fomentado pelos estudiosos sobre o desenvolvimento das tecnologias que tornaram o rádio cada vez mais móvel, demonstrou que a mobilidade é um fenômeno que envolve não só à produção radiofônica, mas a própria sociedade e, desta forma, o jornalismo. Presenciamos o estabelecimento de uma nova geografia da comunicação na qual tanto público quanto jornalistas estão inseridos, como apontado por Silva (2013), para o transporte voluntário ou não de dados de uma origem para um destino. Com o auxílio destes pesquisadores, verificamos que as características do rádio e sua aplicação/exploração na produção do seu jornalismo foram potencializadas pelas transformações tecnológicas. Por isso, sentimos a necessidade de uma nova revisão conceitual. Para tanto, construímos um segundo capítulo ao qual denominamos A mobilidade do rádio e os avanços tecnológicos. Esta

parte do estudo foi dividida em dois itens, o primeiro destinado a refletir sobre as características do rádio num contexto de mobilidades e o segundo, sobre a convergência midiática, enquanto um aspecto fundamental das mencionadas revoluções vivenciadas pelos meios de comunicação e pelo radiojornalismo. Pesquisadores como Silva (2013), Manovich (2001), Lemos (2002), Fidler (1997), Lopez (2009), Kischinhevsky (2009), Quinn e Pavlik (2002), Castells (2006), Pellanda (2006), Briggs (2010), Pool (1983), Jenkins (2009), Salavarría (2009), entre outros, foram indispensáveis neste percurso.

A partir destas leituras, nos dedicamos à análise da “Mobilidade na produção dos programas Gaúcha Repórter e Notícia na Tarde”, título do nosso terceiro capítulo. Para isso, fizemos um resgate histórico das emissoras em que estes estão inseridos, Rádio Gaúcha, de Porto Alegre (RS) e CBN Diário, de Florianópolis (SC), respectivamente. Na sequência, descrevemos a fundação de cada uma delas. Depois disso, partimos para a descrição de uma edição dos programas, com a intenção de exemplificar sua estrutura, para, em seguida, nos dedicarmos a uma escuta atenta dos demais constituintes da semana linear de observação da rotina produtiva deles. Esta audição resultou num detalhamento quantitativo, apenas para fins de ilustração, que nos permitiu fazer algumas reflexões acerca da produção radiofônica dos programas.

Nesta etapa introdutória do trabalho, é pertinente uma apresentação dos **métodos** empregados. Apesar da menção aos dados quantitativos feita no parágrafo anterior, esta investigação consiste numa pesquisa qualitativa, que se apoia nos conceitos do Jornalismo, na técnica do *newsmaking*. O termo está associado ao processo de produção

das notícias, que segundo Wolf (2008), se dá a partir da cultura profissional e da organização do trabalho e dos processos produtivos. Para Aguiar (2006), a cultura profissional está imersa num conjunto de representações sociais e rituais. Estes estão associados ao papel que os meios de comunicação e os jornalistas desempenham bem como à notícia, a matéria-prima do jornalismo.

Quando menciona a organização do trabalho e dos processos produtivos, o autor refere-se às restrições e convenções que delimitam a definição de notícia. Além disso, está imbricado neste processo, toda a cadeia a produtiva, que compreende a utilização de fontes e a seleção de fatos que devem compor um noticiário. Antônio Hohlfeldt (2007, p.203-204) considera o *newsmaking* sob a ótica da transformação dos acontecimentos do dia a dia em notícia. “Deste modo, é especialmente sobre o emissor, no caso, o profissional da informação, visto enquanto intermediário entre o acontecimento e sua narratividade está centrada a atenção destes estudos”, afirma.

Para este estudo, consideramos o *newsmaking* sob o ângulo do jornalista, aquele que produz a informação e sobretudo o método que utiliza para tanto. Murad (2002, p. 4) entende a notícia, sob a perspectiva do *newsmaking*, como uma construção do jornalista, que difunde a forma de produzi-la usando da cultura profissional. Com isso, ele diz que as decisões sobre o que deve ou não compor um noticiário se darão a partir da experiência do profissional, o que não oferece espaço para a participação do público nesta definição. Como veremos no terceiro capítulo desta dissertação, quando o repórter do Notícia na

Tarde, da CBN Diário, Osvaldo Sagaz, transmitiu uma entrevista com vereadores sobre a votação do plano diretor em Florianópolis, a pertinência da intervenção foi uma decisão dele, na rua, no palco dos acontecimentos. O assunto poderia ter sido dado por esgotado, mas o jornalista julgou que cabia um desdobramento maior.

Neste conjunto de procedimentos que constituirão a notícia, está incluído o relacionamento entre as fontes e os jornalistas nas distintas etapas da produção informativa. Com isso, Hohlfeldt (2007) menciona a captação da informação, seu tratamento e edição até a distribuição do conteúdo. Este processo começa com a identificação das pautas. No caso do programa Notícia na Tarde, como veremos neste trabalho, estas chegam pela internet. Para o Gaúcha Repórter, da Rádio Gaúcha, como se evidenciará mais adiante, na maior parte do tempo as pautas chegam com participação do ouvinte ou pela visualização do fato pelo repórter que está na rua.

Wolf (1999) entende este processo como decorrente de critérios e práticas para selecionar as notícias em meio a uma imensidão de ocorrências. Tudo isso, segundo o estudioso se dá a partir do que ele chama de noticiabilidade, que é composta por valores-notícia. “[...] os valores- notícia constituem regras que guiam o trabalho do jornalista, sugerindo o que deve ser recolhido, omitido ou realçado”, detalha Del Bianco (2005, p. 4). Estas práticas são demarcadas pelo meio de comunicação e as características do suporte utilizado, do público a ser atingido e o perfil do veículo.

Tuchmann (1977, apud Wolf, 2008) entende que, ao produzir a notícia, os meios de comunicação precisam divulgar acontecimentos relevantes para a sociedade e sobretudo aqueles que fogem do tradicional. Além disso, ela acredita que a apresentação da informação deve se dar de forma isenta, não tendo outro objetivo além do interesse público. E ainda, os acontecimentos a serem noticiados devem ser sempre os mais atualizados possíveis, ou seja, o que acontece agora é sempre a prioridade, levando ainda em consideração o local do acontecimento, portanto, os fatos da comunidade do ouvinte devem ocupar posição de destaque. No *Gaúcha Repórter*, a maior parte do programa é destinada à cobertura dos eventos da região metropolitana de Porto Alegre. Mesmo não tendo o factual como centralidade das pautas, o *Notícia na Tarde* também busca abordar temas em evidência na comunidade para a qual comunica, a Grande Florianópolis.

A seleção dos acontecimentos, na prática, pode ser condicionada pela ideologia do veículo de comunicação. No entanto, apesar de tantos filtros aos quais a notícia é submetida, o papel do profissional é decisivo, já que ele será o responsável pela apuração, busca de fontes e a escrita final do conteúdo.

Os critérios de noticiabilidade são constituídos de valores-notícia presentes no processo de produção, que compreende desde a escolha das pautas até o produto final.

Desta forma, o jornalista, enquanto produtor da notícia, é considerado peça-chave no conceito de *newsmaking*. Ele é compreendido no contexto da teoria do *Gatekeeper*. João Carlos Correia

(2011, p.79) explica o termo dentro do processo de controle da informação, à medida que esta flui através de um *gate* (portão) ou filtro. Com isso, o autor menciona o poder de selecionar notícias, filtrar temas e até mediar a informação especializada. Autores como Jorge Pedro Souza (2000, p.2) destacam que apesar das influências da organização de trabalho e dos distintos critérios usados para selecionar os acontecimentos, o jornalista enquanto indivíduo também tem papel fundamental. O trabalho dele será de decodificar as informações e apresentá-las a partir da sua visão de mundo, considerando devidamente os padrões e regras técnicas definidas para a construção da notícia. Além da já mencionada ação pessoal, o autor aponta a ação social como definidora deste processo. Ele entende que as notícias resultam também das dinâmicas sociais e, sobretudo do meio organizacional em que são constituídas. A ação ideológica também é indicada pelo estudioso como importante nesta cadeia, já que a notícia tem origem nos interesses dos grupos, sejam eles explícitos ou não. A cultura, o meio e a história também são consideradas por Souza como elementos utilizados na seleção dos acontecimentos.

Resumidamente, a produção do radiojornalismo passa por distintas etapas. Primeiro a definição da pauta, depois a captação e apuração dos acontecimentos, na sequência vem a seleção, considerando o que é mais interessante para o público, até chegar à redação e edição, quando estará produzido o conteúdo final.

Para nos auxiliar nesta compreensão, Mauro Wolf (2008) divide o trabalho do jornalista em três etapas, a coleta, a seleção e a edição e apresentação. Na compreensão do pesquisador, para o jornalista, o

desafio é levantar os fatos com potencial para virar notícia. No contexto de produção de reportagem assistida por computador (MACHADO, 2003), a atuação do repórter passa a ser alterada pelos releases de assessorias e conteúdos disponíveis na internet que substitui, em muitos casos, a coleta. Autores como Roberto Seabra (2008, p. 105), no entanto, entendem que a rua é o local onde deve estar o jornalista em busca de informação. Obrigado a conviver com a limitação do tempo, o repórter de rádio e o de TV, como destacado por Wolf (2008, p. 229), acaba fazendo uma elaboração passiva de notícias, apenas porque não pode deixar de dá-las. Nesta fase da produção de jornalismo, a prioridade é por fatos recentes ou em andamento. Em nossa observação no Gaúcha Repórter, por exemplo, assim que foi informada ao vivo durante o programa da primeira morte do feriadão da Proclamação da República, a reportagem foi acionada para o local da tragédia. Nos minutos seguintes, a cobertura do trânsito bloqueado em razão do acidente e a busca pela identificação da vítima ocupou grande espaço do programa.

Wolf (2008, p. 230) destaca, no entanto, que no encurtamento de *deadlines*, os jornalistas acabam optando por informações cuja origem não tem a devida credibilidade.

Outro aspecto abordado por Wolf (2008) para a seleção de notícias é o tempo disponível na grade de programação da emissora. Este aspecto pode justificar o descarte até mesmo de informações relevantes ou sua emissão de forma genérica.

Para a coleta de dados, são imprescindíveis alguns equipamentos para apuração e captação da notícia. Atualmente, a utilização de dispositivos móveis vem facilitando esta etapa do processo jornalístico. Um exemplo disso é o trabalho de Mateus Ferraz da Rádio Gaúcha, que enquanto se deslocava pela região metropolitana de Porto Alegre verificava os e-mails no *iPhone*, acessava o contato das fontes pelo *Google Docs* e fazia a ronda policial de dentro do carro. O mesmo era verificado na rotina do repórter Osvaldo Sagaz da Rádio CBN Diário, que se utilizava deste dispositivo para acessar orientações da produção, entrar em contato com as fontes por *WhatsApp* ou fazer ligações para possíveis entrevistados enquanto estava fora da emissora.

Outro aspecto a ser considerado neste processo é a qualidade do material coletado. Desta forma, entramos em outra etapa de produção, segundo Wolf (2008), a seleção. A construção do produto final começa com a definição das fontes, passa pela qualidade do material utilizado, a ideologia do veículo de comunicação até chegar ao interesse público. De acordo com Ortriwano (1985, p. 105), a notícia é submetida a uma verdadeira triagem, na qual a seleção se volta primeiro para os aspectos jurídicos, políticos e econômicos. Só depois é que poderá ser submetida aos critérios jornalísticos.

Na última fase do processo, Wolf aborda a edição e apresentação, que inclui a redação da notícia. “A fase de confecção e apresentação dos acontecimentos dentro do formato e da duração dos noticiários, consiste, precisamente, em anular os efeitos das limitações provocadas pela organização produtiva”, diz o estudioso (Wolf, 2008, p.

259). Para o rádio a redação é um dos principais elementos da produção da notícia.

Além da precisão gramatical, o texto para rádio precisa estar adequado à estrutura do veículo. O ouvinte não pode interferir na velocidade da recepção, nem dispõe de recursos complementares como a fotografia ou a imagem para compreender o conteúdo. Como dirige o texto exclusivamente ao ouvido, o rádio constrói uma mensagem fugida (Cabello, 1995, p. 1). Depois da edição, é chegada a hora da apresentação. No rádio do passado, havia um profissional destinado exclusivamente para esta tarefa. No radiojornalismo contemporâneo, o repórter acumula esta função, finalizando na maioria das vezes os conteúdos que vão ao ar. Um exemplo deste acúmulo de funções é a própria produtora Leda Limas que também atua como repórter, editora e apresentadora.

Barbeiro e Lima (2003, p. 78) sintetizam como deve ser a estrutura do produto: “as edições devem ser enxutas, ricas em conteúdos e didáticas para que o ouvinte saiba do que está se falando”. Este formato é verificado no Gaúcha Repórter, que além de ser devidamente roteirizado, o que diminui o risco de confusões de conteúdos durante a apresentação, também aposta em participações curtas de repórteres e entrevistados, o que torna a mensagem mais fácil de ser compreendida por quem ouve. O fator tempo sempre foi determinante para o jornalismo. Para o rádio, é dado o benefício da simultaneidade. Meditsch (2007, p.209) enfatiza que ao mesmo tempo em que se dá o fato, o rádio pode transmiti-lo. Mcleish (2001) acrescenta que o rádio permite ao ouvinte criar imagens mentais das informações transmitidas.

Considerando ainda a fugacidade característica do meio, o autor reforça a necessidade de um conteúdo preciso e lido com a devida correção e interpretação para que o ouvinte possa compreendê-lo.

Na etapa da apresentação da notícia, é imprescindível a atuação de um locutor, função atualmente incorporada às atribuições do jornalista, ao contrário do rádio do passado, que reservava um profissional exclusivamente para esta tarefa. Esta sobreposição de funções também se observa como decorrência da convergência midiática, como observado na rotina dos repórteres de rua do *Notícia na Tarde* e do *Gaúcha Repórter* que também produziam para distintas plataformas de comunicação.

Sobre a locução e apresentação no rádio, Ortriwano (1985) entende a atuação do locutor como baseada na leitura de notícias, enquanto o apresentador, utiliza um roteiro de conteúdos, sem fazer a leitura propriamente dita. Dele se espera a análise, opinião e comentários sobre os acontecimentos. Esta função é desempenhada amplamente pelo âncora do *Notícia na Tarde* da CBN Diário. Renato Igor tece longos comentários antes e depois dos conteúdos jornalísticos inseridos no programa. Percebe-se que ele faz um esforço em contribuir com a compreensão do ouvinte sobre as notícias que estão sendo divulgadas.

A mobilidade do rádio, destacada sobretudo a partir das mais recentes tecnologias, permite ao radiojornalismo produzir conteúdos em grande parte ao vivo. Isto ficou bastante evidente sobretudo nos resultados levantados a partir da análise do *Gaúcha Repórter*, no qual o uso do celular ocasionou na semana de nossa observação 97% dos

conteúdos transmitidos da rua. Este formato ao vivo pode se dar tanto pela transmissão de um programa do local onde se dá a pauta como pela entrada do repórter do ambiente onde transcorre o evento, contando com a apresentação feita de estúdio. Assim, a produção jornalística adota o momento presente como critério de noticiabilidade:

O conhecimento do absolutamente efêmero, até então desprezado por uma tradição letrada que possuía como principal parâmetro de validação a posteridade, revela-se cada vez mais fundamental para a sobrevivência numa sociedade que se move em velocidade crescente (MEDITSCH, 2007, p. 215).

Mesmo destacando a possibilidade do “ao vivo” como o grande diferencial do rádio, Meditsch (2007, p.209) afirma que o discurso radiofônico se constitui de um misto entre o “ao vivo” e o diferido e aponta este último como elemento importante na estruturação da informação no rádio, especialmente na reportagem radiojornalística.

A dimensão temporal é o eixo sobre o qual se estrutura o discurso eletrônico e é também em torno do tempo que, por simultaneidade e sucessão, torna-se possível a composição de significados e a própria existência de uma linguagem exclusivamente sonora” (MEDITSCH, 2007, p. 208).

Conforme o pesquisador, o rádio permite a concretização do ideal de dupla contemporaneidade do jornalismo, ou seja, a enunciação e a recepção do enunciado acontecem de forma simultânea. No entanto, cabe destacar que esta possibilidade é apenas uma parcela da temporalidade do rádio. Em muitos casos, a condição do diferido não é explícita, já que a transmissão se dá ao mesmo tempo. Com o auxílio de

um gravador, sonoras e entrevistas, em dadas situações, podem entrar no ar como se fossem “ao vivo”, a fim de estabelecer proximidade com o público.

Para Meditsch (2007, p. 210), o diferido é comum na programação radiofônica e é desnecessária sua ocultação, pois é elemento importante na construção do discurso radiofônico e nos diferentes níveis de ao vivo que o meio pode apresentar. Segundo o autor, devem ser considerados quatro níveis de “ao vivo”. O primeiro nível está presente no rádio desde sua origem, trata-se da simultaneidade entre a enunciação e a recepção, o que não significa o mesmo tempo em que se dá a produção do conteúdo e sua divulgação. O material pode inclusive ter sido gravado:

O vivo em primeiro grau refere-se assim ao paralelismo do tempo do enunciado com o tempo da vida real (o tempo do relógio), paralelismo este que atinge a sua expressão máxima no fluxo contínuo. Funcionando 24 horas por dia, o discurso do rádio atinge a isocronia absoluta com o tempo da vida real, provocando a torsão na linha do tempo de programação que passa a ser representada, visualmente, por uma espiral infinita (MEDITSCH, 2007, p. 210).

Já o “vivo” em segundo grau considera as condições em que a mensagem do rádio é produzida. Neste caso, a informação é escrita com antecedência ou até decorada, o que pode ser considerado também como diferido, mas adquire aspectos do vivo quando da sua interpretação “no ar”. “O discurso produzido pela apresentação de um texto ao microfone, embora mantenha as características de um conteúdo diferido, pode ser considerado um vivo em segundo grau” (MEDITSCH, 2007, p. 212).

Se a mensagem não for escrita antes de ser divulgada, o repórter improvisa, constituindo o que o pesquisador chamou de vivo em terceiro grau.

O vivo em terceiro grau parece para o público como direto, embora ainda não caracterize uma transmissão direta no sentido estrito da palavra. Para que este seja caracterizado, é necessária a simultaneidade também do acontecimento relatado, completando a isocronia entre quatro tempos: o do acontecimento, o da produção do relato, o da enunciação e o da recepção (MEDITSCH, p. 213).

Ao referir-se ao “vivo” em quarto grau, o autor fala da transmissão sem texto escrito previamente. O conteúdo passa a ser produzido simultaneamente, ao desencadear do evento. Embora algumas emissoras chamem outros graus de transmissão ao vivo pelo título de “direta”, o quarto grau é o único que faz jus ao conceito.

Bespalhok (2006, p.43) diz que na programação de uma emissora jornalística, os diferentes graus de vivo se alternam. Uma reportagem diferida pode ser anunciada por um apresentador de estúdio, com uma mensagem de improviso, ou um locutor que lê uma mensagem escrita chama uma reportagem simultânea.

A mesma pesquisadora destaca que a reportagem simultânea é o vivo em quarto grau, quando o acontecimento, a produção do texto, a narração e a recepção ocorrem ao mesmo tempo.

À medida que o fato vai se desenvolvendo a reportagem vai sendo construída, com o fio condutor da narrativa baseado no eixo da ação. Diante de vários eventos ocorrendo simultaneamente, o

jornalista precisa selecionar, rapidamente, o que será o foco de sua atenção, e conseqüente narração, a cada momento (BESPALHOK, 2006, p.134).

Reconhecida como forma de apresentação da informação no rádio, a reportagem oportuniza a reflexão, o debate acerca dos fatos e o aprofundamento de temas relevantes para a sociedade. Como afirma Milton Jung (2004), na reportagem, o jornalismo faz a diferença ao desvelar fenômenos, investigar a realidade, polemizar situações e proporcionar o esclarecimento do ouvinte. Esta é capaz de ser entendida como uma unidade informativa a ser explorada de forma criativa pelo radiojornalista, oferecendo um conteúdo diferenciado à audiência. Ainda assim, nem sempre é utilizada pelas emissoras, por exigir a dedicação de uma equipe empenhada em ir a campo, investigar os fatos, apurar a informação e finalizá-la com os devidos recursos de edição que possibilitem a compreensão da realidade por aquele que ouve. Nos programas analisados para este estudo observamos um relato dos acontecimentos no local do evento e a busca de um contraponto geralmente do estúdio. Com isso, verificamos que a reportagem numa dimensão ampla do termo não se concretizou plenamente.

Aqui, cabe uma diferenciação entre notícia e reportagem. Emílio Prado (1989, p. 48) afirma que a notícia é a menor estrutura da informação, podendo ser entendida como uma unidade apresentada de forma resumida, simplificada e obrigatoriamente neutra. Nilson Lage (2001, p.18) afirma que a notícia concentra-se no fato, já a reportagem aposta nas suas implicações, apresentando antecedentes, concentrando-se em investigar e interpretar os acontecimentos.

Podemos dizer que notícia e reportagem se diferenciam essencialmente pela profundidade. Enquanto a notícia se caracteriza pela concisão, a reportagem se dedica a aprofundar os fatos. Cremilda Medina (1978 p. 70) afirma que a função da notícia é basicamente informar, de forma rápida, clara e objetiva. Assim, está entre suas principais características a superficialidade, enquanto que a reportagem amplia os fatos, agregando informações para subsidiar a compreensão do público, apresentando o acontecimento de forma completa.

Verificamos nesta pesquisa, sobretudo no Gaúcha Repórter, uma notícia construída ao vivo, com a atuação de distintos jornalistas de forma complementar em momentos diferentes do programa. No entanto, esta reportagem, entendida como a ampliação e interpretação dos fatos não foi verificada em nenhum dos programas que compuseram este estudo.

O aspecto empírico do estudo foi obtido pela observação não-participante e por meio de entrevistas abertas não dirigidas. Além disso, uma análise de conteúdo dos áudios de cinco edições, ou uma semana, de cada um dos programas (Notícia na Tarde e Gaúcha Repórter) foi o ponto de partida para o trabalho. Mauro Wolf (2008, p.191) explica que a coleta de dados do *newsmaking* é feita pelo investigador inserido no ambiente que é objeto de estudo. Para tanto, o estudioso diz que além da observação, é possível obter informações por meio da conversa informal ou de entrevistas com as pessoas envolvidas nos processo de produção.

Uma das técnicas de pesquisa foi a entrevista aberta, que, segundo Duarte (2006, p.65) tem como ponto de partida um tema ou

questão ampla, depois do qual a conversa flui livremente, sendo aprofundada de acordo com os aspectos importantes identificados por quem conduz a conversa. A observação não-participante também está entre as opções desta dissertação. De acordo com Handem et. al (2004, p. 126), esta ocorre quando o pesquisador não atua no ambiente da observação e guarda certa distância do fenômeno. Para coleta de dados, utilizamos também a análise de conteúdo. Esta serve para a avaliação qualitativa e quantitativa dos áudios dos programas. Nesta etapa do processo foram analisadas cinco edições de cada um dos programas em questão. Para Laurence Bardin (1977, p. 42), a análise de conteúdo pretende obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, os indicadores para inferirmos conhecimentos quanto às condições de produção/recepção das mensagens.

Esta opção nos permitiu fazer uma análise detalhada dos conteúdos coletados, o que não seria possível se usássemos de outros métodos.

Nosso **objetivo geral** com o trabalho é evidenciar, descrever, sistematizar, como a mobilidade – uma das principais características do rádio – vem afetando e transformando o radiojornalismo. A ênfase do estudo é nas transformações contemporâneas, da fase do rádio virtual e explorando as mais recentes tecnologias que potencializam a mobilidade.

Para tanto, nossos objetivos específicos são resgatar bibliograficamente a mobilidade nas diferentes fases da história do rádio; verificar qual o papel da mobilidade na produção de radiojornalismo; sistematizar como as tecnologias recentes são usadas

na produção radiojornalística e avaliar como tais novidades afetam e transformam o jornalismo radiofônico na sua rotina atual.

A coleta dos dados se deu a partir da observação da produção e apresentação dos programas Gaúcha Repórter de 11 a 15 de novembro de 2013 e do Notícia na Tarde de 25 a 29 de novembro do mesmo ano. Estas edições totalizaram 20 horas de gravação.

1. TECNOLOGIA DO RÁDIO: ASPECTOS HISTÓRICOS

Apesar de já ter sua morte anunciada por diversas vezes em quase um século, o rádio resiste ao tempo e às mudanças produzidas pela história como uma mídia adaptada e versátil. Capaz de dialogar com distintos públicos, e contemporaneamente com diversas linguagens, sobrevive aos desafios das tecnologias em constante ebulição sempre aberto a novos diálogos com o jornalismo e sua audiência. Para compreendermos o fenômeno em que se insere este meio e, sobretudo sua mobilidade, característica que nos interessa especialmente nesta pesquisa, vamos retroceder no tempo fazendo um resgate das transformações vivenciadas pelo veículo do ponto de vista das tecnologias que o constituem até chegarmos aos recursos disponíveis na atualidade.

Ferraretto (2001) lembra que os princípios do rádio começaram antes do seu reconhecimento como meio de comunicação, quando, em 1753, Benjamin Franklin apresentou o uso da eletricidade para a transmissão de mensagens a distância, o que, mais tarde, foi usado para desenvolver o telégrafo e o telefone. Tal evolução fundamentou-se na

pesquisa de Samuel Morse, William Fothergill Cooke e Charles Wheatstone. Na sequência, o pesquisador Alexander Graham Bell patenteou em 1876 um aparelho que transformava as vibrações da voz humana em som.

Eduardo Meditsch (2007, p. 32), relata que, já em 1870, o físico inglês James Maxwell faz a demonstração teórica da existência de ondas eletromagnéticas capazes de se propagar no espaço. Isto foi comprovado pelo alemão Heinrich Hertz em 1888. No entanto, oficialmente, a história, sobretudo a européia, atribui a utilização prática desta comunicação a distância ao italiano Guglielmo Marconi. Este, que além de engenheiro era empresário, fez uma demonstração da comunicação sem fio em 1894, ao operar uma campainha. Só dois anos mais tarde, depois do desinteresse do seu país de origem, patenteou o invento na Inglaterra. Em 1901, ele faz a primeira transmissão sem fio de uma mensagem através do Atlântico.

No livro *O rádio na era da informação*, Meditsch (2007) recupera a visão do arqueólogo americano Michael Brian Schiffer (1991) e diz que o rádio foi concretizado em várias partes do mundo quase ao mesmo tempo, pois a invenção era um imperativo histórico e cultural.

Schiffer (1991), em *The Portable Radio in the American Life*, ao referir-se às invenções, diz que estas foram registradas primeiro na literatura de ficção científica e só mais tarde foram trazidas para a vida real:

Visões do que pode se tornar imperativo cultural normalmente aparecem na literatura popular. Por exemplo, os escritos de Júlio Verne, a partir de 1863, ajudaram a criar possibilidades reais para os imperativos culturais de viajar pelo ar e pelo espaço [...].

Um dos maiores especialistas em foguetes dos Estados Unidos, Robert Goddard, reconheceu, muito tempo depois, que sua inspiração vinha de Júlio Verne. Quando uma visão de futuro se torna um imperativo cultural, surgem esforços para torná-lo realidade por parte de indivíduos, empresas e mesmo governos. O conceito de imperativo cultural nos ajuda a entender os esforços realizados para criar um produto (SCHIFFER, 1991, p. 9). [Tradução nossa]¹

O arqueólogo americano (1991, p. 12-14) resgata o livro *Looking Backward*, no qual Edward Bellamy, em 1887, já imagina a eletricidade para iluminar e aquecer. O ficcionista descreve ainda cartões de crédito, tubos para distribuir produtos das fábricas para as casas e serviços de músicas para residências. Ele idealiza situações em que os músicos tocariam para serem ouvidos por telefone. As pessoas poderiam escolher o que ouvir e aos domingos, pela manhã, haveria mais de uma opção em sermões para serem meditados. Com isso, segundo Schiffer (1991), a ideia de uma sala de música para as casas, assim como as viagens aéreas, entraram na consciência americana como

¹ No original: Visions of what can become cultural imperative normally appear in popular literature. For example, the writings of Jules Verne, from 1863, helped create real possibilities for cultural imperatives to travel by air and space [...].

A leading expert on rockets of the United States, Robert Goddard, recognized long after, that his inspiration came from Jules Verne. When a vision becomes a cultural imperative, there are efforts to make it a reality by individuals, companies and even governments. The concept of cultural imperative helps us understand the efforts to create a product (SCHIFFER, 1991, p. 9).

imperativo cultural, esperando meios para se tornarem parte da realidade.

Meditsch (2007) recorre a Schiffer para explicar por que a primeira transmissão de voz por ondas eletromagnéticas é igualmente atribuída pela história oficial ao canadense Reggie Fassedon, na noite de Natal de 1906. O autor reforça que o pioneirismo, tanto do canadense quanto de Marconi, é questionado, pois evidências demonstram que os mesmos experimentos já eram realizados em outros países. Nos Estados Unidos, por exemplo, Nikola Tesla realizou a transmissão sem fio de um sinal sonoro em 1893. Enquanto isso, no mesmo ano, no Brasil, o padre gaúcho Roberto Landell de Moura demonstrou simultaneamente, em São Paulo, um telégrafo e um telefone sem fios capazes de transmitir mensagens a oito quilômetros de distância. Segundo Meditsch (2007), sem apoio local, o religioso teve os equipamentos destruídos pelos fiéis de sua paróquia, que atribuíram o fenômeno à intervenção demoníaca. O inventor conseguiu registrar tais patentes no Brasil, em 1900, e nos Estados Unidos em 1904, sem nunca obter o reconhecimento público por isso.

Na mesma obra, Meditsch (2007) conta que, apesar de ter surgido com estes experimentos, demorou alguns anos para que o rádio fosse difundido como meio de comunicação de massa. Segundo o autor, em função de possibilitar uma comunicação aberta, capaz de ser captada por qualquer pessoa que tivesse um receptor, a novidade foi avaliada negativamente. A percepção da época era de uma comunicação telefônica sem privacidade, o que impossibilitava o uso comercial e

militar, interesse das empresas e dos governos, potenciais financiadores das pesquisas. Assim, o uso inicial deu-se apenas para utilizações práticas como, por exemplo, no salvamento de navios em dificuldade.

Desta forma, não é adequado identificar o invento da comunicação sem fio com o surgimento do rádio como meio de comunicação de massa. Não foi o invento de uma técnica que marcou a sua criação, mas o invento de um determinado uso social para uma constelação de técnicas (a eletricidade, o áudio, a telefonia, a transmissão por ondas etc), que se cristalizaria numa nova instituição (MEDITSCH, 2007, p. 33).

Schiffer (1991) resgata, por exemplo, que na guerra dos Estados Unidos com a Espanha, em 1898, que aconteceu em Cuba, as notícias de uma batalha, mandadas por navio e por cabos demoravam uma semana para chegar aos Estados Unidos. O autor lembra também que em 1894, na batalha de New Orleans, entre Estados Unidos e Inglaterra, muita gente morreu, mas ninguém soube, pois as informações não chegaram até a América do Norte. Por fim, convencidos da importância desta tecnologia, os militares passaram a destinar verbas para pesquisas. O objetivo era descobrir formas de estabelecer uma comunicação com aparelhos portáteis.

O antropólogo americano (1991, p. 19) narra que já em 1904, Tesla imagina o rádio portátil num artigo publicado na revista *Electrical World*. Ele idealiza um sistema mundial de comunicação que será demonstrado como um modo eficiente de atingir as massas em países atrasados, nas regiões menos acessíveis. Este seria um aparelho simples e barato que poderia ser carregado no bolso e ligado em qualquer lugar

da terra ou do mar. A novidade permitiria gravar notícias ou mensagens especiais. Então, a Terra inteira seria convertida num cérebro interligado, passível de dar resposta em cada uma das suas partes.

A limitação maior da época era uma tecnologia de receptores que pudesse fazer a separação entre o som e a onda de rádio. Por isso, descobre-se que cristais, como a galena, eram bons detectores de áudio. Na sequência, surge o tubo a vácuo e a válvula que desempenham a mesma função.

Para Sonia Virgínia Moreira (2002, p.55), Tesla começa a trilhar o caminho para uma comunicação sem fio. Uma centena de artigos deste período, a maioria com a palavra futuro no título, apontava para uma fixação por tecnologia na sociedade da época.

Uma possibilidade para a mobilidade na comunicação é apresentada em 1904, segundo Schiffer (1991. p.23), numa feira de Saint Louis, nos Estados Unidos. Tratava-se de um transmissor instalado num carro, para que as pessoas pudessem se comunicar em qualquer ponto. Nesta mesma feira, outra novidade chamava a atenção: o moderno cachorro-quente.

A comunicação móvel sem fio, até então restrita a barcos, agora entrava na era dos carros e aviões. De Forest, por exemplo, cria nesta época um aparelho com capacidade de amplificar o som. Assim, o primeiro rádio de comunicação em dois sentidos, num avião, foi lançado em 1910. Na Primeira Guerra Mundial, todos os aviões tinham comunicação por rádio.

Schiffer (1991) lembra que em 1905 descobriu-se que a luz e as ondas eletromagnéticas poderiam ser desenvolvidas sem meio físico.

No tempo de Einstein, uma América mais móvel estava começando a desenvolver produtos industriais com maior portabilidade. Itens que poderiam ser movidos de um lugar para outro ou usados por um trabalhador numa variedade de ambientes eram produzidos em formas mais portáteis (...) (SCHIFFER, 1991, p. 27). [Tradução nossa]²

Na virada do século XIX, era possível comprar diversos aparelhos portáteis como, por exemplo, máquinas a vapor, furadeiras, lanternas, moinhos e fundições. Estes novos produtos, quase sempre sobre rodas, eram mais compactos e leves que os equivalentes que não ofereciam esta facilidade. No entanto, tais equipamentos eram mais caros e nem sempre funcionavam tão bem. Nas guerras, estas novidades eram imperativos culturais há muito tempo. Problemas com cabos de batalha podem ser considerados lendários e capazes de apresentar conseqüências devastadoras.

De acordo com Schiffer (1991, p. 27), alguns historiadores militares acreditam que a Guerra Civil Americana poderia ter acabado em seis meses, com menos derramamento de sangue, se a posição das tropas adversárias pudesse ter sido conhecida em tempo hábil.

² No original: In Einstein's time, more mobile America was beginning to develop industrial products with greater portability. Items that could be moved from one place to another or used by a worker in a variety of environments were produced in more portable forms (...) (SCHIFFER, 1991, p. 27).

Foi, segundo o autor, quando os Estados Unidos entraram na Primeira Guerra Mundial que começaram a ser produzidos aparelhos portáteis em grande escala. Nesta época, o rádio era visto apenas com finalidades militares. Sarnoff, um funcionário da American Marconi, em 1915, manda uma carta para a empresa com uma sugestão:

Eu tenho em mente um plano de desenvolver o que iria tornar o rádio uma utilidade doméstica, da mesma forma que o piano e o fonógrafo. A ideia é levar música para as casas pela comunicação sem fio. O receptor pode ser desenhado na forma de uma simples caixinha de música, que pode ser equipada com tubos de amplificação e um alto-falante de telefone. A caixa pode ser colocada numa mesa na sala de visitas, a sintonia ajustada e a música assim recebida (SCHIFFER, 1991, p. 31). [Tradução nossa]³

A empresa não se interessou pela proposta, na época. Vários amadores, então, passaram a transmitir de suas casas. Embora o rádio comercial não fosse ainda financeiramente viável, a tecnologia encontrava nos amadores um novo grupo de entusiastas que poderia tornar concreto o imperativo cultural da transmissão de entretenimento.

Jovens das classes média e alta eram atraídos para o rádio, pela literatura popular, porque era *glamouroso* e prometia ser um bom passatempo. Esse fascínio começa com os rádios de navio. Em 1909, aconteceu um naufrágio próximo à Ilha dos Açores, onde o operador de

³No original: I have in mind a plan to develop what would become the radio a domestic utility, just like the piano and the phonograph. The idea is to bring music into the homes by wireless communication. The receiver can be designed as a simple music box, which can be equipped with amplification tubes and a speaker phone. The box can be placed on a table in the living room, the tuning set and the music well received (SCHIFFER, 1991, p. 31).

rádio conseguiu comunicação e pediu socorro. Com isso, 1200 pessoas foram salvas. Os operadores viraram heróis e se tornaram modelo para a juventude americana. Assim, começam a surgir livros, revistas e manuais sobre o tema. Comunicar-se a distância vira uma febre entre os mais novos (SCHIFFER, 1991, p.35).

Os amadores eram, de fato, um grupo a parte, os primeiros nerds. Muitos deles liam furiosamente sobre eletricidade e eletrônica e construíam seus próprios receptores e transmissores. Com esses equipamentos, gastavam horas sem fim procurando colegas distantes (...) (SCHIFFER, 1991, p. 34). [Tradução nossa]⁴

Através da comunicação sem fio, eles ingressavam numa “terra do nunca”, na qual ouviam vozes sem corpo, vindas de barcos, capitães, jornalistas, inventores famosos ou amantes na noite. Esta era uma realidade invisível e misteriosa em algum lugar sobre e além da vida cotidiana, onde as regras de comportamento não poderiam ser impostas e de fato não haviam ainda sido estabelecidas. O jovem que entrasse nesse mundo poderia, sem ser impedido de se meter na conversa dos outros, participar de concursos de força, poder e território e vencê-los sem nenhum risco ou perigo físico (DOUGLAS 1991, p. 34).

A partir do crescimento das experiências de amadores, atentos às transmissões como forma de lazer, esta tecnologia começa a ser revista. Tal ressignificação do rádio passa a ser forjada no final da Primeira Guerra Mundial. Eduardo Meditsch (2007) conta, no entanto, que em 1893, o telefone já havia sido usado para transmitir concertos

⁴No original: Amateurs were, in fact, a group of the first nerds. Many of them read furiously on electricity and electronics and built their own receivers and transmitters. With this equipment, spent endless hours searching for distant colleagues (...) (SCHIFFER, 1991, p. 34).

para auditórios distantes e, em alguns locais, até para transmissão de notícias a assinantes. Este uso potencial do rádio foi insuficiente, no século XIX, para despertar o interesse comercial ou estatal que levasse à sua institucionalização.

Portanto, o rádio, no início do século XX, é apenas uma experiência de transmissão de sinais à distância. Trata-se muito mais de uma resposta da tecnologia e dos estudos da época do que o meio em si. Neste período, especialmente, o mundo passa por significativas mudanças, em grande velocidade, sobretudo sob o aspecto tecnológico. As pessoas mudam-se para outros países, deixam o campo e passam a residir nas cidades. Uma tecnologia que possa lhes proporcionar comunicação é o imperativo do momento. De acordo com Eduardo Meditsh (2007, p. 113), o rádio surgiu como telefonia sem fios, e esta origem o marcou para sempre. O autor sugere que esta possibilidade de comunicação a distância por muito tempo conferiu menor importância ao conteúdo.

O rádio transmite o som por um processo de transformação de energia que envolve a desconstrução e a reconstrução do fenômeno acústico. Ao final dessa última etapa, o fenômeno sonoro, originalmente desconstruído, está substancialmente modificado quando chega ao ouvinte.

O som é uma vibração das moléculas do ar (ou de outro meio) em ondas de compressão/rarefação que ocorrem em determinadas faixas de frequência (ciclos por segundo) captáveis por nossos ouvidos. A transmissão do som pelo rádio, assim como a sua gravação ou a sua mera amplificação numa sala de espetáculos, envolve a transformação da energia mecânica – o movimento das moléculas – em

corrente de energia elétrica. O processo de transformação do som em áudio ocorre nos microfones (MEDITSCH, 2007, P. 114).

O estudioso esclarece que o sinal analógico de áudio, ou seja, a corrente elétrica produzida nos microfones pode ser amplificada, adaptada e transformada em diversas formas, como por exemplo, a gravação. O ouvinte participa destas transformações, pois extrai o sinal de áudio da radiofrequência captada pela antena, transformando esta corrente elétrica em energia mecânica, que faz vibrar o ar pelo alto-falante, afirma Meditsch (2007, p. 114).

Apesar de tamanha potencialidade, Ferraretto (2001, p.89) destaca que foi apenas nos anos de 1920 que a empresa norte-americana Westinghouse passou a fazer uma emissão regular. O interesse da marca era simplesmente estimular a compra dos receptores que fabricava.

Conforme Meditsch (2007, p. 34), a iniciativa foi idéia do funcionário Frank Conrad. Ele era radioamador e conquistava um público fiel com um programa musical transmitido da garagem de casa. Com isso, a atração passou a ser apresentada da empresa, ou seja, é inaugurada a primeira emissora profissional do mundo, a KDKA, em Pittsburgh. Assim, em 2 de novembro de 1920, em oito horas seguidas de programação, foram transmitidos os resultados das eleições presidenciais americanas. Três anos depois, já havia mais de quinhentas emissoras profissionais licenciadas nos Estados Unidos (MEDITSCH, 2007, p.34).

Faus Belau (1981, p. 53) afirma que com a profissionalização, as empresas começaram a explorar a venda de publicidade. Assim, a convivência até então pacífica do rádio com o jornal impresso começa a entrar em atrito. Empresas jornalísticas já haviam montado suas próprias emissoras de rádio em 1924 e concluíam que esta utilização para divulgação das notícias estimulava a venda de jornais. No entanto, em 1932, a Associação de Editores dos Estados Unidos, revisou esta posição e obrigou as empresas a um acordo, no qual só poderiam ser transmitidos dois boletins informativos por dia, que iriam ao ar depois da saída dos jornais e com a limitação de 35 palavras de extensão.

1.1. A chegada do rádio ao Brasil

No Brasil, a história do rádio começa com a transmissão da ópera “O Guarani” e do discurso do presidente Epitácio Pessoa, durante as comemorações do Centenário da Independência no Rio de Janeiro em 1922. A iniciativa de transmitir ao vivo a festividade foi do professor Edgar Roquete-Pinto e do médico Henrique Morize (FERRARETTO, 2001, p.94). Mas para Walter Sampaio (1971, p.20) o início do rádio no Brasil pode ser demarcado em 1919, quando foi fundada a Rádio Clube de Pernambuco, cuja transmissão, embora sem frequência ou continuidade, foi feita em 6 de abril daquele ano. A entidade estava entre os primeiros grupos chamados amadores de radiofonia no país. Estes pretendiam divulgar conhecimentos sobre rádio e angariar novos adeptos, proporcionando formação para se constituírem em radioescutas, como descreve Federico (1982, p. 33).

A chegada desta tecnologia ao Brasil se justifica pelo interesse econômico da indústria norte americana preocupada com o enfraquecimento do mercado após o fim da Primeira Guerra Mundial. Durante o conflito, as informações a respeito de tropas no *front* europeu eram um estímulo à venda de aparelhos. Por isso, ocorre a primeira demonstração pública das facilidades tecnológicas proporcionadas pela radiodifusão. A Westinghouse apresenta a novidade no centenário da independência, durante a Exposição Internacional do Rio de Janeiro. Outra empresa norte-americana do mesmo ramo, a Western Electric, apresenta na ocasião dois transmissores de 500 watts cada um, adquiridos neste evento pelo governo brasileiro, interessado em amenizar a tensão política do país com a eleição de Epitácio Pessoa para presidência.

Nesta festa, o público ouviu as transmissões em vários locais da então capital federal por meio de alto-falantes. Entre eles, estava o Palácio do Catete e outros prédios governamentais. A Westinghouse distribuiu 80 receptores, conforme Ferraretto (2001, p. 94), para autoridades civis e militares. Tal demonstração atraiu a atenção dos pioneiros do rádio, servindo de ponto de partida para a criação no ano seguinte da Rádio Sociedade do Rio Janeiro, dando início à história da radiodifusão sonora no país.

No entanto, o rádio ainda era visto simplesmente como uma nova tecnologia, já que os usos que se poderiam fazer dele seriam explorados apenas mais tarde. A novidade fica um passo à frente do principal meio de comunicação da época, o jornal impresso, ao permitir

a divulgação de informações de forma imediata. O professor Roquette-Pinto viu no rádio um instrumento de transformação educativa. Ferraretto (2001, p.98) conta que conferências científicas, música erudita e análise dos fatos políticos e econômicos marcaram as primeiras transmissões da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. A notícia, segundo Zuculoto (2012, p.28), fazia parte da programação radiofônica ainda muito timidamente. Para a autora, nesta fase, o rádio era um veículo de transmissão elitista. Este adjetivo não pretende apenas qualificar uma programação voltada para as preferências de uma minoria letrada, mas refere-se ao fato de que os ouvintes eram sócios ou contribuintes que financiavam a emissora.

A rádio sociedade do Rio de Janeiro cobrava 100\$000 (cem mil réis) de “jóia”, deixando muito clara a idéia de agremiação. Havia ainda custo para as licenças do Ministério da Viação e do Departamento de Correios e Telégrafos, além da taxa mensal de sócio-contribuinte. À tudo isso era acrescentado o preço do receptor de galena, considerado caro para os padrões da época (JUNG, 2004, p.20).

Este receptor era a principal tecnologia nos primeiros anos do rádio brasileiro. Utilizando um óxido de chumbo em forma de cristal, eram detectadas as ondas, de acordo com Lopez (2009, p.24), já que a galena tinha propriedades semicondutoras.

Com o surgimento dos aparelhos a válvula e a possibilidade de adquirir receptores a preços mais acessíveis, os ouvintes se multiplicam, embora a notícia de rádio ainda se limite a uma cópia do impresso, sem qualquer ajuste à linguagem radiofônica.

Eduardo Meditsch (2007, p. 116) entende que tanto quanto o desenvolvimento das telecomunicações, um salto fundamental para o rádio, além do transistor, como veremos mais adiante, devemos considerar o aperfeiçoamento da fonografia, embora seja datada de 1877, portanto, mais antiga do que a radiofonia. Ela surge pelas mãos de Thomas Edison, passando por uma série de desenvolvimentos até ser incorporada no dia a dia das emissoras.

Primeiro, passou pelo processo mecânico em discos de acetato, que era demasiado caro e pouco portátil. Mais tarde, pelo processo magnético em arame e fitas de papel, que rebentavam com facilidade (MEDITSCH, 2007, p. 116).

No entanto, como destaca o pesquisador, foi a adoção da fita plástica reaproveitável que resolveu esses primeiros problemas e sua miniaturização, com a invenção dos cassetes, proporcionou a portabilidade que universalizou o uso na reportagem.

No Brasil, o rádio foi fortemente influenciado pelos Estados Unidos. Lá a processo de radiodifusão sonora ocorre mais rapidamente do que na Europa e no restante do mundo, segundo Ferraretto (2001, p. 92): “(...)em 1925, já existiam transmissões regulares em 19 países europeus, na Austrália, no Japão e na Argentina. A estes pode-se acrescentar o Brasil (...)”, diz o autor. Segundo ele, desde 1919, a British Marconi fazia emissões regulares na Grã-Bretanha, vindo a criar, com apoio de outros grupos empresariais, em 1922, a British Broadcasting Company. Quatro anos mais tarde, o governo britânico estatiza a radiodifusão no país, dando início à British Broadcasting Corporation. Assim, a BBC instaura uma

forma de fazer rádio diferente da norte-americana, vindo a servir de modelo para toda Europa até 1970.

Zuculoto (2012, p. 24) afirma que, desde o aparecimento do rádio no Brasil, este evoluiu de forma a funcionar com características próprias e definidoras de elementos como linguagem e técnicas de produção. A pesquisadora diz que tais características foram se evidenciando, sendo descobertas e aperfeiçoadas de acordo com o processo de instalação e transformações sofridas pela radiofonia.

A estudiosa indica que as principais características do rádio, como veremos mais detalhadamente no capítulo 2 desta pesquisa, são: utilizar-se da linguagem sonora, ser popular, no sentido de atingir todas as camadas da sociedade, abrangência geográfica, ter baixo custo, sensorialidade, empatia com o público, instantaneidade, imediatismo e a mobilidade, característica que interessa especialmente ao nosso estudo.

Por isso, quando o rádio se instala no Brasil, elas ainda não estão presentes de todo ou, pelo menos, ainda não são projetadas como perspectiva futura, ou não são reconhecidas, ou simplesmente não são utilizadas na sua integralidade (ZUCULOTO, 2012, p. 23).

Para Luiz Beltrão (1968, p.115), o rádio foi incorporado ao cotidiano das pessoas por se tratar do primeiro veículo a entrar na casa das famílias, passando a integrar a intimidade.

[..] torna-se uma presença invisível, mas audível e atuante na existência de cada indivíduo em particular. A palavra e o som, incorpóreos e ampliados, tornaram-se companheiros do homem [...] Com o rádio, o som recebeu nova dimensão, a palavra ganhou mais poder (BELTRÃO, 1968, p. 115).

Nesta relação estabelecida com a audiência, o diálogo do rádio se intensifica pela incorporação do jornalismo, prática que foi facilitada pelos avanços tecnológicos.

1.2. A tecnologia do rádio a serviço do radiojornalismo

O radiojornalismo deu seus primeiros passos no Brasil em 1925, com o próprio Edgar Roquette-Pinto comandando o Jornal da Manhã na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. O pai do rádio nacional, além da apresentação, fazia a produção do programa pessoalmente. O trabalho consistia em marcar as notícias mais importantes dos jornais, fazendo esta leitura no ar. “Era o modelo de jornal falado, que depois seria reproduzido em larga escala no rádio brasileiro”, (LOPEZ, 2009, p. 467). Segundo Ortriwano (2002-2003, p.69), as notícias não eram simplesmente apresentadas, os fatos eram contextualizados e comentados ao vivo. A estrutura de um jornal falado ajudava o ouvinte a compreender melhor o noticiário de rádio, ao referir-se a algo com o qual ele estava habituado (DEL BIANCO, 2010, p.4)

Depois da leitura diária dos jornais, Roquette-Pinto telefonava para o estúdio da emissora e pedia ao técnico para que colocasse a rádio no ar. Milton Jung (2004, p. 19) lembra que por telefone mesmo os destaques dos jornais impressos eram apresentados de forma espontânea e improvisada. O objetivo era levar o ouvinte à reflexão. Com isso, podemos dizer que o rádio dá os primeiros sinais da mobilidade de transmissão, amplamente explorada anos mais tarde e até os dias de hoje.

Nestes primeiros anos da história do rádio, o conteúdo estava centrado na notícia do jornal impresso, tratando-se de uma simples transposição em termos de formato e unidade informativa. Para Meditsch (2007), na prática, o que diferencia os dois meios é a temporalidade. Para Del Bianco (2010, p.3), nesta época, o rádio constituía a chamada *gilettepress* ou *tesoura press*. A linguagem radiofônica era entendida apenas como uma forma de apresentação do texto escrito. Segundo Ortriwano (1990, p.82), mesmo sendo marcada por textos longos, cheios de opinião, a narrativa do jornal impresso ainda servia como modelo de redação para o rádio, que, ainda embrionariamente, se diferenciava por ser mais concisa e direta.

Em 1930, com a maioria da população sem saber ler nem escrever, o rádio começa a funcionar como um fomento à participação do cidadão na vida do Brasil, criando um elo entre o indivíduo e a coletividade (ORTRIWANO, 1985, p. 19).

Segundo Meditsch (2007, p.35), também na mesma década de 1930, na Europa, o rádio enfrentou restrições para transmissões de notícias. Assim como nos Estados Unidos, os conflitos com os jornais impressos passaram a limitar a divulgação de informações. Na Inglaterra, por exemplo, de acordo com o pesquisador, o governo só autorizou a divulgação de notícias pelo rádio depois de elas serem transmitidas pelos impressos. Na França, conforme relato do estudioso na mesma obra (2001, p.35), o rádio provocou uma reação negativa dos organizadores dos Jogos Olímpicos de Colombes, que temeram a

diminuição do público com as transmissões ao vivo e impediram o ingresso de radialistas nos estádios.

Sonia Virgínia Moreira (2002) explica que na segunda metade dos anos de 1930, as ondas curtas foram fundamentais para as comunicações via rádio entre os Estados Unidos e a Europa. “Graças a esse novo recurso de transmissão, ao crescente aumento da potência das emissoras e ao aperfeiçoamento técnico de radiodifusão, as ondas curtas conseguiram unificar a comunicação terrestre”, esclarece a autora (2002, p. 75). No Brasil, o sistema de transmissão em ondas curtas começou durante a Segunda Guerra.

Meditsch (2007, p.115) acredita que com o rádio cria-se uma nova relação entre o público, as informações e os acontecimentos a que estas se referem. “Antes dele, havia necessidade das pessoas se deslocarem a um local público para tomarem conhecimento dos fatos sociais”. Quando a imprensa se populariza, de acordo com o autor, isso já não era mais obrigatório, pois as notícias poderiam ser conferidas mais tarde.

Com o rádio, as informações poderiam chegar ao público no instante da ocorrência, embora, em princípio, por motivos técnicos, isso só fosse possível com alguns poucos acontecimentos previsíveis, devido à necessidade de preparação da transmissão e do deslocamento de equipamentos, como ainda hoje ocorre com a tevê (MEDITSCH, 2007, p. 116).

Durante a Segunda Guerra Mundial, conforme Meditsch (2001, p. 35), o rádio ganhou destaque pela descoberta de sua utilidade

política e social. No Brasil, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro investe no aumento da potência, fazendo chegar a um maior número de brasileiros e a ouvintes em outros países sua programação. Com isso, a América Latina ganhava uma das cinco emissoras mais potentes do mundo (MOREIRA, 2002, p. 75). É o período da chamada Era de Ouro do rádio, com os programas de auditório, de humor, concursos de calouros, além dos musicais e radio novelas. O jornalismo vai sendo inserido aos poucos, segundo Milton Jung.

A notícia dividia o tempo com a indústria do entretenimento (...). Foi parceira do esporte, que se consagrou com narrações das partidas de futebol, principalmente. Informar foi verbo conjugado em todos os tempos do rádio (JUNG, 2004, p.35).

A tecnologia do telégrafo, uma novidade no período, possibilitou a formatação de uma nova linguagem para o meio. “O noticioso *Repórter Esso* marcou essa mudança ao adotar como principal fonte de informação a agência de notícias *United Press*” (DEL BIANCO, 2010, p. 3). Conforme Zuculoto (2012, p.29), o noticioso é implantado a fim de trazer com mais rapidez as notícias da Segunda Guerra Mundial. Quando a guerra acabou, como lembra Sonia Virgínia Moreira (2002, p. 74), o modelo de rádio norteamericano já estava incorporado ao rádio brasileiro, bem distante da linha educativa anunciada por Roquette-Pinto. O meio firmou-se como comercial e privado. A adoção da agência de notícias como fonte para o radiojornalismo, no entendimento de Del Bianco (2010, p.3), é um exemplo de como o uso de uma nova tecnologia está relacionado à oportunidade e à necessidade de um momento histórico.

Neste caso, a adoção desse modelo de produção foi um instrumento de construção da hegemonia, num sentido gramsciano, no contexto mundial e nacional em relação às disputas políticas, ideológicas e culturais, especialmente no período da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria. A notícia não servia apenas para informar, mas era instrumento de propaganda política e ideológica. (DEL BIANCO, 2010, p.3)

Na época, como conta Ferraretto (2001, p.127), um noticiário semelhante já existia nas capitais de países para onde se voltava o interesse de guerra norte-americano. “Buenos Aires, Santiago, Lima e Havana, assim, tinham a sua versão do Esso, além de uma transmitida em Nova Iorque”, diz.

No Brasil, o formato teve início em 1941 e terminou em 1968, explica Luciano Klöckner (2008, p.16): “Ao longo desse período, o noticiário acompanhou os principais fatos sociais, políticos, econômicos, transformados em história, e reconstruiu a memória do mundo e do Brasil”, afirma.

Embora tenha se tornado tradicional no rádio brasileiro, o Repórter Esso tem suas raízes no modelo de radiojornalismo dos Estados Unidos e chega ao Brasil por meio da agência de publicidade da Esso. Para Zuculoto (2012, p. 29), este pode ser apontado como responsável pelas técnicas de produção que a notícia vem construindo no Brasil. “(...) o ‘Esso’ é determinante no nosso modelo de notícia: síntese, clareza, objetividade na forma e na estrutura do relato. E assim, com o ‘Esso’, o *lead* chega ao Brasil pelas ondas do rádio”.

O formato conquistou ouvintes, ao apresentar conteúdo sempre no mesmo horário, com a duração fixa de cinco minutos.

Com o sucesso da iniciativa, Heron Domingues, o principal apresentador do Repórter Esso no Brasil, formata nesta época a Seção de Jornais Falados e Reportagens da Rádio Nacional, ou seja, a primeira redação radiojornalística brasileira, conforme narra Ortriwano (2001-2002, p. 72). A partir de então, o trabalho na redação passa a contar com rotinas, hierarquias e funções para cada um dos jornalistas. O noticiário ainda seguia o modelo de organização do impresso. “Na abertura, as manchetes, o número da edição, a data da emissão. A seguir, as notícias eram organizadas em seções (nacional, internacional e local)”, explica Del Bianco (2010, p.4), numa referência a um formato reconhecido pela audiência.

Nesta época, apesar da popularização, os receptores ainda eram grandes, pesados e dependentes de válvulas e energia elétrica para funcionar.

Nos primeiros anos do veículo, a mobilidade e a instantaneidade não eram preocupações para quem tinha acesso aos microfones. Voltado para o ideal de formar e educar o ouvinte, o rádio ainda não dispunha de estrutura para apuração, convivia com limitações em termos de preparação profissional e com a precariedade técnica das transmissões.

Conforme Ferraretto (2001, p.138), cientistas da Bell Telephone Laboratories, apresentaram em 1947 a tecnologia do transistor. A novidade mudou a história do rádio para sempre ao promover a

ampliação de sinais elétricos por meio do uso de gerânio como material semicondutor. O estudioso lembra que só em 1954 chegou às lojas de Nova Iorque e Los Angeles o primeiro receptor transistorizado. Com isso, as grandes válvulas, dependentes da rede elétrica, cederam lugar a pilhas, que deram ao aparelho o benefício da portabilidade. Com esta nova tecnologia, reconfigura-se a relação entre ouvinte e rádio. Este conquista o lugar de companheiro do público, já que passa a se deslocar com o usuário a todos os lugares.

Segundo Magda Cunha (2004, p.4) com o transistor as pessoas passam a ser consideradas consumidoras das novidades tecnológicas fabricadas em larga escala. A autora lembra na mesma publicação, que a miniaturização não é exclusividade do rádio, neste período. Conforme a pesquisadora, diferentes áreas realizam este processo, interessadas na portabilidade e a conseqüente ampliação do mercado. A idéia é corroborada por Ortriwano:

Uma série de inovações tecnológicas são especialmente favoráveis ao renascimento do rádio e à transmissão jornalística. Entre elas, o gravador magnético, o transistor, a frequência modulada e as unidades móveis de transmissão (ORTRIWANO, 2002-2003, p. 76).

Esta aproximação da audiência, proporcionada pelo transistor, tanto do ponto de vista do conteúdo, quanto da tecnologia, é entendida por Magda Cunha (2010), como um dos momentos mais importantes da trajetória radiofônica.

A invenção do transistor, como a história relata à exaustão, foi talvez uma revolução que supera a

própria base do rádio de transmissão de informações a distância. Isto porque a miniaturização proporcionou que cada indivíduo, letrado ou não, pudesse levar consigo, a qualquer lugar um aparelhinho que lhe manteria informado. O fato, em contexto de desenvolvimento das cidades e de grande mobilidade possibilitou que aqueles conteúdos, até então restritos ao ambiente doméstico, estivessem em qualquer lugar. De certa forma, dava à mobilidade fria das metrópoles um tom de aconchego dos lares (CUNHA, 2001, p.4).

No Brasil, os primeiros rádios de bolso transistorizados chegaram na década de 1960, como explica Sonia Virgínia Moreira (2002, p.86). “Os rádios miniaturizados representam o primeiro investimento de vulto das empresas japonesas de aparelhos eletrônicos no mercado internacional (...)”, detalha a pesquisadora. Para ela, mais do que o aspecto da portabilidade, a invenção é a primeira a demonstrar a utilidade de materiais semicondutores: “(...) amplificando sinais eletrônicos e funcionando como uma espécie de interruptor (um botão para ligar/desligar)”, esclarece a autora (MOREIRA, 2002, p. 84). O baixo consumo de energia, o fato de não esquentar e o barateamento dos aparelhos também estão entre as vantagens desta novidade, no ponto de vista da estudiosa. Dines (2007, p.12) entende que a miniaturização e a portabilidade converteram o rádio, enquanto aparelho de recepção, em verdadeira extensão do homem.

O rádio não tem matiz político, favorece quem sabe usá-lo, gosta de usá-lo e nele acredita. É um extraordinário meio de comunicação tanto para as massas iletradas como para os segmentos intermediários e elites. Ajuda na mobilidade social, agrega valor ao processo de crescimento econômico. E, apesar do padrão que já alcançou no Brasil hoje, sob o ponto qualitativo, está longe de atender à sua

vocação como agente de mudança (DINES, 2007, p.12).

Nesta fase da evolução tecnológica do rádio, os aparelhos passam a ter custo reduzido, tornando-se mais acessíveis e, portanto, capazes de atingir um público maior. Sem a dependência de fios e tomadas, o rádio se alforria dos limites da sala de estar, acompanhando a audiência a todos os lugares. Do ponto de vista da emissão, no entanto, impõe a repórteres e locutores o desafio de, aos poucos, transformar a linguagem, que ganha um tom mais coloquial.

Luiz Beltrão (1968, p.113) entende o transistor como a solução técnica para levar o rádio às ruas.

Onde quer que o homem se encontre, desfrute ou não o conforto da civilização, na mais recôndita longitude, não estará sozinho: ouvirá pelo receptor transistorizado o eco das grandes cidades, acompanhará os sucessos, a voz da multidão, manter-se-á em dia (e em hora) com o palpitar da comunidade internacional e nacional e palpitará com ela. O transistor permitiu a sintonização do homem com seus irmãos distantes, sem quaisquer barreiras (BELTRÃO, 1968, p.113).

Para Magda Cunha (2005-2006, p.2), o rádio acaba tornando-se, assim, um complemento à TV e atende à demanda de um tempo em que a individualidade é imperativa. Este é um período em que o meio busca acentuar sua singularidade para fazer frente à concorrência com a televisão. A novidade apresentada pela imagem atraía não apenas o público, como profissionais e anunciantes do rádio. “Sem dinheiro, não havia como investir na renovação técnica de equipamentos, e menos

ainda manter um *cast* profissional formado por cantores, músicos, comediantes e animadores”, resgata Del Bianco (2010, p.4). Eduardo Meditsch (2007, p. 118) explica a chegada da televisão como um desdobramento da própria tecnologia do rádio. “Ao mesmo tempo em que o meio perdeu quase todos os seus recursos e, a princípio, até a sua identidade para a novidade audiovisual, ganhou aos poucos um novo espaço e um novo sentido (...)”, comenta o pesquisador. Desta forma, o rádio surpreende, superando-se para não ser superado. “O que foi visto, a princípio, como um passo além na evolução, revelou-se, afinal, como uma bifurcação de um caminho mais complexo do que parecia”, diz Meditsch (2007, p. 118).

Neste cenário, o jornalismo assume o papel de protagonista do momento. Segundo Gisela Ortrivano (1985, p.22), o rádio aposta na comunicação ágil, noticiosa e de prestação de serviços, em oposição às produções dispendiosas e ao número elevado de técnicos e comunicadores exigidos em sua chamada *Era de Ouro*.

Para enfatizar sua credibilidade, neste momento em que rivaliza com a TV, a reportagem radiofônica é levada para a rua pela primeira vez em 1948. Emissoras como a Continental e a rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro bem como a Record e a Bandeirantes, de São Paulo, segundo relato de Milton Jung (2004, p.37), assumiram o desafio de apresentar informações ao vivo, mesmo tendo que administrar limitações como a falta de mobilidade dos equipamentos. Com a ajuda de pessoas para carregar o material, o indispensável para a técnica e transmissão era levado para o local da pauta. Com uma linha telefônica,

o repórter dava aos ouvintes informações direto de um ambiente próximo ao do acontecimento, embora corresse o risco de perder em atualidade e precisão no relato dos fatos. A novidade é contextualizada por Eduardo Meditsch e trazida para a atualidade:

(...) a extensão da rede telefônica, aos limites geográficos da civilização, levou junto a capacidade do rádio captar informação sonora nos seus confins, em tempo real. Os sistemas multiplex de telefonia múltipla permitiram provocar diálogos públicos entre personalidades fisicamente distantes, tornando o rádio um precursor que demonstraria a utilidade das redes eletrônicas, recentemente popularizadas pela telemática (MEDITSCH, 2007, P. 116).

Nelia Del Bianco (2010, p.4) explica que a veiculação de prestação de serviços, notícia, esportes e até música gravada é a saída para o rádio neste momento em que busca reconquistar o espaço perdido para a televisão. A pesquisadora entende que a reportagem de rua ganha força e confere à produção jornalística autonomia para levantar conteúdo próprio, diminuindo a dependência de outros meios. “Nas décadas de 60 e 70, a programação jornalística consolida-se no rádio por meio de emissoras especializadas em notícias”, pontua Del Bianco (2010, p. 4).

Com a TV cada vez mais popular, a alternativa das emissoras de rádio para superar a crise foi a busca de um modelo de rádio local, com uma programação diurna, portanto, sem concorrer com o horário nobre da televisão, como esclarece Sonia Virgínia Moreira (2002, p. 89).

Apurar e verificar fora da redação e estúdio tornou-se mais fácil com o surgimento do gravador portátil, de acordo com Del Bianco (2010,p.4): “O repórter podia colher o depoimento da fonte não apenas para repassar a informação em outras palavras, mas para gravar a entrevista e retransmiti-la aos ouvintes com mais agilidade”, explica a autora. As dificuldades com o peso e o volume dos gravadores de fita de rolo, movidos a bateria, na década de 1950, ficaram na memória do jornalista João Batista de Abreu (2000, p.133). Somente um técnico tinha a habilidade necessária para operá-lo. Tais limitações dos aparelhos impediam a movimentação do repórter no cenário da pauta. Meditsch (2007, p. 143) entende que para o rádio, a chegada da fonografia trouxe a possibilidade de usar de maneira combinada o tempo real e o diferido, desenvolvendo assim, a linguagem atual do meio.

Mais tarde, as unidades móveis de transmissão aceleraram o trabalho e favorecem a presença do jornalista no ambiente da pauta, relatando ao vivo os acontecimentos. Com isso, são produzidas alterações na construção da notícia radifônica, como resgata Lopez (2009, p. 29).

Esta reinvenção explora o imediatismo e a mobilidade. Nesta época, embora já fosse possível a transmissão radiofônica do local do evento, as entradas na programação precisavam ser curtas, pois os equipamentos eram alimentados pela bateria do automóvel.

No mesmo período, a telefonia fixa era uma possibilidade para o radiojornalista. Agora, com uma apropriação distinta daquela feita pelas rádios JB, Record e outras no fim dos anos de 1940. A telefonia

convencional até o início dos anos 2000, para muitas emissoras, diante dos custos elevados da ligação para telefone móvel, era uma alternativa para reportagem externa. No entanto, o recurso apresentava certa limitação, pois não permitia ao repórter deslocar-se para acompanhar o fato. Ao se ausentar do ambiente do evento para o uso do telefone, muitas vezes público, o jornalista corria o risco de perder em atualidade nas informações (LOPEZ, 2009, p.29). Por muito tempo, este artifício foi usado para envio de conteúdo. Com um gravador cassete, que era aproximado do telefone, entrevistas inteiras eram enviadas para a técnica da rádio. Em alguns casos, os repórteres faziam uma edição manual, separando trechos da fita em que estavam as declarações apropriadas para o boletim que tinham em mente. A estas era associado um texto escrito ou construído de improviso que descrevia o cenário e fazia a “costura” entre as citações sonoras, constituindo a reportagem.

Esta valorização do testemunho sonoro, por meio da entrevista, modificou o conteúdo da informação transmitida pelo rádio. Durante a ditadura militar, por exemplo, quando a imprensa esteve sob o olhar atento da censura, as declarações passaram a ganhar conotação de fato, pois a versão oficial do que acontecia no país era aquela emitida ou declarada pelos militares. “Predominava o jornalismo de ‘afirmação’, em detrimento ao de ‘verificação’”, afirma Nélia Del Bianco (2010, p.4).

Meditsch (2007, p. 117) assinala que o jornalismo declaratório se consolida também em razão dos avanços da fonografia, que consiste no som adiado ou a transmissão diferida, como o autor prefere chamar.

As possibilidades de seu armazenamento por tempo indeterminado, além das diversas maneiras de manipulá-lo, cortá-lo, editá-lo, montá-lo abriu novos caminhos na linguagem do radiojornalismo, no entendimento do estudioso.

A partir destas, nota-se também uma modificação nos critérios de conteúdo, com a valorização crescente de um “jornalismo de declarações”, substituindo o relato de fatos como matéria predominante (MEDITSCH, 2007, p. 117).

Del Bianco (2010) compreende que em paralelo a este fenômeno, as décadas de 1960 e 1970 são de consolidação do jornalismo local. Na coexistência com a TV, que comanda coberturas de grandes acontecimentos, o rádio reafirma seu valor na prestação de serviços à comunidade, estabelecendo um laço com a realidade local ao dar informações como tempo, trânsito, condições das estradas, importantes para o dia a dia da população, afirma Bianco (2010, p.5).

Esta proximidade da audiência, é importante destacar, é acentuada pelo transistor, como já comentamos nesta pesquisa. No entanto, embora tenha sido criado nos anos de 1940, os aparelhos transistorizados só se popularizam no Brasil vinte anos mais tarde. Com isso, em plena ditadura, os brasileiros vivem um momento singular no consumo das mídias, como explica Del Bianco (2010, p. 6): “A disseminação do invento assegurava o caráter de intimidade do rádio, a identidade afetiva com o ouvinte”, declara a estudiosa.

Ela explica que o radiojornalismo deste período se caracteriza por um processo produtivo da notícia constituído a partir de valores próprios dos recursos tecnológicos disponíveis.

Entre eles estava o de atualidade (noticiar o que acontece no presente em não no dia anterior), imediatismo (os fatos podem ser transmitidos no momento em que ocorrem) e instantaneidade (a notícia precisa ser recebida no momento em que foi emitida) (DEL BIANCO, 2010, p. 5).

Apesar dos avanços desta ordem, que para a autora colocam em prática a natureza tecnológica do rádio, grande parte do conteúdo ainda se baseava em entrevistas gravadas e editadas. A reportagem ao vivo ainda não havia sido totalmente absorvida ao cotidiano de grande parte das rádios brasileiras. O tempo demandado para captar, editar e veicular afastava o ouvinte da situação e do instante em que o fato transcorreu, embora esta divulgação possa ser feita no mesmo dia. Mesmo com tudo isso, o rádio permanecia em situação de vantagem em relação ao impresso que noticiava o que havia ocorrido um dia antes.

Este imediatismo, uma das características do rádio, passa a ser amplamente explorado com o desenvolvimento de dispositivos técnicos que possibilitaram ao repórter transmitir ao vivo, direto da cena da pauta, segundo Del Bianco.

O tempo entre o acontecimento e a veiculação da notícia foi encurtado. A cobertura ao vivo criou uma sensação de participação do ouvinte no cenário dos principais acontecimentos políticos da época. A população estava ávida por notícias a respeito das mudanças políticas com o fim de vinte anos de

ditadura militar: eleição direta para governador, retorno dos exilados ao Brasil e eleição indireta do primeiro Presidente da República civil (DEL BIANCO, 2010, p. 5).

Nos anos de 1960, nos Estados Unidos, dá-se a transição da amplitude modulada (AM) para a frequência modulada (FM). No Brasil, a faixa se popularizou apenas dez anos depois. Sonia Virgínia Moreira (2002, p.92) entende este processo como natural no aproveitamento das ondas sonoras. Fornatale and Mills (1980, p.119), citados pela pesquisadora, explicam que a amplitude modulada significa uma alteração no volume do sinal. Com isso, a distância entre a altura da onda de rádio e a sua base é aumentada. No caso da frequência modulada, há uma alteração na intensidade do sinal, ou seja, a altura das ondas de rádio é constante, mudando apenas a distância entre as cristas. Quase todas as emissoras operando em FM apresentavam programações musicais. A qualidade sonora superior desta frequência criou um novo conflito: o rádio AM estava em desvantagem na transmissão de canções, o que representava perdas em audiência e, portanto, comerciais. Restou ao segmento investir na produção de programas de entrevistas. A melhoria da qualidade do som e a diminuição dos custos estão entre as vantagens apresentadas com a chegada da FM. Eduardo Meditsch aponta ainda o fato de a novidade ter multiplicado o número de emissoras, como um marco desta fase:

Esta multiplicação abriu caminho para a especialização e para o rádio alterar sua vocação original – de meio de comunicação à distância

– para vingar, sobretudo como um serviço de expressão local (MEDITSCH, 2007, P. 118).

O aumento da qualidade sonora proporcionado também pelo desenvolvimento tecnológico em outros aspectos da radiofonia ocasiona uma revitalização do radiojornalismo brasileiro por volta dos anos de 1980.

(...) o transmissor-receptor (sistema de áudio em duas vias, que permite ao repórter entrar no ar ao vivo ou conversar com âncoras e entrevistados); a extensão de baixa frequência para telefone (acoplada ao telefone, aumentava a potência de transmissão e permitia que o sinal chegasse mais forte ao estúdio); os satélites (usados cada vez mais para transmissão em redes); e o CD que substituiu as fitas magnéticas e os discos de vinil, contribuindo para a melhoria da qualidade do som da música no rádio (MOREIRA, 2002, p. 97).

Desta forma, as informações colhidas direto de onde se dão os eventos e transmitidas em tempo real pelo repórter, que também os testemunha, confere ao rádio grande credibilidade. A reportagem mais aguardada da década era a de acontecimentos políticos, como é o caso do movimento Diretas Já. Del Bianco (2010, p. 6) diz que a possibilidade de trabalhar ao vivo deu ao rádio o momento presente como valor-notícia. Ela fundamenta-se em Eduardo Meditsch (2007, p. 142), para quem a velocidade crescente com que se movimenta a sociedade torna imperativo o pioneirismo radiofônico. O rádio foi o primeiro meio de comunicação a operar de forma imediata. “A velocidade industrial impunha uma nova relação espaço-tempo, tratava-

se agora de anular as distâncias. A transmissão do som codificado à velocidade da luz permitiu a enunciação em tempo real (...)” (MEDITSCH, 2007, p.142).

Nos anos de 1970, o primeiro satélite para a área das comunicações é lançado nos Estados Unidos, antes disso, as redes de rádio utilizavam linhas terrestres telefônicas para transmitir sinais ou trechos de programação às estações (MOREIRA, 2002, p. 103). Os conglomerados de mídia eletrônica do país foram os primeiros a utilizar os satélites na formação de redes nacionais de comunicação. Enquanto isso, no Brasil, até a metade da década de 1980, os principais grupos de rádio do país retransmitiam parte da programação ao vivo ou em material gravado para ser distribuído entre as afiliadas. “As transmissões via satélite começaram a fazer parte efetiva do sistema radiofônico nacional apenas no início dos anos de 1990 [...]”, comenta Sonia Virgínia Moreira (2002, p. 106). Esta apropriação ocorre para o rádio vinte anos mais tarde do que para TV e exigiu do meio a recomposição de um noticiário de interesse realmente nacional, como afirma Del Bianco (2010, p.6): “[...] a estratégia foi a cobertura do Governo Federal em Brasília, com equipes próprias de reportagem, além de investir em comentaristas de peso que pudessem dar sentido e significado aos acontecimentos”.

Para o rádio, os anos de 1980 são marcados por uma programação baseada na repetição de notícias, um conceito forjado pela idéia de rotatividade da audiência. A compreensão se dissemina a partir

da presença dos aparelhos em todos os ambientes. Esta portabilidade levou o rádio inclusive para o interior do automóvel.

Nos anos de 1990, a transmissão via satélite no Brasil foi o ponto de partida para a expansão das redes regionais e nacionais. Sônia Virgínia Moreira (2002, p. 140) lembra, no entanto, que a evolução digital do áudio, produzindo avanço da capacidade e da qualidade de transmissão do som foi oferecida pelo MP3. A novidade, como ressalta a estudiosa, é capaz de armazenar arquivos de áudio ocupando um espaço reduzido na memória de um computador, com a qualidade de reprodução de um CD. Além disso, a evolução digital do áudio proporcionou o aumento da capacidade e da qualidade do som bem como a diminuição do tamanho dos aparelhos.

O processo de digitalização dos equipamentos teve entre os principais avanços a invenção do mini-disc (MD), conforme Nelia Del Bianco (2010, p. 6): “O MD flexibilizou o processo de edição ao permitir mover, excluir, editar e combinar diferentes trechos de gravação num mesmo suporte tangível” comenta a autora. Se no início do século XX o som dependia de um sistema de transmissão a distância para ser transportado primeiro por meio de fios e, mais tarde, pelas ondas eletromagnéticas, no final estava disponível no formato de arquivo de áudio digital, acessível para quem tivesse um modem conectado à internet.

1.3 A convergência midiática num contexto de transformações

A ideia da convergência é discutida por diversos pesquisadores ao redor do mundo como uma das explicações para a verdadeira revolução vivenciada pelo rádio na contemporaneidade. Este fenômeno começou a chamar a atenção dos teóricos da comunicação nos anos de 1970, quando o conceito passou a ser usado para compreender as transformações ocasionadas pelas novas tecnologias. Entre elas, ao longo dos anos, passou-se a verificar a produção de conteúdos multiplataforma, as redações integradas, constituídas pelas distintas linguagens do jornalismo e a cobrança de um trânsito dos profissionais pela produção sonora, televisiva, impressa, fotográfica, digital, entre outras.

Distintas áreas do conhecimento têm se dedicado ao estudo do termo convergência. Negroponte, de acordo com Fidler (1998), está entre os primeiros a usar esta idéia para referir-se à comunicação. Ele, inclusive, numa série de palestras para executivos fazia uma projeção do que seria o contexto das mídias nos anos 2000. Estas estariam estabelecidas a partir da união dos meios de comunicação e das tecnologias digitais, o que para Fidler (1998), poderiam ser chamadas de multimídia.

Três escolas teóricas contribuem para identificar uma evolução nas reflexões sobre convergência. Salaverría (2009) e Salaverría, García Avilés e Masip (2010), apontam abordagens diferentes para este conceito. Primeiro, como um produto, depois como um sistema e ainda como um processo.

A compreensão da convergência como produto diz respeito às primeiras definições deste conceito. Autores como Negroponte, citado por Fidler (1998), Pool (1983) e o próprio Fidler (1998) compartilham desta perspectiva. Eles lançam um olhar sobre a questão considerando o surgimento de novos códigos lingüísticos, dados pela sobreposição de mídias. Salaverría (2010) interpreta esta visão como reducionista, pois considera o fenômeno apenas sob um ponto de vista tecnológico. Nos primeiros anos do debate sobre convergência, os estudiosos compreendiam a questão dentro da noção de multimídia, ou seja, a combinação de códigos lingüísticos, e multiplataforma, entendida como a combinação de suportes de difusão. Neste contexto, será inserido por Salaverría (2009) e Salaverría, García Avilés e Masip (2010) o conceito de midiamorfose. O termo foi cunhado por Fidler (1998, p. 57) em 1991 para referir-se à evolução tecnológica, ou ainda, à transformação dos meios de comunicação a partir da interação estabelecida pelas pressões políticas, inovações sociais e tecnológicas. Com isso, ele compara a comunicação a um sistema biológico, pois assim como um ser vivo, a mídia entraria num processo de auto-organização espontânea, pressionada por questões externas. Fidler, com isso, sugere que, os novos meios não surgem de forma independente, mas a partir da metamorfose dos anteriores, de forma gradual. Desta forma, o estudioso acena para a coexistência dos antigos meios com os novos, que continuam em constante evolução e adaptação. Fidler (1998) menciona também a idéia da convergência para explicar o termo midiamorfose, sugerindo que os meios antigos não seriam substituídos pelos novos, mas seriam unidos. O mesmo autor infere ainda o termo complexidade, ao discutir a proposta de midiamorfose. Ele compara a comunicação

humana a um sistema complexo, como aqueles encontrados na natureza. Nesta, as interações entre os seres em momentos de crise provocam uma auto-organização, que proporciona uma adaptação. Segundo o pesquisador, na comunicação, quando ocorrem transformações, provocadas por novos meios, apresentados pelo surgimento de novas tecnologias, estes são obrigados a constituir uma auto-organização para garantir sua sobrevivência.

Esta visão da convergência como um produto compreende ainda o conceito de remediação. O termo é uma proposta de Bolter e Grusin (2000). Para chegar a esta ideia, eles partem do pensamento de McLuhan, para quem o conteúdo de uma mídia é outra mídia. Desta forma, o autor considera que o conteúdo da escrita é a fala e o conteúdo da imprensa é a escrita. Com isso, ele diz que um meio é sempre absorvido por outro. Este processo é chamado por Bolter e Grusin (2000) de remediação. Eles definem o termo como a representação de um meio em outro. Esta seria, na visão dos autores, uma característica, das mídias digitais. Os pesquisadores dissociam a ideia de remediação do determinismo tecnológico, pois entendem as novas tecnologias da comunicação a partir de um contexto cultural, no qual as recentes seriam uma versão aprimorada das anteriores. Para isso, citam o exemplo dos e-books, uma tecnologia digital que, para eles, remedia o livro impresso.

Segundo Bolter e Grusin (2000), a remediação se dá sob dupla lógica, a da instantaneidade transparente e a hipermídia. A primeira impõe que o meio deve ser esquecido pelo público, proporcionando a ele contato direto com a realidade apresentada. A instantaneidade pode

ser proporcionada pelo envolvimento intenso do espectador com esta realidade disponível através do meio de comunicação.

A hipermediação é semelhante à idéia de multimidialidade, na qual distintas linguagens são unidas para formar uma única mídia. É o caso dos telejornais que associam imagens a infográficos e inscrições de texto.

Salaverría (2009) e Salaverría, García Avilés e Masip (2010) propõem um segunda escola teórica dos estudos de convergência. Esta compreende o conceito como um sistema, reunindo a compreensão de Jenkins (2009), além de outros estudiosos. Esta visão da convergência interpreta o fenômeno para além da tecnologia e considera a produção e o consumo dos meios de comunicação. Não há um consenso entre os autores para definir os elementos que compõem o processo. Para os estudiosos desta escola, a convergência não pode ser compreendida apenas do ponto de vista tecnológico. Ela se dá, segundo eles, em diferentes esferas, o que corrobora a visão sistêmica do fenômeno.

Jenkins (2009) é um dos pesquisadores que apresenta a convergência como um sistema. Ele tem uma visão cultural da questão, pois afirma que a convergência não compreende somente as mudanças tecnológicas, mas um processo que altera as relações entre mercado, gêneros e públicos. O autor (2001) sugere que o fenômeno se dá em cinco áreas, a tecnológica, a econômica, a social, a cultural ou orgânica e a global. Em relação aos demais autores que refletem sobre o tema, Jenkins (2009) acrescenta a perspectiva da recepção. Ele inclui, portanto a participação da audiência. Para esta abordagem cultural, o autor

apresenta três conceitos: a convergência dos meios, a cultura participativa e a inteligência coletiva. Assim como Fidler (1998), Jenkins acredita que as novas mídias não significam o fim das anteriores. Ele entende que estas estariam imersas num contexto de renovação e adaptação, no qual o conteúdo teria importância maior do que a tecnologia.

O autor distingue as tecnologias de distribuição, como fitas cassetes, toca-fitas, CDs e DVDs, entre outros, por exemplo, dos meios de comunicação, entendidos como sistemas culturais associados a práticas sociais, como o rádio, a TV e o cinema. Para ele, o conteúdo chega aos consumidores através das tecnologias de distribuição. O pesquisador entende o rádio, a televisão e o jornal como meios de comunicação que sobreviveram às novas tecnologias. Segundo ele, as ferramentas de distribuição destes meios é que foram substituídas.

Sobre isso, Jenkins (2009) menciona a chamada falácia da caixa preta. Ele usa esta expressão para referir-se à perspectiva da convergência enquanto produto. Sendo assim, para o autor, todo o conteúdo, em pouco tempo, estará concentrado em um só aparelho, que resultará das inovações tecnológicas. Estas conseguirão desenvolver um dispositivo único por meio do qual será possível consumir e produzir conteúdo multimídia e multiplataforma. Dentro desta interpretação cultural, Jenkins (2009) sugere que novas tecnologias de distribuição continuarão se multiplicando e o conteúdo, cada vez mais, se tornará comum para as distintas mídias disponíveis. No caso do rádio, por exemplo, ouvimos o mesmo conteúdo tanto para o receptor por ondas,

quanto pelo celular, pela internet ou na TV a cabo. Quando menciona a convergência dos meios de comunicação, o autor refere-se a casos como este. A cultura da convergência proposta por Jenkins é caracterizada tanto pela produção de idéias a partir da chamada mídia comercial ou convergência corporativa, quanto por aquela que parte dos espectadores e se dá através de uma cultura participativa ou convergência alternativa, sem que uma exclua a outra. Para o autor, os atuais consumidores de mídia são conectados socialmente e ativos, enquanto aos antigos eram passivos e isolados. Esta nova postura da audiência é fundamental para a compreensão desses dois conceitos de cultura da convergência. Se antes os consumidores de mídia se limitavam a tecer comentários em seus espaços de convivência sobre a informação fornecida pelo rádio e a TV, agora, os novos receptores dispõem do espaço ilimitado da internet para buscar conteúdos de seu interesse e compartilhar impressões sobre o que vêem e ouvem pelas redes sociais. Para Jenkins (2009), é este público que, ao se manifestar usando dos espaços da indústria midiática, contribuem para a construção de uma inteligência coletiva.

Estudos contemporâneos, segundo Salaverría, García Avilés e Masip (2010) inauguram uma terceira escola que interpreta a convergência como um processo. No entanto, a percepção tecnológica da primeira pesquisadora e a visão sistêmica da segunda escola de estudiosos continua presentes.

Para Salaverría (2009), as discussões mais recentes sobre o tema têm acentuado o caráter dinâmico, que compreende a convergência como algo ainda em curso. Gordon (2003) identifica cinco significados

para o fenômeno. Ele os entende enquanto estágios evolutivos. O primeiro é a posse de diversos canais de conteúdo. Neste estágio a convergência pode ser compreendida enquanto fusão empresarial. O pesquisador menciona ainda a convergência tática, que pode ocorrer quanto ao conteúdo, marketing e aumento de receitas. Um exemplo disso é quando há o compartilhamento de conteúdos por emissoras de televisão, jornais, rádios, onde um promove o outro.

Numa terceira etapa, que o autor chama de estrutural há a integração das redações. Nesta, segundo Gordon (2003), a fusão não se limita ao aspecto físico mas à atuação dos profissionais. O autor indica ainda um quarto significado para a convergência, no qual esta integração das redações estabelece a produção multimídia. Numa quinta fase, o estudioso propõe que os meios estariam repensando a apresentação ou narrativa, sobretudo a partir das novas plataformas, os computadores, os dispositivos móveis e a televisão.

García Avilés e Carvajal (2008) têm uma visão antagônica a este modelo. Eles compreendem a convergência jornalística a partir de uma abordagem sem linearidade. Para os autores, esta se daria enquanto um processo com distintas etapas para além da integração total. Eles compreendem a convergência como um fenômeno que envolve cooperações de diversas naturezas entre as distintas plataformas. Estas podem, na compreensão dos pesquisadores, variar desde a informação compartilhada entre repórteres e distintas redações até jornalistas que produzem para várias plataformas.

Neste sentido, Domingo et al. (2007) apresentam quatro dimensões para a convergência jornalística. Na compreensão dos autores, o fenômeno não deve ser interpretado como uma consequência das tecnologias, mas como algo que faz uso destas para atingir certos objetivos. A proposta de estudo da convergência jornalística destes estudiosos apresenta quatro dimensões: a produção integrada, profissionais multitarefa, distribuição multiplataforma e a audiência ativa. Tais dimensões podem ser discutidas de forma independente do processo em si.

Sob o aspecto tecnológico, Salaverría (2009) entende a convergência jornalística dentro da ideia de comunicação multiplataforma. Com isso, sugere que os avanços tecnológicos ocasionaram a miniaturização dos equipamentos e os aparelhos com múltiplas funções. Desta forma, num único dispositivo encontram-se câmera fotográfica, gravador de áudio, editor de texto entre outros. Da mesma forma, ao jornalista é lançado o desafio de produzir materiais para diferentes plataformas. Sob o aspecto da recepção, o público encontra em um único aparelho conteúdos de distintas linguagens do jornalismo.

No âmbito empresarial, com a convergência há o risco de concentração estabelecido pela fusão de organizações jornalísticas bem como a integração das redações. De acordo com Salaverría (2009) as redações unificadas têm se tornado cada vez mais frequentes, pois representam impactos econômicos para os grupos de mídia, já que a

produção multiplataforma, por vezes, mascara a redução das equipas e, portanto, dos custos.

Domingo et al. (2007) referem-se à produção integrada como um dos principais sinais da convergência. Para eles, esta pode ser analisada desde a colaboração entre equipas independentes até a disposição de todos os jornalistas trabalhando em um único ambiente. Neste espaço, passa a ocorrer a produção para as distintas mídias.

Ao referir-se ao profissional, Salaverría (2009) sugere que a convergência indica a idéia de polivalência. Com esta reflexão o autor concorda com Domingo et al., que entende na segunda dimensão da convergência jornalística a existência de profissionais multitarefa. Tais autores apontam nestes veículos de comunicação convergentes a demanda por um profissional capaz de produzir para todos os meios, valendo-se de qualquer tecnologia para isso.

A convergência de conteúdos, de acordo com Salaverría (2009), é o resultado da convergência nas esferas tecnológicas, empresariais e dos profissionais. Há neste caso, segundo o estudioso, a convergência dos conteúdos, compreendida a partir da noção de multimedialidade, ou seja, a combinação de diferentes códigos linguísticos numa única mensagem.

Por fim, à sistematização de Salaverría (2009), Domingo et al. (2007) acrescentam a idéia de uma audiência ativa. Neste sentido, Jenkins (2009) propõe a noção cultural da convergência. As diversas ferramentas existentes na internet contribuem para que o público produza conteúdos, consolidando a participação dos usuários para além

da repercussão das notícias, mas como colaborações na captação e emissão de materiais.

2. A MOBILIDADE DO RÁDIO E OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS

Pela linguagem sonora, como explicam Zuculoto (2012) e Ortriwano (1985) o rádio apresenta sua principal distinção em relação aos demais meios. Com isso, apenas um sentido, o da audição é exigido do receptor. Desta forma, um público amplo pode ter acesso aos conteúdos difundidos pelo meio, incluindo até os que não sabem ler, sem possibilidades de consumir informações dos veículos impressos. A sonoridade do rádio é interpretada por McLeish (2001) como uma vantagem, pois, com a voz humana é possível explorar a sensibilidade da audiência e até conquistar sua confiança.

Se considerarmos o contexto da convergência, é possível explorar outros sentidos por meio de recursos de outras mídias, como a imagem do vídeo colocado no site da emissora, as fotos feitas no local da pauta e o texto que ampliam a abrangência do veículo. No entanto, a linguagem sonora continua sendo a peculiaridade primordial do rádio.

O imediatismo é outra característica do veículo apontada por Zuculoto (2012) e Ortriwano (1985). Esta se constitui na possibilidade de o rádio transmitir os fatos no instante em que ocorrem. De acordo com Ortriwano (1985, p. 80), o imediatismo traz o mundo ao ouvinte, enquanto os fatos se dão.

Com a possibilidade das conexões 3G e wireless, o rádio passa a contar com muito mais agilidade na transmissão. Outra característica

do meio, de acordo com Ortriwano (1985), é a instantaneidade. Ela a diferencia do imediatismo, pois na sua compreensão, instantaneidade refere-se à transmissão e imediatismo à recepção. Em razão da instantaneidade, se dá a linguagem do meio, já que como destacam Almeida e Magnoni (2010), ao ouvinte não é possível repetir os conteúdos que chegam pelas ondas do rádio. A respeito da questão, Ferrareto (2001) menciona a fugacidade da mensagem radiofônica, pois ao ouvinte não é permitido conferir o conteúdo do rádio no momento da transmissão. Há, neste caso, de acordo com o autor, uma obsolescência da informação, ou seja, no momento da transmissão, a informação já se torna obsoleta, pois no rádio esta deve ser sempre o mais atual possível. Exatamente em razão da fugacidade, se justifica a exigência da escrita e apresentação de conteúdos objetivos e claros. A fugacidade deixa de ser um demérito do rádio, na medida em que a internet passa a funcionar como uma ferramenta para armazenar na rede, como sugere Mielniczuk (2003). Para Almeida e Magnoni (2010), a web proporciona uma recuperação da informação. Neste contexto, destaca-se o podcast que, para Lopez (2010), proporciona uma nova lógica de consumo dos conteúdos, permitindo que a web atue como um arquivo das produções radiofônicas, tais como entrevistas, programas, programetes, boletins, entre outros.

Desta forma, podemos dizer que o rádio contemporâneo estabelece uma individualização da programação, como menciona Zuculoto (2012). Este público que confere os conteúdos radiofônicos pela rede mundial de computadores é mais abrangente, sendo que a ele é, inclusive, permitido fazer a própria programação de rádio, voltada

exclusivamente para os seus interesses. Aproveitando esta tendência, muitas emissoras exploram recursos como os newsletters, que atendem as escolhas do usuário.

A abrangência também é uma das características do rádio, de acordo com Zuculoto (2012). Ortriwano (1985) prefere chamá-la de penetração. Esta peculiaridade é apontada pelas estudiosas como a extensão do alcance do meio, o que é potencializado pela internet. Desta forma, como explica Kischinhevsky (2007), populações localizadas em pontos remotíssimos do globo podem acompanhar a programação de emissoras de diversos países. Este fenômeno impacta diretamente nas emissoras locais que, acostumadas a transmitir para pequenas comunidades, passam a comunicar para um público muito mais amplo por meio da internet. Com isso, estas são inseridas num contexto de globalização e passam a produzir conteúdos, como infere Raddatz, de caráter “glocal”.

Zuculoto (2012) e Ortriwano (1985) indicam também como característica do rádio o baixo custo, de produção e recepção, se comparados a outros meios como a televisão, por exemplo. A convergência chama atenção para os custos reduzidos pela produção, sobretudo, nos casos em que há integração das redações e a consequente redução de pessoal.

A sensorialidade também é apontada por Zuculoto (2012) e Ortriwano (1985) como uma das características do rádio. As autoras entendem o termo como a capacidade de envolver o ouvinte, que estabelece um diálogo mental com o emissor. No contexto das

tecnologias digitais a que o rádio vem sendo submetido, a sensorialidade relacionada à audição se amplia pela adição de recursos visuais como do vídeo e da fotografia. Lopez (2009), ao referir-se ao vídeo usado nos sites das emissoras de rádio, os considera como um recurso para ampliar a informação para o internauta, reforçando a ambientação da pauta.

Ortriwano (1985) menciona ainda a autonomia do rádio, característica que para ela permite o consumo individual dos conteúdos do meio. Com isso, o público pode acompanhar a programação em qualquer local, mesmo enquanto executa outra tarefa. Medistch (2007) comenta que a recepção radiofônica tem um caráter secundário. Quando ouve rádio ao mesmo tempo em que desenvolve outra atividade, o ouvinte convive com o que o autor chama de zoom auditivo e zapping perceptivo. No primeiro, há uma variação de concentração dedicada ao conteúdo sonoro. Esta pode ser diferenciada entre ouvir com atenção e escutar com relativo desinteresse. No caso do zapping perceptivo, há uma variação na atenção durante a audição do rádio, entrecortada pela execução de alguma tarefa, como a doméstica, por exemplo. Se considerarmos o rádio na internet, de acordo com o estudioso, o veículo passa a competir com um número muito maior de opções em entretenimento, enquanto pesquisa em outros sites buscando diversidade de informações ou mesmo aprofundando aquelas fornecidas pelo rádio.

Cebrián Herreros (2008, p. 25) acrescenta outro olhar sobre a questão. Ele entende que o rádio transmitido pela internet se distingue daquele que chega ao ouvinte pelas ondas hertzianas. Neste novo ambiente há alterações na linguagem, nos formatos e na interação

proporcionadas pelo meio. O autor entende que há uma ampliação do conceito de rádio, pois este passa a dispor de conteúdos para serem vistos, permitindo intervenções orais ou escritas do público. Assim, podemos dizer que no contexto de convergência, o rádio agrega outras linguagens, estabelecidas a partir das redes sociais, dos sites, dos aplicativos para celular, dos vídeos e fotos.

Uma das principais características do rádio - e especialmente importante para esta pesquisa - segundo Zuculoto (2012) e Ortriwano (1985), é a mobilidade. As autoras observam que para o veículo e para o público, este potencial tem implicações diferentes. Diretamente relacionada a avanços tecnológicos como o desenvolvimento das unidades móveis, dos gravadores magnéticos e principalmente o transistor, a partir da mobilidade, a programação radiofônica passa a estar disponível não apenas no aparelho de rádio ou no radinho de pilha, mas também nos telefones celulares. Além disso, o conteúdo radiofônico pode ser acessado em computadores portáteis, tablets e ipods. Do ponto de vista do consumo, o rádio se potencializou com o surgimento dos smartphones.

Atualmente, o rádio pode ser ouvido tanto pela captação das ondas eletromagnéticas, tendo os fones de ouvido como antena receptora, quanto por meio da internet, acessada no dispositivo móvel, o que permite a recepção do sinal digital de rádio. No primeiro caso, há a limitação geográfica imposta pelo sinal analógico. Outra limitação é o fato de que o celular capta apenas as emissoras FM.

Nos últimos anos, diversas rádios AM, entre elas a Gaúcha, passaram a transmitir simultaneamente em FM. São os mesmos conteúdos, com mais qualidade de som. Outra particularidade é o aumento na largura da faixa de transmissão da emissora. Desde 2013, as autoridades brasileiras⁵ passaram a permitir que as rádios em amplitude modulada migrem para a FM. Essas estações estavam sendo prejudicadas principalmente por não poderem ser ouvidas por dispositivos móveis.

De acordo com decreto divulgado pelo Ministério das Comunicações, as rádios que migrarem para o FM terão o canal em AM extinto. Diversos estudiosos avaliam a novidade negativamente. Célio Romais (2013) defende que em cidades com grandes extensões territoriais somente uma emissora em AM é capaz de alcançar todos os ouvintes do município e adjacências, locais não atingidos pela frequência modula em razão desta propagação ocorrer em linha reta. A expectativa é que o número de emissoras locais aumente nos próximos anos. Com isso, deve crescer também a competitividade, exigindo que os veículos apresentem uma programação cada vez mais voltada para os interesses da audiência.

Aplicativos especializados em procurar e sintonizar emissoras contribuem para a difusão do conteúdo radiofônico neste novo contexto. Muitos destes são oferecidos pelas próprias emissoras para facilitar o acesso à programação ao vivo, a podcasts e às notícias disponíveis no

⁵ Disponível em: <http://www.mc.gov.br/acoes-e-programas/radiodifusao/migracao-das-radios-am>

site da emissora. Além disso, os boletins e programas postados na página da rádio, além dos conteúdos apresentados nas redes sociais também facilitam este acesso. A interação com os ouvintes, que comentam notícias no site e em redes sociais da emissora também é um potencial explorado neste novo cenário da radiodifusão.

Moreira (2002, p. 18) diz que o celular foi o primeiro concorrente do rádio enquanto aparelho receptor. “(...) o rádio via celular representa uma tendência natural na evolução das telecomunicações, na qual a captação de ondas sonoras é um recurso adicional à disposição do usuário de veículo multimídia”, explica a autora. Nos anos 90, ele já havia sido incorporado à rotina de reportagem. A partir deste dispositivo, foi facilitado o contato com repórteres e fontes e a transmissão dos lugares mais remotos tornou-se possível no cotidiano de produção.

Com o celular, o rádio reforçou seu caráter ao vivo, permitindo a entrada do repórter na programação a qualquer hora e de qualquer lugar. Desta forma, pode-se dizer que o radiojornalismo altera radicalmente a relação espaço-tempo na produção da notícia. Assim, torna-se possível ao rádio captar informações em tempo real em qualquer local geográfico, como explica Meditsch:

A telefonia móvel celular e a telefonia direta por satélite romperam os últimos obstáculos à mobilidade na produção, dispensaram a necessidade de instalação de sistemas próprios de radiocomunicação com os repórteres, nas emissoras, e aumentaram a autonomia dos jornalistas em relação

aos controles governamentais, exercidos através das redes físicas (MEDITSCH, 2007, p.116).

Zuculoto (2012, p.7) lembra que com apenas um gravador, seja ele portátil ou recurso de um dispositivo móvel, o repórter pode recolher as informações necessárias para divulgar imediatamente a notícia radiofônica. Com o telefone celular, a transmissão pode ser de forma imediata e simultânea.

Tais facilidades deram mobilidade à produção do rádio, ou seja, o conteúdo radiofônico já não é mais concebido dentro dos limites de um posto fixo, como a redação ou estúdio de rádio. Neste cenário de mudanças, a transição dos recursos técnicos analógicos para os de tecnologia digital está entre os aspectos mais importantes.

A cobertura diária dos acontecimentos ficou mais ágil e as entrevistas ao vivo foram facilitadas. Com o celular, o repórter pode realizar entrevistas ou fazer uma participação ao vivo de qualquer lugar, um tipo de mobilidade muito superior ao telefone sem fio utilizado nas unidades móveis de frequência modulada (DEL BIANCO, p. 4, 2008).

O relacionamento com as fontes também foi beneficiado com a novidade. Estas passaram a ser localizadas e ouvidas em qualquer lugar e mesmo em deslocamento. Para o repórter que sai para uma externa, a checagem da pauta pode ser realizada já durante o percurso para o local do acontecimento, ouvindo pessoas e recebendo dicas da produção por meio dos recursos da telefonia móvel.

Esta novidade tem baixo custo e apresenta uma rapidez maior do que para a televisão, por exemplo. Conforme Zuculoto, o rádio tem cada vez mais recursos para divulgar a notícia em primeira mão, “mesmo que, na atualidade, o quase centenário rádio convencional enfrente a concorrência da internet, por onde, aliás, igualmente transmite” (2012, p. 24).

Tal aposta ditou um formato de linguagem coloquial, numa mensagem elaborada de improviso. Com isso, o texto que até pouco tempo era escrito e editado para ser lido por um locutor, passou a ser construído mentalmente de forma imediata pelo repórter.

A mobilidade na recepção do conteúdo radiofônico e sua capacidade de transmitir em tempo real celebrizaram o meio em momentos históricos, tornando-o protagonista dos acontecimentos.

Do exemplo mais prosaico – da torcida induzida a agredir o árbitro de futebol – aos mais espetaculares, como o maio de 68 na França, o 25 de abril em Portugal ou a ocupação militar do Parlamento na Espanha, o protagonismo do rádio é ressaltado e admitido como o de nenhum outro meio de comunicação (MEDITSCH, 2007, p. 38).

Para Zuculoto (2008, p. 232), o popular “radinho de pilha” é o símbolo de uma revolução “[...] a da sua própria história que vai mediar, influenciar e escrever outras”. Ao referir-se ao Maio de 68 em Paris, a autora menciona os inúmeros avanços tecnológicos em curso, como o transistor, o gravador cassete portátil e outros, que facilitavam a mobilidade do rádio, conferindo qualidade nas transmissões externas.

O que se capta ainda sobre como o rádio protagonizou o Maio de 68 é de que não se tratou apenas de buscar exercer liberdade de emissão e de recepção, ou liberdade da própria sociedade em relação a poderes estabelecidos – liberdades desejadas, necessitadas por cada um dos segmentos envolvidos naquele maio vermelho. (ZUCULOTO, 2008, p. 234)

A autora tece este comentário ao analisar publicação de Roland Barthes (2012, p. 213), na qual, ao referir-se ao evento em Paris, diz que o rádio contribuiu para “A escrita do Acontecimento”, que, aliás, é o título deste trabalho do semiólogo.

A palavra radiofônica (a dos postos ditos periféricos) colou-se a este acontecimento, na medida em que ele se ia produzindo de um modo arquejante, de um modo dramático, impondo a ideia de que o acontecimento da atualidade não é, daqui para frente, caso de material impresso, mas da palavra. A história “quente”, em elaboração, a partir de agora é uma história auditiva. A palavra informativa (do repórter) foi tão estreitamente misturada ao acontecimento, à própria opacidade de seu presente (basta pensar em certas noites de barricadas) que era o seu sentido imediato e consubstancial, o seu modo de se ascender a um inteligível instantâneo; isto quer dizer que, nos termos da cultura ocidental, em que nada pode ser percebido privado de sentido, ela era o próprio acontecimento (BARTHES, 2008, p. 213-214).

Zuculoto (2008, p. 231) acredita que neste episódio histórico o rádio proporcionou uma mescla entre palavra e escuta, fazendo mais do que transmitir uma informação e recorre a Meditsch, para quem, usando de um discurso invisível, o rádio produz efeito de realidade.

O efeito de realidade do rádio diferencia-se por ser produzido a partir de uma composição sonora centrada na palavra com forte sotaque humano, e por isso incapaz de ocultar totalmente a sua mediação (MEDITSCH, 2007, p. 219).

Assim, Zuculoto (2008, p. 231) defende que em Maio de 68 a palavra radiofônica não apenas transmitiu e informou. O rádio, segundo a estudiosa, usou de suas características técnicas e de linguagem, como os recursos do imediatismo, da instantaneidade, da mobilidade por parte do emissor e do receptor para construir efeito de realidade.

O rádio tomou a palavra em Maio de 68 na França. Deu voz a outras palavras – a dos segmentos que também protagonizavam a crise, especialmente a estudantil, e com elas pichou as ondas sonoras. Inscreveu a palavra de cada um no mundo, captou-a de volta e a devolveu transformada para cada um e todos num mesmo instante (ZUCULOTO, 2008, p.235).

A autora sustenta que este pode ter sido um dos primeiros sinais do que mais tarde se tornaria a globalização da comunicação que vivemos hoje.

Outro momento histórico que explicita, entre outras características, a mobilidade do rádio é o episódio de “A Guerra dos Mundos”. Nesta ocasião, a invenção de que os marcianos teriam invadido o planeta Terra, em 1938, causou pânico nos Estados Unidos, demonstrando o potencial do meio para produzir efeito de realidade junto à sua audiência. O pânico se instalou porque Orson Welles, além

de se apoiar na credibilidade que o meio e o radiojornalismo haviam conquistado até então, explorou características peculiares ao rádio. É o caso da possibilidade de transmissão simultânea ao desenrolar dos fatos e a exploração do potencial da linguagem radiofônica, com o uso de narrações, músicas, sons e silêncio.

Entre as características do meio podemos destacar, ainda, a abrangência geográfica; já que tem alcance mundial e ao mesmo tempo pode estabelecer diálogo com as comunidades, assumindo um caráter local e regional. Além do baixo custo, o rádio se utiliza da sensorialidade para envolver o ouvinte:

O rádio não tem, por exemplo, o recurso da imagem que a televisão dispõe para, no caso da informação jornalística, conseguir transmitir a notícia de forma que o público a entenda completamente. Mas o rádio desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia. É possível dizer que, no rádio, o limite da capacidade de provocar a imaginação do ouvinte só existe, mesmo, na mente de quem produz a comunicação radiofônica. (ZUCULOTO, 2012, p. 25)

Diante desta facilidade, em 1999, a Rádio Eldorado FM, de São Paulo, inovou ao colocar no ar os chamados *bike* repórteres. Com boletins curtos, usando um celular, Renata Falzoni e Arturo Alcorta circulavam de bicicleta pela Capital paulista transmitindo prestação de serviços no final da tarde. As condições do trânsito, rotas alternativas e até uma releitura da cidade sob a ótica dos ciclistas eram apresentadas pelos jornalistas. Eles ficaram no ar durante três anos, retornando a partir de 2008 com três boletins diários.

A Rede Eldorado também foi precursora da cobertura jornalística do trânsito com helicóptero, além, é claro, do ouvinte-repórter. Se há quase dez anos o Bike Repórter se destacava justamente pela mobilidade, hoje se torna fundamental na cidade (CHAVES, 2014, p.1).

As facilidades proporcionadas pela tecnologia intensificam a velocidade na produção da notícia. O rádio solidifica um dos seus principais atributos, a antecipação, principalmente em relação à TV, obrigada a conviver com a complexidade técnica de uma transmissão em tempo real, que demanda equipe e aparato tecnológico maiores.

Para Magda Cunha (2008, p. 8), o desenvolvimento do rádio é conduzido pela própria evolução da humanidade e pelos processos interativos com os quais dialoga. A autora assinala que a atualização do meio se dá pelos efeitos obtidos junto ao público, que exige desenvolvimento tecnológico, e pelas modificações para responder a esta nova realidade.

De acordo com Lopez (2009 p. 472), a partir do ingresso do celular e da internet no trabalho de apuração e produção da notícia, o rádio inicia um processo de convergência, dentro de um contexto de transformações culturais permeadas por um universo multimídia. Conforme a pesquisadora, o papel dos meios de comunicação, sobretudo com a chegada do século XXI, se complexifica em razão desta crescente convergência midiática. Os aparelhos celulares, por exemplo, tendem a ser multifunção, congregando rádio, TV, telefone e acesso à internet.

Atualmente, uma emissora de rádio pode utilizá-lo (o celular) não somente como uma ferramenta de apuração e produção em jornalismo – contatando suas fontes e os repórteres que estão nas ruas, acompanhando um acontecimento e transmitindo informações ao vivo e também produzindo conteúdo multimídia –, mas também deve pensá-lo como um sistema de recepção de informações (LOPEZ 2009, p.474).

Desta forma, a autora refere-se ao aumento vertiginoso de ouvintes de rádio por meio do celular. Além disso, crescem as possibilidades de interação entre emissora e audiência, por meio de “sms”, redes sociais, no caso de aparelhos com acesso à internet 3G e “Wi-Fi”. Isso, sem contar as produções em podcast que podem ser enviadas a celulares. “O ouvinte pode ainda consumir produções das emissoras de rádio em formato podcast ou newsletter enviadas ao seu aparelho”, comenta a Débora Cristina Lopez (2009, p. 31). Com isso, expande suas potencialidades e demanda uma revisão de formatos para o jornalista, com a atualização de informações e interação a partir desta plataforma.

Neste contexto, a partir da disseminação da internet e de sua integração às ferramentas de redação das emissoras de rádio, novas rotinas e lógicas de produção se estabelecem. Se antes o jornalismo era fortemente pautado pelas agências de notícia ou pelo conteúdo proveniente das assessorias, com a internet, o radiojornalista ganha outro papel, como explica Del Bianco (2010):

Hoje, os jornalistas fazem uma ‘busca orientada’ por informação na rede, guiada pelos valores e critérios definidos pela política editorial da emissora. O

intuito é recolher notícias atuais e de interesse (DEL BIANCO, 2010, p. 8).

Estamos diante do que Lopez (2010, p.114) chamou de radiojornalismo hipermediático, que desafia o veículo a conectar-se a profissionais capazes de produzir para diversas plataformas, em áudio, imagem, texto, vídeo, num contexto de uma sociedade convergente.

Agora, deve-se considerar que as ferramentas de produção da notícia são similares para todos os meios de comunicação e que, com as facilidades proporcionadas pelo computador e a internet, os meios passam por um momento de unificação.

As mudanças se dão sob duas perspectivas: a interferência que uma tecnologia exerce sobre o desenvolvimento da outra, mesmo quando não fazem parte do mesmo grupo de mídia, através dos novos formatos em comunicação; as ferramentas multitarefa, como os dispositivos móveis que integram TV, rádio, telefonia móvel e acesso à internet (LOPEZ, 2009, p. 16).

Salaverría e Negredo (2008, p.34) compreendem esse processo de convergência como algo em dimensões múltiplas, que se beneficia da implantação generalizada das tecnologias digitais de telecomunicação. Este fenômeno, segundo os pesquisadores, afeta os âmbitos tecnológico, empresarial, profissional e editorial, o que proporciona uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens, antes sem conexão direta. De acordo com os autores, constitui-se assim uma nova lógica de elaboração de conteúdos a serem distribuídos por meio de

diferentes plataformas, respeitando a linguagem própria de cada uma delas.

Na CBN Curitiba, emissora da Capital paranaense, assim como em outras rádios, com o celular, o repórter apresenta boletins e entrevistas diretamente da rua, acompanhando os fatos que movimentam a vida na cidade. Com o mesmo recurso, lê do local a cabeça das matérias, agregando sonoras gravadas que são rodadas do estúdio.

Conforme Zuculoto (2012, p.164), o trabalho em rádio se apóia cada vez mais na instantaneidade e na simultaneidade por meio do “ao vivo”, o que produz alterações na forma do conteúdo. “Não havendo redação prévia, para posterior leitura ou gravação, é preciso improvisar e a notícia acaba indo ao ar como se fosse uma conversa com o ouvinte”.

O incremento crescente dos aparelhos celulares possibilita a gravação e o envio de sonoras, com o uso de internet sem fio, potencializando a agilidade característica do meio. Com um notebook, gravador digital e acesso à web, a produção de rádio pode ser feita integralmente fora da emissora; é o radiojornalismo produzido em ambiente móvel.

Na Rádio Gaúcha, de Porto Alegre (RS), por exemplo, o repórter se desloca para o local da pauta com um *iPhone*, por meio do qual faz a entrada ao vivo e entrevista a fonte. Outra possibilidade em sua rotina de produção é gravar a sonora e editá-la no próprio aparelho, enviando-a para a emissora por e-mail, fazendo uso da tecnologia 3G. Com o mesmo dispositivo, o jornalista fotografa a cena da pauta, posta a

imagem nas redes sociais e agrega o texto apurado sobre o fato. Este conteúdo será aproveitado pelos repórteres da redação para alimentar o site da rádio.

Para Marcos Palacios (2003, p.17) exercer um ofício hoje pressupõe sua reinvenção constante, num caminho de buscas de potencialidades, rupturas e continuidades.

O autor acredita que não se trata de uma evolução ou substituição de suportes ou artefatos, pois as novas mídias convivem harmoniosamente com as anteriores. Para fundamentar o ponto de vista, Palacios (2003, p.18) exemplifica com os avanços verificados no radiojornalismo, no telejornalismo e jornalismo impresso. Nesta convivência, todos os formatos se modificam.

Depois de traçarmos o percurso histórico das transformações que fizeram do rádio o que é hoje, potencializando características, ampliando recursos e combinando funções e atividades do repórter a quem o nível de exigência quanto à atuação e a produção de conteúdos se intensificam, o contexto atual é de mobilidade maior ainda, constituindo o que alguns autores passaram a chamar de jornalismo móvel.

2.1. As características do rádio num contexto de mobilidades

A convergência e a comunicação móvel desencadearam mudanças na produção, consumo e distribuição de conteúdo. Se

considerarmos que a coleta e transmissão de informações pressupõem movimento, primeiro na obtenção dos dados e depois na divulgação, podemos dizer que a mobilidade está na gênese do jornalismo. Ainda assim, a configuração verificada atualmente, a partir de uma estrutura móvel, conferiu rupturas, já que, de forma pioneira, possibilitou enviar conteúdos de um dispositivo portátil, em ambiente on-line, fora das tradicionais redações. Apesar de essa novidade gerar debates sobre um futuro incerto para o jornalismo, a emergência deste jeito novo de captar, tratar e divulgar os acontecimentos é um fenômeno que só tende a se aperfeiçoar. “Esta é uma característica particular desta primeira década para o jornalismo móvel estabelecida pela emergência das tecnologias móveis digitais e as aplicações de *streamming* que permitem o surgimento de um ambiente móvel de produção”, contextualiza Fernando Firmino da Silva (2009, p. 8). O estudioso explica que a relação histórica entre jornalismo e mobilidade está associada às tecnologias da mobilidade de cada época. Com isso, conclui: “O jornalismo móvel trata-se da modalidade de atuação por meio de tecnologias portáteis que permitem fluidez nos deslocamentos de natureza física ou informacional estendidos por redes digitais móveis” (SILVA, 2013, p.100).

O pesquisador alerta para o fato de que o termo não é recente, remonta a integração do telégrafo sem fio à rotina produtiva do jornalismo já no fim do século XIX. Conforme relata Pavlik (2002), citado por Silva (2013), ao saírem para campo, os jornalistas, desde o início do século XX, tinham o desafio de mobilizar os recursos possíveis para transmitir informações de forma rápida, a fim de superar a

concorrência. Podemos dizer assim que tal vocação do jornalismo pode ser exacerbada, na comparação com a tecnologia usada nos primórdios para apuração, “(...) com a comunicação móvel wireless e os novos fluxos para produzir e distribuir notícias”, como afirma Silva (2013, p. 106).

Desta forma, quando pensamos em tecnologia nos dias de hoje, nos deparamos com um cenário complexo que compreende o fluxo informacional das redes e novas lógicas produtivas inclusive nos grupos de comunicação que passam a exigir um profissional habilitado para todas as linguagens do jornalismo. Estes, bem como os usuários, apropriam-se desta nova realidade com rapidez e naturalidade.

Com os sinais do fenômeno que se anunciava desde o século passado, diversos estudos sobre a comunicação de massa e a construção da notícia, compreendida nas distintas instâncias do processo que a constitui, foram surgindo (DEFLEUR e BALL-ROKEACH, 1993; WOLFF, 2002; MCQUAIL, 2003). Já nos anos de 1990, o debate migra para termos como a chamada nova mídia (MANOVICH, 2001), cibercultura (LEMOS, 2002) e para a idéia de remediação, que nasce do entendimento de que as novas tecnologias se reorganizam a partir das antigas. Além disso, outro conceito que emerge neste contexto é o de midiamorfose, (FIDLER, 2007).

Com todas estas questões, a prática jornalística será seriamente implicada, surgindo assim a demanda para um jornalista multitarefa (LOPEZ, 2009). Este profissional será desafiado a produzir texto, vídeo, foto e áudio, trabalhos que executados por um único indivíduo, exposto

à limitação de tempo do *deadline*, pode acarretar sobrecarga de trabalho e comprometer a qualidade da notícia. Também chamado de jornalista multimídia assim como jornalista móvel, duas formas de conceber a atuação do profissional enquanto produtor de conteúdos multiplataforma, numa nova lógica, que o forçará a produzir de forma mais rápida e dinâmica, atento ao desempenho da concorrência. Kischinhevsky (2009, p.67) chama atenção para o risco de este contexto afetar a rotina jornalística. “Com um mercado de trabalho redesenhado pelas novas TICS e pela precarização, ganha espaço o discurso da inevitabilidade da convergência e da necessidade de se investir em profissionais com múltiplas habilidades”, afirma.

Com as novas tecnologias, sobretudo o avanço da telefonia móvel, foi facilitada a transmissão do local dos acontecimentos, seja pelo celular ou mesmo por redes digitais. Os celulares multimídia, estilo *smartphones* ou *palms* como GPS, reúnem num único dispositivo recursos de recepção e produção, uma vez que o usuário pode ouvir rádio, ler jornal e interagir pelas redes sociais com os veículos de sua preferência; além disso, a gravação digital, com navegadores de internet, editores de texto, de vídeo e áudio podem facilitar o trabalho do repórter no local da pauta. Outro aspecto importante viabilizado pelo avanço tecnológico dos dispositivos móveis é a transmissão de conteúdos, uma vez que, independente de onde esteja, o jornalista pode dispor de conexões sem fio. Tudo isso é particularmente importante em coberturas de desastres, acidentes e até mesmo de guerras e conflitos. “Atualmente, o uso de dispositivos móveis está disseminado na rotina diária dos jornalistas para cobertura de matérias factuais de grande impacto”, diz

Fernando Firmino da Silva (2013, p.111). Se antes as tecnologias móveis eram um diferencial na produção de reportagens de guerra, de acordo com o autor (2013, p. 112), hoje, os recursos estão incorporados ao cotidiano de produção. “Notamos que agora são utilizadas para as coberturas das guerras diárias do deadline dos grandes centros urbanos”, (SILVA, 2013, p.112) comenta.

Já em 1997, de forma precursora, a Escola de Jornalismo da Universidade de Columbia, em Nova York, elaborou um protótipo de Estação de trabalho para o Jornalista Móvel. A proposta era o uso de tecnologias móveis para fazer fotos, vídeos, textos e enviá-los pela Web. Tudo isso proporcionava uma descentralização da redação. Desta forma, quando Silva (2013, p. 107) recorre a Quinn e Pavlik (2002) para enquadrar o jornalismo móvel, refere-se à idéia de gerenciamento de redações virtuais, a partir do manejo de dispositivos móveis. O estudioso (2013, p. 108) aponta dois aspectos-chaves da tecnologia móvel no contexto do jornalismo. “O primeiro visa as ferramentas para ajudar os repórteres a passarem mais tempo em campo. A segunda, considera a distribuição de conteúdo para os dispositivos móveis”, explica. Na primeira proposta, Silva refere-se a uma possibilidade de redação virtual, que oportuniza aos jornalistas permanecer mais tempo na comunidade, em detrimento ao cenário recluso da redação. Na segunda, o autor indica que a distribuição móvel deve ser o futuro da transmissão da informação e da notícia.

Para Castells (2006.p.19), as tecnologias móveis foram as que “se difundiram com maior rapidez que qualquer outra tecnologia de

comunicação da história” e complementam: “o celular é a tecnologia de maior penetração”.

De acordo com Fernando Firmino da Silva (2013, p.108), o termo “móvel” “direciona para a atividade em que repórteres atuam baseados em equipamentos portáteis+conexões sem fio de forma a instaurar uma redação móvel através do ‘território informacional’”, afirma. Para o autor, neste contexto, a portabilidade e a ubiquidade estão a serviço da mobilidade dos repórteres. Silva (2013, p.108) acena ainda para a existência de uma face locativa e hiperlocal do jornalismo móvel digital. Segundo o estudioso, esta designação se aproxima do modo de atuação remota e suas possibilidades de geolocalização. A mobilidade, de acordo com o pesquisador, caracteriza o trabalho polivalente deste novo profissional, atuante a partir das tecnologias móveis sem fio. Os deslocamentos requisitados pela reportagem de campo, e as transformações nas rotinas dos jornalistas para apurar, editar e distribuir conteúdos são facilitados em grande medida por tais tecnologias. Bradshaw (2008) entende o jornalismo móvel a partir de tecnologias como smartphones, câmeras e acessórios, ainda contando com aplicativos como o Google Maps para facilitar na localização e com programas de edição de conteúdo. Tudo isso combinado acaba por otimizar o trabalho jornalístico. Assim, podemos compreender que a mobilidade ampliou a atuação do jornalista, constituindo o que Silva (2013) aponta como redação convergente e crescentemente móvel para favorecer o imediatismo. Desta forma, no lugar de uma estrutura cheia de equipamentos, aparelhos de pequenas dimensões, como é o caso de laptops ou telefones celulares, são usados para produzir matérias.

Embora a noção de imediatismo sempre tenha feito parte da rotina do jornalismo, destacando-se em situações como guerras, acidentes, o que vemos na contemporaneidade nos produtos jornalísticos é ainda mais intenso.

(...)uma potencialização mais vinculada à ubiquidade e à conectividade dos dispositivos portáteis no fluxo de produção, cujas transformações focam-se nas notícias de última hora tendo uma das dimensões centrais a mobilidade física e informacional exercitadas pelos repórteres na rua com seus equipamentos conectados, aumentando a velocidade na distribuição e no trabalho de edição remota (SILVA, 2013, p. 124).

Quando refere-se à transmissão de imagens, textos e áudios, ele lembra da dependência de equipamentos como satélites, micro-ondas, transmissões por frequência de rádio e outras formas de emitir conteúdos, Silva (2013, p. 112) menciona o peso e o volume que tudo isso compreendia. Com isso, o autor assinala uma evolução gradual que permitiu a portabilidade dos aparelhos conectados e criou condições para a instantaneidade das transmissões de lugares remotos, graças a recursos como conexão wireless ou torres de telefonia móvel. A partir de tais avanços, o estudioso enfatiza: “o jornalismo móvel digital uniu de forma dinâmica as forças da portabilidade e da ubiquidade, criando um novo agenciamento da produção da notícia suportado por tecnologia” (SILVA, 2013, p. 114).

Estudos sobre jornalismo móvel começam a ser elaborados a partir do início do século XXI, com o objetivo de conceituar a prática e avançar na compreensão das implicações do jornalismo a partir de tecnologias móveis. Autores como Pellanda (2006, 2010), Briggs (2010)

e Azambuja (2010), entre outros, voltaram-se para a pesquisa sobre a produção. Pesquisadores como Canavilhas e Santana (2011), Fidalgo (2011) e Pellanda (2011) debruçaram-se sobre o estudo do consumo e difusão de conteúdos para interfaces de dispositivos móveis tais como smartphones e tablets.

Para compreenderem o fenômeno, Scolari, Aguado e Feijó (2012) analisam a questão sob dois lados, o primeiro, do ponto de vista profissional, de um jornalista móvel digital, numa prática “baseada em criar e difundir notícias a partir de uma simples ferramenta portátil” (2012, p. 32). Depois, na perspectiva do usuário, situa-se a possibilidade de enviar materiais e acessar conteúdos usando aplicativos, sites móveis e SMS.

Para Quinn (2009, p.10), o jornalista móvel se caracteriza pelo uso do celular para capturar e distribuir conteúdos usando terminais portáteis conectados. As notícias elaboradas por este profissional, na compreensão do autor, na maior parte das vezes, partem de um celular que além de servir para apuração também é a ferramenta usada para distribuir as informações, usando de linguagens como texto, áudio, fotos ou vídeo ou todos estes formatos combinados. Leves e pequenos, os aparelhos são fáceis de ser carregados, podendo ocupar o espaço de apenas um bolso.

Quando refere-se ao jornalismo móvel, Briggs (2010) aborda a questão da proximidade e, neste caso, complementa a compreensão propondo a ideia de jornalismo de proximidade, no qual a localidade, a audiência local ocupam espaço central no uso dos artefatos. “Os avanços

na tecnologia móvel possibilitam mais facilidade que antes para cobrir um evento noticioso no local” (BRIGGS, 2010, p.124). Com isso, o estudioso destaca a agilidade proporcionada à reportagem na cena dos acontecimentos, chamando a atenção para o imediatismo proporcionado pelas tecnologias portáteis.

Tais facilidades, iniciadas com a invenção do transistor, ganham destaque na década de 1990, com a expansão da internet, o crescimento da micro-eletrônica e das telecomunicações, o que possibilitou infraestrutura para o desenvolvimento do jornalismo móvel no início dos anos 2000, com a oferta de produtos portáteis como iPod, celulares com câmeras, gravadores, smartphones, netbooks, tablets e a possibilidade de conexões sem fio constituindo um ambiente de comunicação móvel.

Bertell (2010, p. 104) enfatiza o potencial do celular como meio disponível para o jornalista relatar e publicar informações, usando tanto dispositivos de voz, como fotos, texto ou vídeos. Ele aborda um aprimoramento gradual do artefato para facilitar o acesso à internet e aperfeiçoar a produção de reportagens em distintas linguagens e formatos no local onde transcorre a pauta. Com isso, afirma que são potencializadas matérias factuais, a partir de um único dispositivo, como destaca: “os jornalistas têm atualmente todas as condições necessárias para relatar ou publicar no ambiente multimídia a partir de muitos lugares do mundo (BERTELL, 2010, p.104).

O imediatismo na transmissão é uma das características das tecnologias móveis, segundo Allan (2006) e White e Barnas (2010). Tais pesquisadores reconhecem que esta já era explorada anteriormente

pelo rádio e a televisão, no entanto, com dificuldades em função de aparelhos grandes e pesados indispensáveis para transmissões ao vivo.

Podemos dizer que com o século XXI, as tecnologias móveis digitais passaram a ser incorporadas ao dia a dia das redações, ampliando, inclusive, a participação do público através do chamado jornalismo cidadão. Esta novidade proporcionou um registro dos deslocamentos dos indivíduos pelas cidades e facilitou a prática jornalística, sobretudo em pautas de grande impacto social como acidentes, guerras, ocorrências policiais. Desta forma, é necessário reconhecer que a tecnologia móvel está sendo incorporada ao jornalismo, dando novo significado aos processos empregados neste ofício, realidade que ainda é alvo de inúmeros estudos.

Assim, o jornalismo compreendido na lógica do trabalho de campo, na qual o profissional produz na rua coloca em evidência um gênero que está no cerne deste ofício, a reportagem. Ao lado da notícia, esta se insere no jornalismo informativo. Autores como Erbolato (1978), Bahia (1990), Kovach e Rosenstiel (2004) enfatizam o gênero como a face nobre dos produtos desta profissão. Lage (2009) e Beltrão (1980) compreendem que o limite entre reportagem e notícia está na profundidade e ampliação das pautas encontradas na primeira e na concisão e objetividade da segunda. Para Ferrari e Sodré (1986), estar no local da pauta proporciona ao jornalista verificar os desdobramentos dos fatos, empregando suas percepções e sentidos para relatar e descrever o acontecimento. Esta constatação dos estudiosos pode ser

acentuada se considerarmos que os dispositivos móveis se naturalizam entre as ferramentas nas redações.

Dispositivos portáteis como celulares, *iPods*, *tablets* e outros ampliaram a mobilidade registrada na comunicação e no jornalismo, anteriormente verificada pelo rádio, a televisão, jornais e revistas. Desta forma, podemos dizer que a produção e emissão da notícia, no século XXI, devem ser analisadas a partir da lógica das tecnologias portáteis, ubíquas e virtuais. Neste novo cenário, a mobilidade passou a ocupar posição central.

As condições de mobilidade foram acentuadas a partir dos anos de 1940, com os investimentos na comunicação para o tráfego de dados, aspecto que cresceu especialmente com os avanços nas telecomunicações, com satélites e depois com a internet e a tecnologias digitais móveis em rede.

Para pensar o jornalismo móvel, diversos autores têm se esforçado para compreender as implicações da mobilidade física, ou seja, o deslocamento dos repórteres com dispositivos móveis. Além disso, o interesse dos estudiosos tem recaído sobre a perspectiva do tráfego de dados ou mobilidade informacional. Autores como André Lemos (2009) têm analisado também a questão da ubiquidade e da portabilidade.

Outros pesquisadores, no entanto, entendem o fenômeno sob um ponto de vista mais amplo, compreendendo aspectos como transporte, comunicações e a mobilidade urbana. Urry (2007) aborda o

trânsito virtual de dados, que confere instantaneidade na transmissão de conteúdos. O autor ressalta, entre outras questões, que ao ganhar formato digital, os dados transitam pelo ciberespaço e o jornalismo se beneficia disso, ao fazer uso de redes conectadas por dispositivos móveis por meio dos quais é possível, além de transmitir, acessar informações.

Ele, em obra publicada em 2007, considera as dimensões históricas, culturais da sociedade, incluindo o aspecto econômico e o da comunicação. Urry refere-se à potencialidade de estar em movimento, incluindo aí o trânsito da informação e as imagens. Numa outra abordagem do termo, o autor refere-se à possibilidade de mobilização usando de tecnologias móveis. Para ele, ainda devem ser consideradas, para definir a questão, as ciências sociais, referindo-se assim à mobilidade social caracterizada pelas classes e hierarquias presentes na sociedade. Urry (2007) considera ainda ao refletir sobre o tema os deslocamentos entre países ou espaços de um mesmo território.

O pesquisador (2007) vai mais além ao estabelecer uma relação entre o termo mobilidade e o transporte de dados e ainda entre a mobilidade com a internet, usando da tecnologia wireless. Ele diz que as forças da internet, com tecnologia wireless, e do transporte de dados estão correlacionadas com a mobilidade física proporcionada pelo automóvel, por exemplo.

Bauman (2001) chama atenção para a presença de fluxos e mobilidades nas cidades. No entendimento dele, estes ocorrem a partir de redes e da globalização. Com o uso de dispositivos móveis, estas

potencialidades permitem a produção e emissão de informações em movimento. O pesquisador menciona a expansão da mobilidade tanto pelo lado do produtor quanto do consumidor de informações. Nesse sentido, Mitchell (2003, p.84) lembra a possibilidade de o usuário baixar o que preferir em seus dispositivos móveis, além de nos mesmos poder produzir e transmitir os conteúdos que julgar mais apropriados.

Desta forma, podemos dizer que há uma noção plural de mobilidade, o que exige novas definições para as mudanças ocasionadas pelos dispositivos conectados. A partir dos autores mencionados, compreendemos que a "computação está em movimento" e dela surgem distintas formas de mobilidade, pelas quais o jornalismo também é afetado, passando a estabelecer novas dinâmicas de funcionamento. Neste novo contexto, o jornalismo vê uma acentuação da instantaneidade, imediatismo e passa a conviver com a atualização permanente da notícia. Teremos assim, uma produção mais complexa, dada as mobilidades física e informacional.

Com tudo isso, o jornalismo expande suas atividades, desenvolvidas fora do ambiente fixo de uma redação. Essa expansão pode ser entendida desde a mobilidade que se dá pelo deslocamento do repórter e seus equipamentos para o local da pauta, portanto uma mobilidade material e corporal até a mobilidade que inclui a possibilidade de deslocamento da informação através de um livro, por exemplo, ou por meio da telemática, e, como temos destacado nesta pesquisa, através de dispositivos móveis.

Outra forma de refletirmos sobre esta mobilidade acentuada no jornalismo é a partir de uma sobreposição de mobilidades. Primeiro, o deslocamento do repórter num veículo de reportagem, depois a edição e envio do conteúdo pela internet. Há, nestes casos, uma mobilidade física, por meio do transporte, e depois uma mobilidade informacional, através dos arquivos enviados para redação por meio de redes sem fio. Conforme Silva (2013, p.172) há uma espécie de mobilidade cumulativa ou sobreposta que demonstra a relação híbrida entre mobilidade de transporte/física e de comunicação. Para o autor, há uma retroalimentação e interação entre os espaços móveis.

Devemos pensar o jornalismo nessa confluência de mobilidades entre a física e a informacional em que as tecnologias móveis colocam em funcionamento na cadeia de produção da notícia com o movimento de dados (SILVA, 2013, p. 174).

Alguns autores propõem um olhar mais amplo para o conceito. Graham e Marvin (2001) mencionam a perspectiva da mobilidade relacionada à desterritorialização e reterritorialização. Com isso, os estudiosos afirmam que a mobilidade reinvidica locais fixos. André Lemos (2007), nesse sentido, entende que as tecnologias móveis incorporadas ao cotidiano da sociedade atual exigem territorialização e reterritorialização. O estudioso acena para a dependência de uma estrutura fixa proporcionada por cabos, pontos de acesso à internet, ou seja, a mobilidade não é possível sem algo material e fixo para operar. A sociologia contribui para esta reflexão, como problematiza Giddens (1991) quando menciona a transição das culturas pré-modernas para as

modernas, depois da migração de populações de um território para outro nestes períodos.

Portanto, devemos compreender os estudos contemporâneos da mobilidade sob uma perspectiva interdisciplinar, que abarca os campos da sociologia, antropologia, economia, comunicação e outros. A comunicação estabelecida a partir da mobilidade é alvo de pesquisas sob diversos aspectos, sobretudo quando relacionada às tecnologias sem fio. Castells et al (2006) propõem uma reflexão para o que entendem como “sociedade em rede móvel”, na verdade, um olhar expandido para o conceito de "sociedade em rede" que o próprio Castells propunha em 1999, quando falava da revolução das tecnologias da informação na década de 1970 e da interligação dos conteúdos e dos indivíduos a partir da internet.

Silva (2013, p. 173) entende tudo isso como uma nova geografia da comunicação desenhada pelas tecnologias móveis digitais. Para ele, estas se diferenciam de outros meios por uma mobilidade ampliada e adotada pelos jornalistas e o público desses novos artefatos de produção. O estudioso infere que as imagens, textos, vídeos produzidos pelos aparelhos portáteis constituem uma distribuição descentralizada. O autor (2013, p. 173) menciona ainda neste contexto, o uso de GPS e das redes sociais em aparelhos, para estabelecer proximidade, dando a noção de “lugar”, de “geolocalização”, adicionando um valor-notícia do “local”. O pesquisador vai mais além, quando afirma que as tecnologias móveis são caracterizadas pela potência e flexibilidade, ou seja, estão em constante mutação.

Para falar de mobilidade, Silva (2013) refere-se à idéia de movimento. Assim, ele aborda uma dimensão geográfica, na qual parte-se de uma origem para um destino. A reflexão, no entanto, extrapola o transporte e movimento de pessoas, incluindo objetos, ideias e informação. Desta forma, este movimento de informações em redes técnicas de comunicação, ou seja, que permite o tráfego de dados digitais incorpora o transporte eletrônico de imagens, vídeos e áudios distribuídos pelas redes. Urry (2007) contribui nesta compreensão ao analisar o fenômeno em termos de movimentos físico, imaginativo e virtual. O pesquisador refere-se a viagens de pessoas, ideias, imagens, objetos, mensagens, produtos e dinheiro.

A perspectiva de uma mobilidade informacional é entendida como uma extensão das pessoas para transmissão eletrônica de dados através da tecnologia móvel. A reflexão é feita por Kellerman (2006), para quem a mobilidade é uma característica da modernidade e da pós-modernidade. O autor entende o termo no sentido de “estar em movimento”.

Dentro deste mundo móvel, os artefatos portáteis para produção de conteúdo constroem novos sentidos à informação, repercutindo sobre distintos aspectos da vida em sociedade. Para Aguado (2009), há na atualidade o que ele chama de um ecossistema líquido, desencadeado pelas tecnologias móveis digitais.

Santaella (2007) também menciona o desenvolvimento dos dispositivos móveis, sobretudo da telefonia ao referir-se à mobilidade quando comenta: “(...)qualquer parte do mundo se tornou acessível ao

toque de minúsculos dígitos de um pequeno aparelho que quase cabe na palma da mão de uma criança” (p.231).

André Lemos (2013, p.3) lança outro olhar sobre a questão, ao dizer que a mobilidade, conceito central para explicar as transformações no processo de produção da notícia, é inerente ao homem e surge com a sua necessidade de criar um lugar no mundo, proteger-se da solidão e do vazio do espaço genérico e abstrato. Segundo o autor, a sociedade vive o que ele chama de “cultura da mobilidade”, um entrelaçamento das questões tecnológicas, sociais e antropológicas:

Para a comunicação, a mobilidade é central já que comunicar é fazer mover signos, mensagens, informações, sendo toda mídia (dispositivos, ambientes e processos) estratégias para transportar mensagens afetando nossa relação com o espaço e o tempo (LEMOS, 2013, p.4).

Conforme o pesquisador, com a emergência das novas formas de comunicação sem fio, estamos vivenciando modificações nas práticas da cibercultura, que se estendem ao espaço urbano e às formas sociais. Lemos vai mais além ao dizer que as práticas com telefonia celular estão transformando o telefone móvel no que ele chama de um “controle remoto do cotidiano” e o uso da conexão à internet sem fio, ou “Wi-Fi” oferece novas dinâmicas de acesso e de uso da rede.

Com isso, o autor chama atenção para uma nova fase na era da informação, a dos computadores coletivos móveis, à qual denomina como “era da conexão”, com a emergência da computação ubíqua e pervasiva. Para explicar este fenômeno, o pesquisador recorre às origens

da informatização da sociedade, na década de 1970, nas principais cidades ocidentais desenvolvidas. Com a chegada do século XXI, surge uma nova fase da sociedade da informação, com o surgimento da internet e o desenvolvimento da computação sem fio, pervasiva e ubíqua, a partir dos telefones celulares cada vez mais disseminados, do acesso à internet sem fio e das redes caseiras de proximidade com a tecnologia “Bluetooth”.

Desta forma, Lemos (2013, p.6) reforça uma transformação nas práticas sociais, na vivência do espaço urbano e na forma de produzir e consumir informação. Com isso, as práticas humanas no tempo presente acenam para novas formas de lidar com o ambiente urbano e com a informação em tempo real. A própria rua é local onde a produção, edição e disseminação de conteúdo noticioso acontece (MACHADO, 2003). McLuhan (1999) já entendia que o homem, na tentativa de dominar o ambiente, inventa ferramentas que seriam extensões do seu próprio corpo. A tecnologia, portanto, configuraria o processo do fazer jornalístico, da circulação e do consumo da notícia.

Castells (2003, p.7) interpreta o desenvolvimento da internet como uma aventura que destaca a transcendência de metas, a transposição de barreiras e a subversão de valores apresentados no que ele chama de um novo mundo. O pesquisador entende a internet como a base tecnológica para organizar a chamada Era da Informação, estabelecida em torno da ideia de rede. Para ele, o nosso tempo, é constituído de redes de informação alimentadas pela internet. Conforme Castells trata-se de um meio de comunicação capaz de permitir pela

primeira vez troca de informações entre muitas pessoas, em escala global. Magda Cunha (2010) concorda com o pensamento do autor e diz que a apropriação da sociedade em relação à tecnologia determinará a sua expansão e o seu desenvolvimento.

As tecnologias da mobilidade também podem ser compreendidas dentro da relação que estas estabelecem com a computação e o espaço urbano.

A respeito deste tema, Henry Jenkins (2009) entende a existência de uma convergência multiplataforma. Estudiosos como Nilsson, Nulden e Olsson concordam com o pesquisador e consideram a mobilidade como dimensão da convergência multiplataforma.

2.2 Da incorporação da internet ao rádio digital

Com a utilização em massa da rede mundial de computadores a partir da década de 1990, como esclarece Marcos Palacios (2002), ocorre não só o aumento do consumo de informações, mas também mudanças na forma como os conteúdos são apresentados ao público. Para o jornalismo, as alterações repercutiram nas rotinas produtivas a partir da incorporação deste recurso bem como de outras ofertas tecnológicas. A produção do jornalismo foi alvo, ao longo dos anos, de constantes adaptações. Eduardo Meditsch (2007, p.131) fundamenta a ocorrência deste fenômeno: “A técnica do jornalismo evoluiu no sentido de responder às necessidades criadas pelas mudanças sociais”, sentencia. Nilson Lage (1979) complementa o pensar do autor e afirma que esta

realidade diz respeito à realização de uma cultura altamente sensível às concretizações da História.

Na redação, novos modos de produção se estabelecem a partir da utilização do computador como processador de texto e terminal de recepção das agências de notícias, semelhante aos programas desenvolvidos para os jornais. Eduardo Meditsch (2007, p. 119) diz que numa segunda fase, os computadores passaram a fazer parte de uma rede local, servindo de unidade de edição não-linear. Alterações na estrutura de pessoal também foram ocasionadas em função disso, segundo o pesquisador: “(...) as emissoras acabam por eliminar também grande parte do pessoal técnico que cuidava de sua operação”, diz. Em consequência disso, ocorre uma sobrecarga do jornalista, obrigado a substituir os profissionais eliminados e a acumular as funções de locutor, apresentador, operador e repórter.

Nelia Del Bianco (2010, p. 7) assinala uma terceira fase da informatização das emissoras especializadas em jornalismo, a constituição de rede local de computadores, integrando redação e edição de noticiários à central técnica e com conexão à internet. “Graças a um software de gerenciamento de produção, os jornalistas agora têm acesso ao espelho de programas e às matérias levadas ao ar em todos os noticiários por meio do terminal de seu computador”, complementa a autora. A integração à internet produz mudanças, na medida em que proporciona acesso gratuito às agências de notícias e aos jornais on-line nacionais e internacionais. “Na verdade, tem-se acesso ao conteúdo parcial de jornais on-line, portais e agências de notícias, nem sempre é o

material jornalístico integral disponível apenas para os assinantes”, ressalva Del Bianco (2010, p. 7).

A pesquisadora chama atenção para outra mudança importante no radiojornalismo a partir da incorporação da internet à rotina de produção: o encurtamento do ciclo da informação. “O ritmo da informação com o tempo real muda a lógica do tempo informativo no rádio para entrar numa era da quase ‘imeditaticidade absoluta’”, sentencia. Além disso, a decisão sobre o que entra no noticiário passa a ser tomada em tempo real. Com isso, Del Bianco (2010, p. 9) aponta para a apropriação de valores típicos da internet na produção do rádio. “Entre eles a cooperação entre usuários, comunicação horizontal, sem hierarquias, entre os integrantes da rede local”, enumera. A interação entre a equipe e a audiência, além de os profissionais envolvidos passarem a ter acesso a todos os conteúdos, também são indicados pela pesquisadora neste rol de alterações produzidas pela presença da web no radiojornalismo.

Na comparação com a era analógica, há uma redução no número de repórteres, agora considerados desnecessários, em razão do grande número de informações gratuitas disponível na rede. “As emissoras tendem a investir em ferramentas que possibilitam acessar informação sem demandar o deslocamento de pessoal até o local do acontecimento”, elucida Del Bianco (2010, p.9).

Ela destaca o fato de que mesmo com tantas mudanças, as formas de apresentação permanecem as mesmas, sendo que a narrativa oral confere credibilidade para a notícia, uma qualidade do discurso

radiofônico. “Quando um redator noticiarista entra ao vivo lendo uma nota extraída da Internet dá a impressão ao público de que se trata de matéria apurada por ele”, explica Del Bianco (2010, p.9). Na prática, o texto pode ser resultado de uma pesquisa na Internet. A autora (2008) aponta que para rivalizar com a internet, o rádio será cada vez mais factual, mesmo que se aproprie da rede para produzir seu noticiário.

Nelia Del Bianco (2010, p. 9) constata que mesmo numa reportagem de rua, pode haver o complemento extraído da internet, pois está estabelecida a prática da ampliação constante com o conteúdo de agências e webjornais. “O olhar do repórter no local parece não ser mais o bastante”, afirma. Somada a isso, há uma ampliação da noção de local, que agora passa a ser global: “No caso de eventos globais, procura-se dar a eles um toque local no rádio, repercutindo-o com especialistas, parentes de vítimas, jornalistas brasileiros no exterior de outras agências de notícias”, detalha a estudiosa (2010, p.9).

Debora Cristina Lopez (2009, p. 34) considera essa mescla entre as informações locais, nacionais e internacionais como uma tentativa do rádio de não ficar para trás neste contexto de mudanças nas relações de espaço e tempo apresentadas pela web.

Diante da facilidade apresentada pela grande oferta de informações, no rádio prepondera a apuração de informações de serviço. Historicamente, a produção radiofônica acabou por especializar-se, de forma involuntária, em dar informações em primeira mão sobre trânsito, estradas, acidentes e tempo. Agora, as já reduzidas equipes, intencionalmente voltadas para estes temas, confrontadas com a

dificuldade de locomoção nas grandes cidades, acabam não dando conta de outras questões. “A mobilização de equipes de reportagem dependerá sempre da abrangência do assunto. Muda, portanto, o conceito de seguir as pautas do dia e passa a ser condicionada pelos casos de excepcionalidade”, explica Del Bianco (2010, p. 10).

Desta forma, criam-se conteúdos padronizados, já que as fontes acabam sendo as mesmas. Isso porque os jornalistas tendem a considerar como referência as notícias provenientes da mídia tradicional. “A concentração da informação nas mãos de poucos persiste até mesmo num campo de informação e comunicação por natureza livre e plural”, enfatiza Del Bianco (2010, p. 10).

A referir-se ao potencial da web para a apuração jornalística, Elias Machado (2003) indica o webjornalismo como resultado imediato de todas as potencialidades deste recurso, tendo, portanto, que funcionar dentro de uma lógica própria. O estudioso aponta ainda a utilização da internet pelo rádio, TV e impresso na busca de dados para auxiliar na apuração tradicional. Ele (2003, p. 35) considera duas estratégias para esta última utilidade. Primeiro, o jornalismo de precisão e depois, a reportagem assistida por computador, ambas entendidas como maneiras de fazer um uso instrumental da tecnologia para aperfeiçoar o trabalho, sem alterar o cerne da profissão. Ele compreende a reportagem assistida por computador como um caminho para inserir tais máquinas na apuração como recurso para busca de informações em bancos de dados.

Debora Cristina Lopez lembra que a apuração pode ser feita sem a saída da redação. Tanto o telefone quanto a internet permitem fazer a notícia sem que o repórter esteja no palco dos acontecimentos.

É possível afirmar que entre as tecnologias recentes, a que mais gerou alterações nas rotinas do jornalismo de rádio foi a internet. Ela demanda informações sobre duas perspectivas: como fonte e como suporte para a informação (LOPEZ, 2009, p. 35).

Além das informações para serem lidas no ar, o jornalista encontra na internet sonoras e até reportagens completas elaboradas por agências de notícias, assessorias de imprensa e outros sites interessados em divulgar e dispor conteúdo gratuito.

Uma revisão dos fazeres do jornalista e de sua rotina é proposta a partir desta nova identidade das rádios, forjada por um ambiente de convergência. “Na internet, o rádio passa a falar uma linguagem multimídia, com imagens, textos escritos, áudios, vídeos e infografia. Não há mais restrições de espaço”, diz Lopez (2009, p.35).

O jornalista atua dentro da lógica de tecnologias absorvidas pelo cotidiano. Os usuários da internet a percebem como um mecanismo corriqueiro e integrante do dia a dia da sociedade. Sendo assim, para o repórter, o desafio é entender o funcionamento das técnicas apropriadas para cada informação, apresentada sob distintos formatos e narrativas, conforme Elias Machado (2002, p. 5).

As fontes de informação no ambiente virtual são inúmeras, indo das tradicionais, de organizações, instituições, bancos de dados especializados, outros meios de comunicação, agências de notícias e assessorias de imprensa, até o cidadão comum, interessado em compartilhar impressões sobre experiências pessoais. Os recursos para esta divulgação podem ser um perfil nas redes sociais, um blog pessoal ou institucional e até um e-mail enviado para um meio de comunicação. Tais opções facilitam o trabalho de reportagem, na busca por um especialista ou um personagem para uma matéria “(...) e ampliam para o comunicador a variedade das fontes com que pode conversar”, explica Lopez (2009, p. 37).

O risco das emissoras neste novo cenário é repetir a experiência do rádio pioneiro, quando se fazia a transposição da notícia do impresso para o rádio, é ir do *gilette press* para o *Ctrl + c*, *Ctrl + v*. Pereira (2003) usa o termo “jornalismo sentado”, para referir-se à prática da produção de conteúdo sem sair da redação, ou pior, que não é recolhida pelo repórter. Com isso, há apenas uma adaptação do texto produzido por outros meios em detrimento à apuração ou a presença no ambiente da pauta. Além disso, com a facilidade de acesso às fontes presentes nas redes sociais, ou por e-mail, o repórter tem a possibilidade de compilar declarações muito rapidamente. Dados de contextualização obtidos numa pesquisa em sites e veículos de comunicação também são de grande ajuda na finalização dos conteúdos.

Com o auxílio da internet também é possível produzir jornalismo de profundidade, com rápido acesso a fontes e personagens

além de recursos como GPS, internet 3G, principalmente presentes em dispositivos móveis, podem auxiliar na localização e, inclusive, para a recolha de dados, imagens e sonoras que complementam a apuração. “Desde a produção até a edição feita no palco dos acontecimentos e enviada para a redação ou diretamente para o site da emissora, as tecnologias assumem um papel de revisoras do fazer jornalístico em rádio”, fundamenta Debora Cristina Lopez (2009, p.39). Nelia Del Bianco (2006, p. 13) diz que as informações podem ser fundidas para dar forma ao noticiário: “Às vezes, é difícil separar e identificar num programa o que é notícia exclusivamente retirada da Internet do conteúdo totalmente apurado pela central informativa ou pelos repórteres”, observa.

A exemplo do que houve com a televisão, a internet foi inicialmente vista como uma concorrência ou até uma ameaça ao rádio. Muitas emissoras, nos primeiros anos da ascensão da web, na década de 1990, dispunham de informações institucionais em suas páginas apenas como uma forma de dizer ao ouvinte que estavam antenadas com as novidades tecnológicas. Com o tempo, além de reconhecida pela capacidade de dar voz a segmentos distintos da sociedade e usar de diferentes estratégias narrativas para alcançar um público heterogêneo, passou a ser usada em favor da radiodifusão, como descreve Prata (2009, p.59): “Aos poucos, as rádios também passaram a ofertar a transmissão on-line, isto é, um único produto midiático podendo ser acessado simultaneamente no aparelho de rádio e no computador”. Debora Cristina Lopez lança um olhar mais amplo e distingue três perspectivas da presença do áudio na rede:

“(...)a) as emissoras convencionais que utilizam seus websites como ferramentas de interação, de aprofundamento e de banco de dados; b) as emissoras criadas especificamente para web e que utilizam os potenciais da rede; c) as emissoras que utilizam a web somente como repetidora do conteúdo das convencionais (LOPEZ, 2009, p. 44).

Aos poucos, o aumento da velocidade de conexão possibilitou o incremento do conteúdo, como por exemplo, as reportagens e boletins à disposição dos usuários, com um aumento no número de canais para interação com os ouvintes, que podem colaborar com pautas e até como ouvinte-repórter, além da atualização jornalística. Como já apontado por Cebrián Herreros (2007), a Internet criou um novo público que não se restringe a absorver a informação e não abre mão da interatividade. O uso de dispositivos móveis, como celulares, tablets e smartphones, nos quais o rádio também passa a ser ouvido, potencializa esta interação, já que, independente de onde esteja o ouvinte continua em sintonia com a emissora e tem a possibilidade de participar da programação (CATTANI, 2012).

Quando o rádio se insere numa nova plataforma, o que antes era visto como ferramenta para busca de dados, agora passa a servir também como meio de difundir conteúdo. Com isso, criam-se os sites, nos quais as emissoras não se restringem a oferecer áudios, mas agregam fotos, vídeos e textos para o usuário. Henry Jenkins (2008) dá a isso o nome de convergência, um fenômeno que pode ser o autor explica como:

O fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos

públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2008, p. 27).

A chegada do século XXI assinala a criação de centenas de emissoras para transmissão exclusivamente pela Internet. Órgãos governamentais e até a iniciativa privada passam a dispor de *radiowebs*, *webrádios* ou *webemissoras*. Muitas delas apresentam caráter comercial e conquistam espaço pela programação voltada para músicas.

As discussões sobre o sistema a ser adotado para transmissão digital de rádio no Brasil também orbita entre os principais temas relacionados ao veículo na contemporaneidade. Este debate, ao que parece, está longe de ser concluído. Implicações políticas, tecnológicas e econômicas estão presentes neste processo e justificam a demora na definição, inicialmente prevista pelo governo federal de ser divulgada em 2007. Debora Cristina Lopez (2009, p. 52) afirma que a digitalização do rádio deve trazer uma série de vantagens para a produção sonora brasileira: “[...] a rádio AM passará a apresentar qualidade de som de FM, enquanto a FM terá qualidade de CD”, explica. Neste novo contexto, a transmissão musical será especialmente favorecida.

[...] os arquivos digitais de música não perderão qualidade durante a transmissão. Essa mudança será possível porque a digitalização amplia a quantidade de armazenamento de som dando maior capacidade na reprodução da música o que favorece a apreciação dos ouvintes (Del Bianco, 2010, p. 96).

Mas outras mudanças que devem chegar com o rádio digital terão efeito direto nas rotinas produtivas do jornalismo em rádio. Dados, imagens e textos poderão ser transmitidos. Medeiros (2009, p.13) acentua o que considera uma das principais vantagens desta possibilidade tecnológica “uma melhor qualidade de áudio, puro e cristalino, semelhante ao som ouvido em um estúdio de áudio”, sentencia.

Del Bianco (2003, p. 2) afirma que no rádio digital haverá uma hiper-especialização “não só pela música, com seus mais variados gêneros e estilos, mas também pela temática - emissoras especializadas em esportes, turismo, economia, literatura, entre outros”.

Desde 2012, o Ministério das Comunicações dispõe de um Conselho Consultivo do Rádio Digital, formado por representantes do Governo Federal, Poder Legislativo, do setor de radiodifusão e indústria para “firmar uma posição técnica sobre qual modelo de rádio digital, funciona melhor, além de tratar de temas como financiamento da transição do sistema, política industrial e modelo de negócio” (DEL BIANCO, 2013, on-line). Dois padrões de digitalização já foram testados, a partir de uma parceria do Ministério das Comunicações e o Instituto Nacional de Metrologia (Inmetro). O americano HD Rádio e o europeu DRM – Digital Radio Mondiale apresentaram mal desempenho no FM em alta potência. Em AM, o mesmo foi verificado com o HD Rádio.

Outro aspecto problemático é a cobertura do sinal: o digital alcançou 70% da abrangência que hoje atinge

o analógico. Diminuir a área de abrangência do sinal, no entendimento do Ministério das Comunicações, significa excluir uma parte dos ouvintes que hoje potencialmente tem acesso ao sinal (Del Bianco 2012, on-line).

No debate sobre as modificações vividas pelo rádio ao longo da histórica, Magda Cunha (2004, p.4), diz que o meio “(...) tem uma origem complexa, mas é capaz de co-existir em diferentes formas. Seu suporte básico permanece sendo o áudio”, diz a estudiosa.

Conforme a autora (2010), as transformações proporcionadas pela tecnologia reforçaram a proximidade com o ouvinte. Isso já era verificado nos anos de 1940, quando o rádio informativo, calcado exclusivamente na notícia, se implanta no Brasil. Neste período, o rádio passa a se desenvolver com o uso de recursos próprios e apropriados à transmissão da informação jornalística. Apesar desta potencialidade, é na década de 1980 que os benefícios oferecidos pela transmissão ao vivo reforçam a narração dos fatos direto do local dos acontecimentos.

Com tantas modificações, o rádio se reconstrói diariamente, numa relação dialógica com uma sociedade permeada por tecnologia. É estabelecido, desta forma, um novo patamar de relacionamento com a audiência, por meio das redes sociais e outros canais de interação com a emissora, num exercício contínuo imposto ao jornalismo de apurar e filtrar as contribuições que chegam por meio do ouvinte, que se faz participante da construção da notícia.

Na Rádio Gaúcha, uma das emissoras que compõem nosso *corpus*, grande parte das pautas são agregadas à programação por meio

dos torpedos enviados pelo público. O trânsito, o tempo e até a ocorrência policial são comunicados à emissora mesmo antes do conhecimento das autoridades. Em muitos casos, a equipe de reportagem é quem informa a polícia, por exemplo, de fatalidades registradas na região metropolitana de Porto Alegre. As dicas do ouvinte são apuradas pelos repórteres e só então levadas ao ar como um serviço à audiência. Outro canal de comunicação com a emissora são as redes sociais. Disponível nos celulares, o acesso à internet permite ao público dialogar com o apresentador do programa emitindo opiniões e incrementando as pautas por meio do relato do que pode ser observado nos diversos espaços da capital gaúcha.

Assim, pode-se dizer que, com a chegada da internet, o rádio começa a se reinventar mais uma vez, diante das diversas possibilidades oferecidas pelas mídias convergentes e o aumento da interatividade com o público. Com isso, também cresce a exigência sobre os profissionais, que agora devem estar preparados para produzir em áudio, vídeo, texto, além de investir na checagem das contribuições do público, que cada vez mais passa a colaborar com conteúdo e sugestões de pauta.

De outro lado, devem ser consideradas as facilidades proporcionadas para a relação com as fontes, em qualquer local por celular, rompendo com as limitações impostas pela telefonia fixa que, por vezes, representavam um obstáculo para a reportagem.

Neste cenário, estão em questão também os benefícios oferecidos pela gravação digital, tornando possível ao radiojornalismo trazer entrevistas e sonoras de lugares distantes com qualidade superior

à tecnologia analógica para compor as produções radiofônicas. Tal realidade dá à notícia o recurso de uma citação em áudio, seja em entrevista ou mera declaração. Outra prática que também se popularizou entre as emissoras são as gravações por meio de celular enviadas ao estúdio pela internet, costume já absorvido à rotina de produção de muitos meios em contexto on-line, como explica Silva:

O celular, como um dispositivo híbrido, emerge como o disseminador principal da prática do imediatismo por concentrar uma série de funções e oferecer mobilidade ao portador para registrar situações em vários formatos e enviar de qualquer lugar através de SMS, MMS ou pela própria web móvel (SILVA, 2008, p.).

No caso da cobertura de grandes eventos, a gravação digital pode ser editada num notebook, celular ou tablet e até agregada à locução do repórter, ou seja, a matéria pode ser finalizada no local da pauta e depois enviada para a emissora. Tudo isso, a um baixo custo, se comparado com a estrutura e equipe que a TV, por exemplo, teria que mobilizar para uma reportagem externa. Assim, a produção radiojornalística passa a ter recursos para deixar definitivamente os limites da emissora, fenômeno que Silva descreve como “a descentralização da produção jornalística das redações físicas para ambientes móveis de produção se aproveitando dos artefatos digitais que permitem o exercício do tempo real” (2008, on-line). Zuculoto (2012), também aborda esta tendência do rádio contemporâneo:

O jornalismo radiofônico busca e persegue fisicamente o desenvolvimento dos fatos, da notícia, da informação. [...] o radiojornalismo brasileiro já se

desenvolve sob uma conceituação mais ampla. Já se faz sem distinção entre informação e jornalismo radiofônicos [...] Além da informação puramente jornalística, noticiosa, veicula como jornalismo, também, por exemplo, prestação de serviços, utilidade pública, informação institucional. (ZUCULOTO, 2012, p.7).

Segundo a autora, com o livre acesso ao uso da web para a implantação de emissoras de rádio exclusivas na internet ou para transmissão de informações ou produções em áudio, mais uma vez, se estrutura um novo rádio. A novidade do veículo se manifesta na forma de produzir, utilizando-se da convergência multimídia que facilita os processos de captação, investigação, reflexão, interatividade, em novos e mais modelos e formatos. Além disso, o surgimento de novos dispositivos tecnológicos estimula a experimentação criativa, as ofertas de programação e serviços. Tais transformações não são definitivas. Linguagem, texto, formato e recursos do jornalismo radiofônico continuam em elaboração.

Com a invenção da telefonia celular e da internet com conexão sem fio, o desafio imposto ao jornalismo de produzir informação num contexto de mobilidade toma dimensões cada vez maiores. Para o rádio, o surgimento destas novidades em suportes técnicos é apenas um passo a mais no aperfeiçoamento de três de suas principais características: mobilidade, instantaneidade e imediatismo.

Esta reinvenção deve ser entendida como um fenômeno instalado a partir de diversos aspectos, desde o acesso à informação que chega mais rápido, por meio de *releases* de assessorias, notícias de sites

e blogs empenhados em divulgar a notícia em primeira mão, até o contato com o ouvinte e as fontes que pode se dar por meio de redes sociais, *sms* e ligações feitas por celular. Tudo isso não se dá de forma isolada, mas inserido num contexto de mudanças que emerge da sociedade em constante transição.

A adaptação imposta ao rádio é o processo ao qual estão submetidos os diversos meios de comunicação em confronto com a evolução dos recursos tecnológicos e as transformações que perpassam a própria realidade.

Nelia Del Bianco (2004, p.2), ao mencionar o fenômeno em sua tese de doutorado, diz que o processo de mutação que envolve historicamente os meios de comunicação se dá por hibridização. Ela afirma que o híbrido, ou o encontro de dois meios, libera grande força ou energia por fissão ou fusão, porque constitui o momento de verdade e revelação, do qual nasce a forma nova. A pesquisadora menciona Roger Fidler (2004), que ao desenvolver o conceito de *mediamorfose*, diz que as novas mídias não surgem de maneira espontânea e independente, mas emergem gradualmente a partir da metamorfose das antigas. “O novo meio se apropria de traços dos existentes para depois encontrar sua própria identidade e linguagem. Diante das novas mídias, as tradicionais normalmente não morrem, ao contrário, adaptam-se e continuam evoluindo” (DEL BIANCO, 2004; p. 2).

Quando se refere à *mediamorfose*, Del Bianco faz questão de frisar que esta não é uma teoria, mas um modo unificado de pensar a evolução tecnológica dos *media* e permite notar as semelhanças e

relações existentes entre o passado, o presente e as formas emergentes. Para a autora (2004), o princípio é complexo e está fundamentado na hipótese de que as forças que moldam o novo são, essencialmente, as mesmas forças que moldavam o passado.

3. IMPACTOS DA MOBILIDADE NA PRODUÇÃO DO RÁDIOJORNALISMO DOS PROGRAMAS GAÚCHA REPÓRTER E NOTÍCIA NA TARDE

Para a construção deste capítulo fizemos uma apresentação histórica das emissoras onde estão inseridos os programas analisados neste trabalho. Depois disso, descrevemos uma edição do Gaúcha Repórter da Rádio Gaúcha de Porto Alegre e outra do Notícia na Tarde da CBN Diário de Florianópolis. Os demais programas que compõem a semana de observação em cada emissora tiveram seus conteúdos analisados do ponto de vista quantitativo, no que se refere ao uso da mobilidade do rádio e das tecnologias que a potencializam para o jornalismo.

Nesta unidade da pesquisa cruzamos os dados levantados na observação não-participante das rotinas produtivas com os da entrevista aberta com os profissionais. As questões pontuadas por estes processos são discutidas à luz das reflexões indicadas pelos autores na pesquisa bibliográfica desta dissertação.

3.1. Rádio Gaúcha: histórico

Em 1924, surge a primeira associação radiodifusora de Porto Alegre. No ar por apenas três meses, de setembro a novembro, demonstrou a importância de uma programação local. Depois disso, um

grupo de entusiastas da radiofonia iniciou um movimento para a criação de uma estação de radiodifusão na capital do Estado. Desta iniciativa, resulta a fundação da Rádio Sociedade Gaúcha, em 1927. Presidida por Fernando Martins de Souza, com as mensalidades e doações dos 300 sócios, a rádio adquire um transmissor de 250W e instala-se no último andar do Grande Hotel da cidade e começa a transmitir experimentalmente.

Com um programa de música erudita e canto lírico, em 19 de novembro de 1927 é inaugurada a Rádio Sociedade Gaúcha. De acordo com Ferraretto (2002), cada sócio contribuía mensalmente com 2\$000 (dois mil réis). A programação era de apresentações musicais ao vivo no estúdio, além de palestras de divulgação científica. Poucos meses depois da inauguração, conforme Raddatz (2011), a emissora dobra a potência alcançando outros estados a partir de Minas Gerais, chegando também ao Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia. É assim que a Rádio Sociedade Gaúcha fica conhecida no Brasil e no exterior pelo PQG, o primeiro prefixo da emissora. Na década de 1930, a estação muda para PRAG, se envolve com as revoluções de 1930 e 1932 e começa avançar em termos de programação.

Com a alteração da figura jurídica da rádio, esta transforma-se em sociedade civil de fins comerciais. Desta forma, de acordo com Ferraretto (2002, p.37), chega ao ano de 1954, com uma estrutura privilegiada. Eram 36 profissionais de radioteatro, uma orquestra de 18 músicos, 60 mil discos e equipamentos de frequência modulada para transmissões externas.

Crises financeiras levam a Gaúcha a ser vendida. No grupo que adquire a estação estava Maurício Sirotsky Sobrinho. Mais conhecido como Maurício Sobrinho, ele era um dos mais populares animadores da Rádio Farroupilha, outra emissora do Rio Grande do Sul. Outros nomes de destaque entre os novos proprietários são o de Arnaldo Ballvé, dono das Emissoras Reunidas, grupo de 15 estações de rádio do interior do Estado, e o do irmão de Sobrinho, Jayme Sirotsky. Estes empresários assumem a Rádio Gaúcha em 3 de julho de 1957. Surgia, nesta ocasião, o embrião do que se tornaria mais tarde, a Rede Brasil Sul de Comunicação (RBS).

Em 1963, a rádio e a recém-inaugurada Televisão Gaúcha são vendidas para a Rede Excelsior, de São Paulo. Sirotsky Sobrinho e seu irmão, Jayme Sirotsky, continuam na empresa. O primeiro assume a direção da televisão no Rio de Janeiro. Com a crise que abala a Excelsior durante o governo Jango, Maurício e Jayme Sirotsky, ao lado de Fernando Ernesto Correa recompram a Rádio e TV Gaúcha (FERRARETTO, 2007).

Dois anos depois, em 21 de abril de 1970, os mesmos empresários compram o jornal Zero Hora, formando a RBS.

Nesta década, inicia a segmentação da Gaúcha, pois, de acordo com Ferraretto (2007), teria havido um fracasso de audiência com a idéia de unir novelas, música gravada e programas de entretenimentos. Além disso, dois incêndios atingem as instalações da TV, da rádio e mais tarde do jornal. Em 1973, depois de superar a destruição trazida pelo fogo, a rádio passa a investir na segmentação. A novidade foi

apresentada por Nelson Sirotsky, filho de Maurício, que havia trazido a idéia dos Estados Unidos.

Aos poucos, a rádio abandona os programas populares e incorpora o jornalismo. Este ganha mais espaço a partir de 1977, quando passa a apostar numa programação mais sóbria. Sob o comando de Flávio Alcaraz Gomes, a rádio chega aos anos de 1980 cada vez mais próxima de uma programação de jornalismo 24 horas.

Com a morte de Maurício Sirotsky Sobrinho, em 1986, Jayme Sirotsky assume a organização e conduz o sistema RBS Rádio até os anos de 1990 com 20 emissoras no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Neste período, o grupo compreende, segundo Ferraretto (2002), o radiojornalismo a partir da combinação dos formatos *all news* e *all talk*, “baseado no noticiário, nas reportagens, nas entrevistas e nos comentários. O público-alvo, das classes A, B e C, tem idade superior a 25 anos e, no mínimo, uma formação equivalente ao ensino médio”, afirma o pesquisador (FERRARETTO, 2007, p. 219)

No livro *A notícia na Rádio Gaúcha: orientações básicas sobre texto, reportagem e produção*, Luciano Klockner (1997) diz que a emissora definia seu formato como sendo *talk and news*, “[...] isto é, as notícias são transmitidas de forma direta e dinâmica (*news*), contribuindo para que o ouvinte capte imediatamente a informação. A seguir, são comentadas e discutidas (*talk*) nos espaços específicos (comentários e programas)”, diz Klockner (1997, p. 23-24).

Nesta mesma década ocorre a consolidação da Rádio Gaúcha, com a formação da Rede Gaúcha SAT. Via satélite, a rede de rádios voltou-se para o jornalismo e apresentou a Rádio Gaúcha como cabeça. Hoje, a Rede Gaúcha SAT é composta por 98 emissoras afiliadas no Rio Grande do Sul, 25 em Santa Catarina, 15 no Paraná, 4 no Mato Grosso e outras 4 em Alagoas, Amazonas, Mato Grosso do Sul e Rondônia.

Em 2008, a emissora deu início às transmissões em Frequência Modulada (93,7 MHz), de forma simultânea à programação em Amplitude Modulada (600 kHz). A rádio ainda pode ser ouvida pelos canais de áudio de TVs por assinatura.

Desde 2012, a Rádio Gaúcha tem sua própria rede de emissoras, com duas afiliadas, uma em Santa Maria e outra em Caxias do Sul. As duas rádios retransmitem programas da Rádio Gaúcha de Porto Alegre. No entanto, contam com espaços para o jornalismo local.

A Rádio Gaúcha está instalada na Avenida Erico Veríssimo, no Bairro Azenha, em Porto Alegre. No mesmo prédio estão as redações dos jornais Zero Hora, Diário Gaúcho e os estúdios da CBN Porto Alegre.

A maior parte do quarto andar do edifício é ocupada pela redação da emissora. No mesmo espaço está o núcleo comercial e administrativo da rádio.

Na redação, a estrutura de trabalho é de diversas ilhas onde atuam repórteres, produtores e estagiários. No fundo da redação estão as

ilhas de edição, além de um estúdio improvisado de onde era transmitido o Gaúcha Repórter na época da nossa observação. O estúdio principal fica no andar inferior do prédio.

3.1.1 Programa Gaúcha Repórter

O Gaúcha Repórter dispunha, em novembro de 2013, de sete jornalistas produzindo para o período em que o programa ficava no ar, das 14h às 16h. A repórter Evelin Argenta circulava num carro da emissora, acompanhada de um motorista, pelas ruas mais movimentadas da região metropolitana de Porto Alegre, apresentando por celular, ao vivo, a situação do trânsito. De Brasília, Kelly Mattos acompanhava os eventos políticos do país, dando especial atenção àqueles que faziam referência ao Rio Grande do Sul. A apresentação era feita por Leandro Staudt e Milena Schoeller, que intercalavam a leitura de manchetes, direto da tela do computador, dando a previsão do tempo e chamando repórteres para entrarem no ar.

Em 2012, a emissora optou por instalar uma mesa de áudio e microfones numa sala da redação, de onde Staudt apresentava o programa, ao mesmo tempo em que atualizava o roteiro, o *Facebook*, lia *sms* de ouvintes e entrevistava pessoas por telefone. Ele dividia a apresentação com Milena Schoeller, que ficava na técnica ao lado, atualizava as notícias que seriam agregadas ao longo do programa, dando à apresentação um tom de bate-papo, questionando Leandro e complementando suas colocações. Antes de entrar no ar, a jornalista revisava todos os noticiários da emissora até o horário do Gaúcha Repórter, para identificar os assuntos que ainda não haviam sido dados

naquele dia sobre o Brasil e especialmente o Rio Grande do Sul. A pesquisa complementar era feita em sites considerados de referência, como o jornal do Grupo RBS, *Zero Hora*, e as versões digitais dos periódicos *Estadão*, *Folha de São Paulo* e *O Globo*.

A prática da jornalista é apontada por Lopez (2009, p. 37) como uma facilidade a partir do ingresso da internet à rotina de reportagem. Segundo a estudiosa, o ambiente virtual amplia a variedade de fontes, pois além de apresentar o conteúdo de outros veículos, também apresenta outras fontes com as quais o repórter pode conversar. Nélia Del Bianco refere-se a esta prática e à dificuldade que se tem atualmente em identificar o que é extraído da internet e o que é apurado pela redação. No caso deste programa, no entanto, é preciso ressaltar que o uso da internet se aplica apenas aos conteúdos nacionais, já que a cobertura da região da Grande Porto Alegre é amplamente explorada por esses profissionais. Esta atuação, como apontaremos mais adiante se destaca sobretudo pela transmissão do local dos acontecimentos, numa exacerbação do uso da mobilidade radiofônica.

Na técnica, no andar inferior à redação da Rádio Gaúcha, ao lado do estúdio principal da emissora, uma estagiária fazia o contato com as fontes que entravam ao vivo por telefone para serem entrevistadas pelos apresentadores.

Toda sexta-feira, Milena Schoeller e Jacques Machado, produtor do programa, apontavam pautas datadas, como o Dia Internacional da Mulher, por exemplo, para serem exploradas na semana seguinte bem como temas que pudessem ser abordados por repórteres de

todas as praças. Na semana de nossa observação, uma reportagem sobre o uso de *contêineres* para destinação de lixo orgânico foi feita ao vivo por um jornalista em Porto Alegre, outro em Santa Maria e ainda um em Caxias do Sul. As participações dos repórteres foram constituídas de descrições dos ambientes de onde transmitiam, assinalando o desrespeito dos moradores às regras de uso dos recipientes. No estúdio, por telefone, Leandro Staudt entrevistou um dos diretores do Departamento Municipal de Limpeza Urbana que fez um contraponto às colocações da reportagem.

Em entrevista à autora deste trabalho, o produtor do programa (MACHADO, 2013) ⁶relatou que a definição das pautas acontecia sobretudo por e-mail. Milena, Staudt e Machado trocavam mensagens com sugestões de assuntos a serem abordados no programa do dia desde o início da manhã. Os repórteres da emissora também costumavam enviar ideias.

Embora os assuntos factuais aparecessem de forma encadeada na programação da Rádio Gaúcha, portanto, havia temas diários que não podiam faltar, as pautas eram construídas de forma conjunta por todos os que davam sugestões para o programa. Por volta das 10h, já estava decidido o que seria distribuído aos repórteres para o acompanhamento de cada história.

Sobre esse assunto, Nelia Del Bianco (2010) diz que a informatização das redações e a posterior incorporação da internet ao

⁶ As entrevistas com repórteres e produtores dos programas que compõem o corpus da pesquisa estão transcritas em CD anexo.

trabalho de reportagem contribuiu para aproximar os membros de uma mesma equipe. Com isso, além de aumentar a troca de informações entre colegas, as ideias passaram a ser compartilhadas entre profissionais de níveis hierárquicos distintos, que antes nem sempre tinham uma comunicação direta.

No Gaúcha Repórter verificamos que além das contribuições dos jornalistas, o ouvinte também era fundamental para a definição das pautas. Por torpedos ou comentários no *Facebook*, o público fazia perguntas ou relatava ocorrências. “Quando julgamos o comentário pertinente, encaminhamos para a apuração. Comprovada a veracidade da denúncia, por exemplo, damos o crédito ao participante e depois inserimos o levantamento da reportagem”, diz a apresentadora Milena Schoeller (2013). Constantemente, o público era convidado a participar do programa, numa exploração eminente do potencial interativo do rádio. Mirian Redin de Quadros (2013) diz que esta atuação do público precisa ser analisada sob uma perspectiva ampla que compreende o contexto da evolução das tecnologias da comunicação. Para ela a interatividade deve ser entendida da seguinte forma:

[...]como um tipo de interação mediada, em que se observa a reciprocidade nas trocas comunicacionais entre emissor e receptor, e em que os interagentes trocam constantemente de papéis, adaptando o conteúdo intercambiado de acordo com as ações e reações de cada um. A interatividade, ainda, em nosso entendimento, independe da condição temporal e espacial, podendo se dar em momentos e locais distintos, desde que os interagentes encontrem-se mediados por um dispositivo técnico (QUADROS, 2013, p. 213).

A partir desta inserção do ouvinte no Gaúcha Repórter, os jornalistas da equipe eram acionados inclusive para responder perguntas. As devidas fontes eram consultadas pelo repórter que entrava lendo esta apuração sob a forma de uma nota. Outra prática comum era fornecer estes dados preliminares para que o apresentador fizesse uma entrevista ao vivo por telefone ou no estúdio. Esta parceria também era verificada quando a reportagem saía da redação. Os temas relatados pelos jornalistas no local dos acontecimentos eram aprofundados em entrevistas feitas no estúdio ou por telefone. “A preferência é sempre por conteúdo ao vivo”, afirma Machado (2013). Foi o caso da reportagem sobre o lixo, em que o diretor do DMLU deu explicações sobre os problemas com os resíduos da Capital.

Verificamos que o recurso da mobilidade proporcionado pelo celular é explorado pela emissora para transmissão de um relato da cena e das circunstâncias do acontecimento. Os contrapontos em sua maioria continuam a ser buscados pela redação e transmitidos pelo estúdio, seja pelo repórter que os apura e sintetiza ou por entrevista a uma fonte especializada no tema numa entrevista mais aprofundada.

O repórter de trânsito Mateus Ferraz foi acompanhado pela autora desta investigação durante uma manhã de cobertura na região metropolitana. Enquanto se deslocava para os pontos de maior fluxo de veículos, ele acessava seu arquivo de fontes no *Google Docs*, o aplicativo para Android e iOS que permite criar, editar, visualizar e compartilhar arquivos de texto. Verificados os principais contatos, ele fez sua ronda diária dentro do carro da reportagem por celular, questionando policiais dos municípios próximos a Porto Alegre sobre

ocorrências graves e fatos de destaque naquela manhã. Uma vez selecionadas as pautas, a partir dos relatos desta ronda policial, ele se dirigia ao ambiente do fato e transmitia os detalhes por celular.

Ao mesmo tempo, fotografava para as redes sociais da emissora, produzia um texto resumido para ser enviado para o site e dependendo da relevância da ocorrência, ainda captava imagens e gravava uma passagem. O *off* da matéria de vídeo era construído de improviso, assim como era seu relato para o rádio. Enquanto produzia conteúdo, Ferraz acessava outros *sites* para verificar o que estava sendo dado a respeito do assunto e complementar sua reportagem. Por telefone, o jornalista trocava ideias com os produtores da rádio que estavam na redação e era alertado sobre pautas e denúncias feitas por ouvintes.

Outra prática comum de Ferraz era usar o *iPhone* para gravar sonoras com entrevistados. Ele tinha a possibilidade de editá-las enquanto se desloca entre uma pauta e outra e até enviá-las por e-mail para a redação. Aos 25 anos, transitava por estes formatos com aparente tranquilidade. “Você acaba se acostumando, é tudo muito automático”, afirmou (FERRAZ, 2013). A atuação do jornalista se enquadra no que Lopez (2010, p.114) chama de radiojornalismo hipermediático, com profissionais capazes de produzir para diversas plataformas em áudio, imagens, vídeo, num contexto de uma sociedade convergente. Salaverría e Negredo (2008, p. 43) entendem o fenômeno dentro de uma nova lógica de elaboração de conteúdos que são distribuídos em distintas plataformas, respeitando a linguagem de cada uma.

A atuação de Ferraz nos reporta também ao que Silva (2013, p.100) chamou de jornalismo móvel como a prática desta produção por meio de tecnologias portáteis que dão fluidez em deslocamentos de natureza física, informacional potencializados pelas redes digitais móveis. Apesar da aparente tranqüilidade com que atua, não podemos deixar de registrar o acúmulo de funções, o que acaba exigindo muito do profissional e caracterizando inclusive uma exploração exacerbada do trabalho.

A juventude do profissional, 25 anos, também aciona nossa memória quanto às reflexões de Castells (2004) acerca de uma cultura jovem em torno das redes sem fio para transmissão de dados. A hipótese fundamental da análise do teórico é a respeito de uma cultura jovem que localiza na comunicação móvel uma forma de expressão e confirmação. Em entrevista a Mirian Redin de Quadros (2013), o gestor da emissora Cyro Martins Filho assinala que a idade dos repórteres, em sua maioria com menos de 30 anos, facilita uma produção de jornalismo convergente, já que os profissionais cresceram com a internet e o desenvolvimento dos dispositivos que a comportam. Os estudos de Castells (2004) apontam para uma das principais características desta cultura: a velocidade de adoção e apropriação das tecnologias por este grupo, que usa todos os serviços com intensidade para vários fins no seu dia a dia.

Para exemplificar a estrutura do Gaúcha Repórter e os recursos usados em sua transmissão, vamos nos ater numa descrição mais detalhada do primeiro dia de nossa observação.

O Gaúcha Repórter de 11 de novembro de 2013 apresentou o caos instalado desde aquela madrugada na região metropolitana de Porto Alegre. A chuva forte que chegou ao Estado alagou casas, interrompeu o trânsito e comprometeu o transporte urbano. No interior, algumas regiões tiveram casas destelhadas e famílias desabrigadas pelo mau tempo. O rádio deu sinais de sua mobilidade já na abertura dos trabalhos daquela tarde. Da rua, os repórteres abasteciam o programa, ouvindo moradores, representantes da prefeitura, descrevendo o cenário de desolação deixado pela força da água.

Ao mesmo tempo, o programa tinha uma edição especial, o apresentador Leandro Staudt transmitia parte dos conteúdos de Erechim, na região norte do Estado. A presença dele no município se justificava com realização pelo Grupo RBS naquela noite de mais uma edição do projeto Gaúcha Debates do Rio Grande. O projeto consistia em reunir lideranças locais para discutir problemas e potencialidades da região. O debate era antecipado no Gaúcha Repórter na tarde do evento com entrevistas a moradores e aos debatedores da iniciativa sobre a realidade regional.

Leandro Staudt e Milena Schoeller apresentavam o programa juntos. Ele, direto de Erechim, do estúdio da afiliada da rede Gaúcha Sat naquele município, a Radiodifusão Sul-Riograndense, e ela da redação da Rádio Gaúcha em Porto Alegre. Os acertos de produção e detalhes a serem definidos durante a transmissão eram ajustados por celular ou pela ferramenta de bate-papo do *Facebook*.

A apresentação do programa fora do estúdio principal da rádio foi uma escolha da direção em 2012. “Entendemos que dispor desta estrutura mínima de estúdio numa sala da redação facilitaria a participação da reportagem”, explicou o editor-chefe da rádio Daniel Scola (2013).

Naquela segunda-feira, o programa fazia uma cobertura dos últimos acontecimentos nos municípios mais atingidos pela chuva. No interior do Estado, a reportagem ficou por conta dos repórteres da Gaúcha em Santa Maria e Caxias do Sul.

Da rua, a repórter Evelin Argenta dava boletim sobre a movimentação em Porto Alegre, falando dos problemas no trânsito, ocasionados pelo grande volume de chuva, situações como as sinaleiras paralisadas, o trem sem funcionamento. Ela comunicou também as orientações das autoridades quanto aos caminhos mais indicados para os ouvintes, interessados em deixar a cidade ou se deslocar em direção a pontos estratégicos como hospitais, escolas e bairros mais populosos.

A reportagem relatava ainda a ocorrência de um acidente na BR-116 em Novo Hamburgo, rota de um grande contingente de moradores nas tardes da Capital. O trabalho do rádio foi fundamental para orientar motoristas e pedestres com relação ao trânsito. A indicação dos locais congestionados ou com ocorrências graves era feita por ouvintes à redação, usando de torpedo, *Facebook* ou telefonemas. Os redatores presentes na sede da emissora também monitoravam sites concorrentes a fim de verificar possíveis pautas no ambiente externo à rádio.

O ouvinte participou, ligando ou enviando *sms* para o celular da Rádio Gaúcha. Leandro Staudt chamou de Erechim, trazendo as condições do tempo nas diversas regiões do Rio Grande do Sul. O meteorologista do Grupo RBS Cleo Kuhn complementou, entrando no ar durante o programa, por telefone de Porto Alegre, com o boletim meteorológico, fazendo previsões e explicando o porquê daquelas ocorrências climáticas.

Os estragos causados na região metropolitana e em outros locais do Estado pelo mau tempo pautaram o programa daquela segunda-feira e foram a chamada para o bloco seguinte.

Depois do intervalo, a reportagem da rua foi acionada outra vez. Da zona norte de Porto Alegre, a repórter Maria Eduarda Fortuna falou direto da Vila Asa Branca, no Bairro Sarandi. Oitenta moradores desabrigados foram socorridos na paróquia e no CTG do bairro. Muitos deles resistiram em sair das residências, com medo de saques. Várias destas casas tinham até um metro de alagamento e a chuva não dava trégua. Do local, por telefone, Maria Eduarda relatou a situação de moradores ilhados, a história de um bebê que precisou ser resgatado com a mãe pelos bombeiros. Quase todas as casas foram atingidas, as mesmas famílias haviam sido prejudicadas pelo rompimento de um dique dois meses antes. Leandro Staudt convidou o público para conferir fotos feitas pela repórter e postadas no site *radiogaucha.com.br* ou na página do programa no *Facebook*.

Evelin Argenta voltou a falar sobre o trânsito no centro da cidade. Por telefone, ela confirmou que a situação estava complicada na

região central, mas o maior problema ainda estava na Zona Norte. Eram 10 pontos de congestionamento na entrada da cidade. Quedas de árvores também dificultaram a circulação de pessoas. Equipes da prefeitura faziam a remoção de galhos e folhas que obstruíam a passagem. Áreas liberadas e indicações de desvios para trafegar nas imediações dos pontos atingidos pelo mau tempo estavam na pauta da repórter. A volta do funcionamento do trem no início da tarde foi o tema de Renata Colombo, que falou também dos alagamentos na região da ponte do Guaíba. Descrições muito semelhantes foram feitas por repórteres das regiões de Santa Maria e Caxias do Sul.

A entrada dos boletins era intercalada pela leitura da participação de ouvintes, principalmente por *sms*. Milena Schoeller dizia no ar que a maioria perguntava pelo trânsito, como estava o fluxo em determinados pontos da Capital, outros davam informação sobre locais onde o trânsito estava trancado. A ouvinte Gisele perguntava: “Tem táxi na rodoviária de Porto Alegre?”, o ouvinte Wagner questionava: “Posso sair agora de Canoas para a Capital?”. Para responder as perguntas, Milena resgatava informações trazidas pela reportagem de rua ao longo do programa sobre locais congestionados, vias que deviam ser evitadas para que eles conseguissem transitar com agilidade. Ela lia um torpedo enviado de Erechim, por alguém que comemorava a presença do programa na cidade. Lá, a reportagem circulou nas ruas do município ouvindo moradores sobre as carências e potencialidades da região, assuntos que permearam as discussões sobre o desenvolvimento, tema do “Gaúcha Debates do Rio Grande”.

Por telefone, em Porto Alegre, Milena entrevistava o tenente coronel Ederson Franco, chefe de operações da Defesa Civil no Rio Grande do Sul. Ela o questionava sobre a situação no interior do Estado, as regiões prejudicadas pelo mau tempo. Com exceção da Norte, onde Staudt estava, todas as demais haviam sido afetadas pela chuva forte. O militar relatava a existência de 380 desabrigados e mil desalojados. Ele dizia que a prioridade eram as pessoas. A produção, as lavouras, como era o caso de Bento Gonçalves, onde a plantação de pêssegos e uva também havia sofrido estragos era outra preocupação, segundo o entrevistado.

Milena resumia as informações fornecidas pelo tenente-coronel e comentava ainda sobre as 200 mil pessoas sem energia elétrica no Rio Grande do Sul e a falta de previsão para a retomada do serviço. Staudt lia uma participação pelo *Facebook*: “João Oliveira, do bairro Nova Gleba, diz que no limite de Porto Alegre com o município de Alvorada está um caos. Ele ligou várias vezes para a Empresa Pública de Transporte e Circulação para pedir ajuda, mas não foi atendido”.

Milena comentava o torpedeo de caminhoneiros que trafegavam pela BR-116 e relatavam a ocorrência de chuva também em Tapes.

O programa contava ainda, diariamente, com um boletim esportivo sobre a dupla Gre-Nal, na maioria das vezes, gravado. Rodrigo Oliveira trazia as informações sobre o Grêmio e Luis Henrique Benfica falava sobre o Internacional. Outro boletim diário era de Sérgio Boaz, que entrava com os detalhes sobre a Seleção Brasileira de Futebol, já que, meses mais tarde, aconteceu no país a Copa do Mundo.

Fechada a primeira hora do programa, Milena Schoeller apresentava um resumo do que havia sido destaque no Gaúcha Repórter, contribuindo com o ouvinte que havia acabado de ligar o rádio ou entrado na sintonia depois do início do programa. Para atender a um público rotativo de rádio, a jornalista também recuperava os assuntos antes do encerramento, trazendo então uma síntese dos principais temas daquela edição do Gaúcha Repórter.

Na semana da nossa observação, de 11 a 15 de novembro, a mobilidade do rádio se destacou principalmente na cobertura dos estragos causados pelo temporal que atingiu o Estado no dia 11, como descrito anteriormente. Outro assunto em evidência foi a exumação dos restos mortais do ex-presidente João Goulart. O repórter Álvaro Andrade transmitiu, no dia 13, boletins ao vivo de São Borja do Cemitério Jardim da Paz, onde o corpo estava enterrado. A dúvida era se o ex-presidente havia morrido de causas naturais ou envenenado no exílio. A exumação era parte do processo que buscava esclarecer as suspeitas que rondavam a morte do ex-presidente. Jango faleceu no exílio na Argentina há 37 anos, depois de ter sido deposto da presidência no golpe militar de 1964. A versão oficial da história dizia que ele havia sofrido um ataque cardíaco, mas a família suspeitava que ele tivesse sido envenenado por agentes da repressão organizados através de uma operação que envolveu os governos militares de Brasil, Argentina e Uruguai nas décadas de 60 e 70.

O Ministério Público Federal investigava o caso desde 2007. Com autorização da família, a Comissão Nacional da Verdade decidiu fazer a exumação, na tentativa de acabar com o mistério. Um ano

depois, o laudo da exumação foi divulgado como inconclusivo e a dúvida permanece.

No dia 14, véspera do feriado da Proclamação da República, o programa foi transmitido direto do trecho da BR-290 que vai do município de Osório até a cidade de Guaíba, também conhecido como *Freeway*. O local apresenta tráfego intenso, com três faixas de rodagem em cada sentido e costuma registrar inúmeros acidentes.

O estúdio móvel da Rádio Gaúcha ficou estacionado um pouco antes do pedágio do município de Gravataí de onde o programa foi apresentado. Os repórteres da emissora estavam nas principais rodovias do Estado trazendo as condições do trânsito. O policial rodoviário federal Alessandro Castro foi ao estúdio móvel, onde participou do programa falando sobre os cuidados que os motoristas deviam ter nas rodovias, os pontos com mais movimento, os riscos de viajar em datas como aquela e o que poderia ser evitado. No meio desta conversa, o policial recebeu um aviso por *WhatsApp*, o aplicativo multiplataforma para smartphones que envia texto, áudio, foto e vídeo. A mensagem recebida por Alessandro Castro falava sobre o primeiro acidente daquele feriado em Osório. Assim, ele comunicou também a primeira morte do “feriadão” ao vivo no Gaúcha Repórter. O repórter Álvaro Andrade se deslocou imediatamente para o local da tragédia e trouxe os detalhes sobre o trânsito bloqueado e quais as vias de acesso que em breve estariam congestionadas. A identidade da vítima também foi divulgada minutos mais tarde.

De acordo com o produtor do Gaúcha Repórter, Jacques Machado (2014), atualmente, os jornalistas da emissora usam o *WhatsApp* para enviar fotos para a redação e até sonoras.

Em entrevista concedida à autora desta pesquisa pelo coordenador de operações da Rádio Gaúcha, Pablo Andrade (2013), a unidade móvel da emissora pode realizar as suas transmissões de programas via ADSL ou linha telefônica. ADSL é a sigla em inglês para linha digital assimétrica para assinante, que permite a transmissão de dados, neste caso, da voz ou arquivos de áudio em alta velocidade. Andrade explica que para atender esta necessidade, é preciso solicitar a ADSL ou a linha telefônica com 72 horas de antecedência. Para participações menores, como boletins rápidos, em alguns casos, a Gaúcha utiliza também 3G e 4G. “Devido às dificuldades telefônicas que temos no Brasil, ainda não nos sentimos seguros de fazer um programa completo em 3G ou 4G, por causa do risco de queda”, diz Andrade (2013).

O coordenador explicou ainda que o estúdio móvel da Gaúcha, instalado numa *van* é composto por uma mesa de áudio, dois *codecs* de transmissão, ou seja, um hardware usado para compactar ou descompactar arquivos de mídia sonora e quatro microfones com fio. Quando necessário, é possível a instalação de microfones sem fio para dar mais mobilidade a apresentadores e repórteres. Além disso, duas caixas de som podem ser instaladas para a ambientação do local onde será realizada a transmissão. A estrutura do estúdio móvel comporta quatro pessoas dentro da *van*, mais o operador de áudio.

Numa escuta atenta do primeiro dia de nossa observação, 11 de novembro, pudemos identificar 19 entradas de repórteres no programa, todas ao vivo, somando boletins da rua e entrevistas feitas pelos apresentadores do estúdio. Nesta contagem, sete conteúdos dispunham de declaração de fonte e 12 apenas do relato dos jornalistas.

No total, 12 entradas foram feitas por celular do local do acontecimento e sete usando de outra tecnologia, seja dispondo dos recursos do estúdio, onde o entrevistado estava fisicamente presente, ou do telefone pelo qual a fonte falava ao vivo no programa. No estúdio, foram feitas apenas duas entrevistas, as demais participações do jornalismo foram de outros ambientes, como de dentro do carro de onde a repórter de trânsito Evelin Argenta descrevia o fluxo de veículos na Capital.

Seguindo esta linha matemática dos conteúdos apresentados de 11 a 15 de novembro, quando fizemos a observação não-participante dos programas, chegamos ao resultado de 103 produtos jornalísticos. Para chegarmos a este número, somamos boletins e entrevistas.

Deste total, 61 conteúdos foram transmitidos por celular, 100 ao vivo e três entraram ao ar gravados. Destes, 29 contaram com declarações das fontes, enquanto 74 se constituíram unicamente do relato do acontecimento.

Tabela 1 - Radiojornalismo do Gaúcha Repórter.

Dia	Entrevistas e boletins	Ao vivo	No estúdio	Por celular	Com declaração
11/11/2013	19	19	2	12	7
12/11/2013	15	14	5	8	6
13/11/2013	17	15	7	6	7
14/11/2013	27	27	2	18	5
15/11/2013	25	25	3	3	4
TOTAL	103	100	19	47	29
%	100,00	97,08	18,44	45,63	28,15

Fonte: Elaboração própria.

Ao vivo por celular, e em sua maioria sem a declaração das fontes, estas foram as características do radiojornalismo produzido pelo programa Gaúcha Repórter durante a semana de nossa observação. O maior número de boletins ao vivo do cenário do acontecimento foi registrado na quinta-feira de 14 de novembro, véspera de feriado, quando o programa foi transmitido de seu estúdio móvel para acompanhar o trânsito na saída de Porto Alegre. Outro elemento sobre os programas em questão refere-se ao fato de que a mobilidade é apropriada em grande parte para identificar a pauta, uma vez que o repórter relata suas observações enquanto circula pela cidade. Este dado revela uma opção da emissora de apostar no factual como forma de retratar o cotidiano. O contraponto, a apuração, o aprofundamento são, em geral, produzidos pela redação que os apresenta por meio de notas. Os assuntos costumam ser explorados em entrevistas ao vivo por telefone ou no estúdio. De acordo com Lopez, ao adotar entrevistas ao vivo, o rádio conquista o público, que passa a acreditar que tudo o que precisa saber está naquela programação.

[...] a atenção do ouvinte é capturada pela valorização atribuída ao acontecimento, pela interrupção da programação e pelo acompanhamento do evento, mostrando ao público que todas as informações que ele venha a precisar e que de alguma maneira interfiram em seu cotidiano serão disponibilizadas pela emissora (2009, p.102).

Desta semana de observação na Rádio Gaúcha, pudemos observar que mobilidade do rádio, proporciona a construção de um jornalismo focado na utilidade pública. Esta característica editorial é enfatizada pelos dispositivos móveis que proporcionam não apenas a produção durante o deslocamento territorial pelo espaço urbano, mas um conteúdo bastante descritivo dos cenários pelos quais o repórter transita.

Com isso, inferimos que a notícia vai sendo construída ao vivo, ao longo do programa, por diversos atores. O rádio dá exemplo de um jornalismo feito em equipe, com o auxílio fundamental, em grande parte dos casos, do ouvinte.

3.2. Rádio CBN Diário: histórico

Em Santa Catarina, a RBS adquiriu em 1981, a emissora de maior estrutura e de maior audiência de Florianópolis no início da radiodifusão no Estado, de acordo com Severo e Medeiros (2005). Desde a inauguração em 1955, a estação já deixava marcos. Para iniciar os trabalhos da rádio, a cantora Emilinha Borba, considerada a rainha do rádio, foi trazida à Capital. Segundo Severo e Medeiros (2005), a emissora surgiu associada à política, tendo como fundadores Irineu

Bornhausen, então governador do Estado, Paulo Bornhausen e Antonio Carlos Konder Reis, ambos líderes políticos locais. A própria inauguração da rádio coincidiu com a comemoração dos quatro anos do governo Irineu Bornhausen.

“A Rádio Diário da Manhã destaca-se logo de início pela diversidade da programação, por um elenco de profissionais vindos de várias partes do Brasil” (SEVERO, MEDEIROS, 2005, p. 85). A programação da emissora atingia todo o país e, em alguns horários, alguns lugares da América, da Europa e da Ásia, fazendo sucesso com suas radionovelas. Em 1956, passa a apostar no jornalismo, ancorada no Correspondente Renner, inspirado no Repórter Esso, a Marcha dos Acontecimentos e o Grande Jornal Falado das 22 horas. “A programação noticiosa se completa com os informativos de cinco minutos durante toda a programação e um forte esquema de cobertura esportiva”, (SEVERO, MEDEIROS, 2005, p.91).

Nos anos de 1960, no entanto, a estação começa a reduzir o quadro funcional. Dos 67 funcionários que atuavam desde a época da inauguração, a equipe se reduz a 33. A mudança é consequência da migração dos investimentos comerciais do rádio para a TV.

No início dos anos de 1980, a emissora, de acordo com Severo e Medeiros (2005), é adquirida pelo Grupo RBS. Segundo os autores, a partir de 1996, passa a usar o nome CBN Diário 740 AM, quando se filia à Central Brasileira de Notícias. Além do jornalismo all news, a emissora dedica atenção especial à cobertura esportiva. “A emissora cobre com equipes locais, ou em rede nacional, o campeonato brasileiro

das séries A, B, C, Copa do Brasil, Taça Libertadores da América [...]”, afirmam Severo e Medeiros (2005, p. 143).

Conforme Tavares (2011), a Central Brasileira de Notícias (CBN) foi criada em 1º de outubro de 1991, em São Paulo, a partir de uma proposta de rádio essencialmente jornalística, vindo a tornar-se, assim como a JB, do Rio de Janeiro, uma das primeiras emissoras de rádio do modelo *all news* no país. Com abrangência nacional, integra o Sistema Globo de Rádio. São Paulo e Rio de Janeiro foram as primeiras capitais brasileiras a receber a programação da CBN, seguidas por Brasília, Belo Horizonte e Recife. Com o *slogan* “CBN: a rádio que toca notícia”, a emissora passou a levar ao ar naquele início da década de 90, uma programação essencialmente jornalística que foi adotada pela emissora florianopolitana em 1996.

Um ano antes, conforme Lopez (2009, p. 142), a programação da CBN passou a ser replicada em FM, constituindo-se na primeira emissora jornalística no Brasil a transmitir em frequência modulada. Atualmente, são 25 afiliadas em diferentes cidades brasileiras.

3.2.1 Programa Notícia na Tarde

Outro programa observado para esta pesquisa foi o “Notícia na Tarde”, no ar na CBN Diário de Florianópolis (SC) todos os dias das 14h às 16h. A apresentação era de Renato Igor e a produção de Leda Limas. Na época da nossa observação, de 25 a 29 de novembro de 2013, depois da manchete do principal assunto do dia, Renato Igor opinava sobre o tema, refletindo e convidando o ouvinte a participar fazendo

suas considerações. A pauta era aprofundada numa entrevista durante o programa. Na sequência, ele lia outras manchetes e anunciava que a partir das 15h, o *Notícia na Tarde* passava a ir ao ar também pela TVCom, um canal fechado pertencente ao Grupo RBS.

Durante o programa, duas repórteres, uma no início e outra no final, faziam entradas ao vivo no estúdio trazendo as informações sobre o trânsito. As assistentes de comunicação, cargo em geral assumido por estudantes no Grupo RBS, apuravam ocorrências por telefone e postavam no @t24h, o *twitter* usado pelos veículos do grupo em Santa Catarina para buscar atualizações sobre o fluxo de veículos no Estado. Além disso, o apresentador recebia no estúdio imagens captadas por câmeras instaladas em diversas avenidas movimentadas da Capital. Assim, podia identificar acidentes e áreas com bloqueio de tráfego para serem comentadas ou apuradas pela produção. As câmeras foram instaladas pela própria empresa para que os seus jornalistas de rádio, TV e impresso pudessem visualizar a movimentação dos veículos na cidade. Na época da nossa observação, o programa dispunha de um repórter, Osvaldo Sagaz, para a cobertura de pautas factuais na Grande Florianópolis. Outros dois jornalistas deixavam boletins gravados para irem ao ar no programa.

O *Notícia na Tarde* contava ainda com duas entradas do repórter esportivo Paulo Branch, que apresentava notícias sobre a atuação do Figueirense e Avaí, os times da Capital, Joinville e Criciúma, das cidades de mesmo nome, e o Chapecoense, de Chapecó. Estes, os principais clubes de futebol de Santa Catarina.

No primeiro dia da nossa observação, 25 de novembro de 2013, Sagaz leu o que o apresentador chamou de destaque do dia, ao vivo no estúdio, a discussão sobre o plano diretor do município que seria votado naquela semana em Florianópolis. O meteorologista Leandro Puchalski também estava no estúdio dando seu boletim do tempo. Leda Limas apresentava no mesmo ambiente, ao vivo, as condições dos aeroportos e os horários de vôos que partiam da Capital naquela tarde. O conteúdo havia sido extraído da página do aeroporto na internet.

Depois disso, Renato Igor conversou com o presidente do Sindicato dos Policiais Federais Rodoviários por telefone sobre as dificuldades de transitar no Estado durante o verão. Osvaldo Sagaz entrou com um boletim gravado, falando sobre os planos da prefeitura para melhorar o trânsito em Florianópolis durante a alta temporada. Chamou-nos atenção, na época, que o programa não dispunha de um roteiro escrito. Os quadros do Notícia na Tarde estavam visivelmente internalizados pelos jornalistas que adaptavam os conteúdos ao vivo, de acordo com o tempo disponível.

O improviso ao vivo, mencionado por Eduardo Meditsch (2007) era incorporado pelo apresentador do Notícia na Tarde também para chamar as matérias gravadas. Ele não fazia leituras da tela do computador, prática que observamos no Gaúcha Repórter. Renato Igor usava o aparelho existente do estúdio da CBN Diário apenas para atualizar seu perfil no *Facebook*, por meio do qual interagira com os ouvintes. Alguns conteúdos eram lidos de páginas impressas pela produção. O apresentador demonstrava grande desenvoltura oral e domínio dos assuntos sobre os quais inclusive opinava. O uso do

material impresso era verificado na participação de todos os repórteres ao vivo.

O computador do estúdio da CBN Diário também não era usado para os boletins ao vivo no estúdio. Todos ingressavam no ambiente portando textos impressos. Uma prática distinta foi observada na equipe do Gaúcha Repórter, onde os conteúdos eram sempre lidos da tela do computador, *tablet* ou *iPhone*, dispensando completamente o papel. Os programas da Rádio Gaúcha eram roteirizados, com as devidas marcações estabelecidas pelos padrões da redação para radiojornalismo. Isso não impedia, no entanto, que a ordem dos produtos fosse alterada. Ao vivo, o roteiro era adaptado de acordo com o desenrolar das pautas.

No Notícia na Tarde, o roteiro se dava de forma quase intuitiva. O apresentador conversava com os repórteres que entravam no estúdio ou eram colocados no ar pela produção por telefone. Rafael Martini era um dos jornalistas que participava do Notícia da Tarde por telefone ao vivo. O colunista do jornal Diário Catarinense comentou, naquele 25 de novembro, sobre o fechamento de uma creche no centro da cidade e o descaso das autoridades com as famílias prejudicadas com o encerramento das atividades da escola.

Além disso, a cada meia hora a rádio abria espaço para o conteúdo da rede, com o Repórter CBN, que apresentava informações de interesse nacional. Para a produção, esses boletins acabavam dando limites ao que era transmitido. “Às vezes, é difícil conciliar o conteúdo local, com a rede. É comum estarmos no meio de uma entrevista

importante e sermos obrigados a interromper o entrevistado para colocar o repórter CBN no ar”, comentava a produtora Leda Limas (2013).

Ao retornar do primeiro intervalo, Renato Igor dava informações sobre o lançamento da programação de Natal, a iluminação para a festa e os espetáculos artísticos. Enquanto isso, ele recebia a ligação de um ouvinte sobre as questões de trânsito referentes às rodovias estaduais e opinava a respeito.

A comentarista Carolina Bahia, entrou na sequência, por telefone, direto de Brasília, trazendo os destaques do cenário político nacional. Depois disso, o apresentador lia mais comentários de ouvintes por *Facebook*. Na época da observação, o programa não dispunha de uma página própria na rede social, esta interação com a audiência se dava a partir do perfil pessoal do apresentador.

O jornalista Luciano Almeida também entrou com um boletim gravado, falando sobre o ordenamento do uso da praia por bares e restaurantes. A partir das 15 horas, o programa *Notícia na Tarde* passou a ser transmitido, conforme anunciado na abertura, também pela TVCom, o canal 36 da Net. “A partir deste horário, tomamos o cuidado de trazer os entrevistados para o estúdio, por causa da TV”, explica Leda Limas.

O pesquisador Luciano Dutra, que também é professor da Universidade do Sul de Santa Catarina foi entrevistado na sequência, falando da geração de eletricidade a partir de fontes renováveis. Ele esteve no estúdio ao vivo, conversando sobre o projeto de eletrificação por fontes renováveis em comunidades carentes.

Renato entrevistou também, naquela tarde, o jornalista da rede Globo Marcelo Canellas sobre o livro *Províncias*, que ele lançava na cidade à noite. Eles conversaram ao vivo no estúdio. Vinte e cinco de novembro, nosso primeiro dia de observação do programa da CBN Diário, era Dia Internacional de Combate à Violência contra a Mulher. A data motivou uma entrevista de Renato Igor por telefone com Sheila Sabag, presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher. Depois do intervalo, para encerrar, a entrevista foi com a superintendente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Florianópolis Solange Kuchiniski, por telefone, sobre a expectativa de vendas para o Natal.

Esta descrição detalhada do primeiro programa da semana de observação, de 25 a 29 de novembro de 2013, teve a finalidade de apresentar sua estrutura. Sobre esta primeira edição, pudemos observar 19 entradas de repórteres, entre boletins e entrevistas feitas pelo apresentador e outros jornalistas. Destas, 13 não agregavam declarações da fonte, 16 foram ao vivo, duas por celular, 17 feitas pelo apresentador por meio de nota ou comentário, duas com a fonte por telefone e 15 com o entrevistado no estúdio. Uma disposição dos conteúdos muito semelhante foi verificada nos demais dias de observação. Ao todo, ao longo da semana, o programa veiculou 78 entradas de repórteres, como pontuamos na tabela abaixo:

Tabela 2- Radiojornalismo do Notícia na Tarde

Dia	Entrevistas e boletins	Ao vivo	No estúdio	Por celular	Com declaração
25/11/2013	19	16	17	2	6
26/11/2013	15	11	15	2	6
27/11/2013	15	13	15	0	3
28/11/2013	15	15	14	1	5
29/11/2013	14	14	11	3	6
TOTAL	78	69	72	8	26
%	100,00	88,46	92,3	2,56	33,33

Fonte: Elaboração própria.

Com a maior parte dos conteúdos emitidos do estúdio e, em sua maioria, conduzidos pelo apresentador do programa, podemos dizer que o Notícia na Tarde explora a mobilidade de forma limitada. A carência de profissionais para se deslocar pela cidade limita a exploração do factual como conteúdo do programa.

Fez parte ainda da observação o acompanhamento de um dia de trabalho do repórter Osvaldo Sagaz. Além de produzir e apresentar as informações, ele era o motorista do veículo da emissora no qual se deslocava pela região metropolitana, cobrindo pautas factuais. Para isso, dispunha de um *iPhone*, onde gravava sonoras, editava e enviava áudios por e-mail para a redação. Sagaz também produzia fotos para serem enviadas para o estagiário responsável pelo site da rádio que as agregava ao boletim do jornalista. Na época de nossa observação, ele não era responsável por enviar textos para a página da emissora. O site da CBN

Diário consistia basicamente na veiculação de notícias produzidas pelo Diário Catarinense, veículo também pertencente ao Grupo RBS.

Além disso, havia a postagem dos boletins, entrevistas e programas da emissora. As redes sociais da rádio eram atualizadas pelo mesmo estagiário e, na medida do possível, Sagaz dava suas contribuições. Vimos neste caso, que a emissora ainda não havia consolidado, como uma política institucional, totalmente a convergência, em razão da equipe reduzida para produção e apresentação do radiojornalismo. Assim como os profissionais do Gaúcha Repórter, o outro programa que integra o corpus deste estudo, Sagaz tinha menos de 30 anos, portanto, apresentava bastante intimidade com as tecnologias móveis e, na definição de Castells (2004), era integrante da chamada cultura jovem que cresceu com a internet e os dispositivos portáteis que a comportam. Ele produzia com grande tranquilidade fotos, sonoras, fazia entradas ao vivo e gravava vídeos. Enquanto aguardava para ser atendido por uma fonte no centro de Florianópolis, acessava os e-mails no celular para checar orientações da produção e até a abertura do boletim a ser transmitido. “Outro recurso do qual não abro mão atualmente é o *WhatsApp*, para localizar fontes, enviar texto, áudio e fotos para as pessoas”, comentava o repórter (2013).

Desta forma, podemos dizer que, por estar imerso num momento histórico que tem como imperativo cultural a mobilidade, a portabilidade dos dispositivos tecnológicos Sagaz acaba personificando a ideia do profissional multitarefa anunciado por Salaverría e Negredo (2008).

A respeito disso, Kischinhevsky (2008) tem uma leitura bastante crítica. O autor observa que os jornalistas têm sido submetidos a regimes abusivos de trabalho, sem compensação em termos de folgas ou pagamento de horas extras. Tudo isso, somado a baixos salários e ao acúmulo de funções. Ele refere-se ao fato de que atualmente, integram as atividades dos repórteres a operação de mesas de áudio e a edição de programas e matérias, trabalho que antigamente era feito por funcionários da área técnica.

A produtora do *Notícia na Tarde*, Leda Limas (2013), que acumula as funções de editora e apresentadora, disse que a maior parte das pautas chegavam por e-mails de assessorias ou por sugestões de ouvintes que usavam as redes sociais ou o correio eletrônico para se comunicar com a rádio. Ela e Renato Igor discutiam a pertinência dos temas e marcavam as entrevistas por telefone. Durante o programa, Leda e Renato conversavam pelo *Facebook*, discutindo pautas e trocando observações. A maioria dos conteúdos era transmitida do estúdio. Desta forma, os assuntos não se restringiam aos factuais, até porque o programa contava com um só repórter para esta finalidade. Assim, temas como lançamentos de livros, filmes, o desempenho esportivo dos atletas locais e outros temas que possibilitavam, preferencialmente, levar as fontes para o estúdio ganhavam espaço no radiojornalismo. As entrevistas feitas pelo apresentador eram longas, chegando a atingir até 20 minutos, o que preenchia o tempo deixado pela escassez de repórteres. Enquanto o *Gaúcha Repórter* dispunha de sete jornalistas diariamente ao vivo, o *Notícia na Tarde*, contava com apenas um e outros dois participavam com material gravado.

Embora não seja objetivo deste trabalho, traçamos um comparativo entre os dois programas observados. Para tanto, elaboramos a seguinte tabela, com os dados que nos pareceram mais relevantes:

Tabela 3 – Dados mais relevantes

Dia	Com declaração (NT)	Com declaração (GR)	Por celular (GR)	Por celular (NT)	No estúdio (NT)	No estúdio (GR)	Entrevistas e boletins (NT)	Entrevistas e boletins (GR)
2º	6	7	12	2	17	2	19	19
3º	6	6	8	2	15	5	15	15
4º	3	7	6	0	15	7	15	17
5º	5	5	18	1	14	2	15	27
6º	6	4	3	3	11	3	14	25
Total	26	29	47	8	72	19	78	103

Fonte: Elaboração própria.

Observando esta tabela, percebemos que a maior distinção entre os dois programas está no uso do celular para a entrada dos repórteres. Na semana de observação de cada um dos programas, por exemplo, o Gaúcha Repórter teve 47 participações por celular, enquanto o Notícia Na Tarde registrou apenas oito. O inverso é verificado com relação aos conteúdos transmitidos do estúdio. Na soma da semana, o programa da CBN Diário teve 72 inserções no estúdio, já o Gaúcha Repórter apresentou 19. Esta discrepância é justificada pelo tamanho das equipes de um e outro. O primeiro conta com sete repórteres e o último com

apenas um. Embora o Notícia na Tarde disponha das estudantes de jornalismo que atualizam a situação do trânsito e do repórter esportivo, estes participam apenas no estúdio. A maior parte das entrevistas são feitas pelo próprio apresentador. Além disso, em razão da equipe exígua, o Notícia na Tarde não está centrado no factual. Por isso, pautas de variedades e as entrevistas longas que permitem que o apresentador faça comentários e emita opiniões sobre os assuntos. O ingresso dos repórteres dá leveza ao programa, pela diversidade de vozes, mas a maior parte do tempo é ocupada pelas produções de Renato Igor. Os conteúdos factuais são em geral extraídos da internet e em alguns casos trazidos por Osvaldo Sagaz. A produtora Leda Limas se divide na discussão do andamento do programa com o apresentador via *Facebook* e o gerenciamento do tempo de cada entrevista e bloco. Não há tempo hábil para apurações de pautas apontadas por ouvintes. Alguns comentários acabam indo para o ar com muita sutileza, sem a devida checagem.

Desta forma, a mobilidade do rádio, para ser devidamente explorada em favor do jornalismo, precisa de mais do que dispositivos tecnológicos. Embora a CBN Diário disponha de profissionais qualificados e boa estrutura técnica, carece de mais repórteres para apuração e produção de notícias. Com isso, cabe ressaltar que apesar dos avanços tecnológicos, o radiojornalismo de qualidade ainda depende das pessoas.

Nos dois programas que compõem o corpus desta pesquisa, percebemos a apropriação de dispositivos móveis, ou seja, os recursos oferecidos pela portabilidade são parte das rotinas produtivas do

radiojornalismo. Computadores, *smartphones*, *iPhones* e *tablets* aproximam os jornalistas da informação, das fontes e ouvintes. Desta forma, a notícia, como já apontado por Meditsch (2007) e Lopez (2010) reafirma sua centralidade no jornalismo, sobretudo pelo aspecto factual que caracteriza esta unidade informativa e o próprio rádio. Nelia Del Bianco (2005, p.3) acredita que a notícia é produto de uma série de eventos. “[...] não emerge naturalmente dos acontecimentos. É a narrativa utilizada pelo jornalista que dá forma e organiza o relato”, explica.

Aqui cabe ressaltarmos a intervenção tecnológica no processo. No caso do *Gaúcha Repórter*, analisado nesta dissertação, como no rádio em geral, a inserção das fontes no programa se dava de forma condicionada pela possibilidade de acessá-las. Vimos em grande parte dos programas os contrapontos às pautas, apontadas por repórteres do local dos acontecimentos, serem feitos em entrevistas por telefone no estúdio. Ou seja, os assuntos eram desdobrados no programa se as fontes pudessem ser localizadas em seus celulares ou telefones fixos. O mesmo se verificava no *Notícia na Tarde* que embora transmitisse em menor grau da rua também entrevistava pessoas por telefone. Nos dois programas analisados para esta dissertação pudemos verificar que os jornalistas não dispunham de tempo para planejar os conteúdos para as distintas plataformas. Assim, tudo era produzido de acordo com as possibilidades, no desenrolar da pauta, sem qualquer definição prévia. Da mesma forma, os repórteres relataram não receber treinamento para executar ferramentas para as diferentes linguagens jornalísticas. Embora os profissionais acumulassem funções, produzindo para as múltiplas

plataformas, as habilidades para executá-las eram entendidas pelas emissoras como pré-requisito inerente à profissão de jornalista.

Neste cenário, a internet, além de ferramenta de pesquisa, tornou-se importante na rotina do repórter para seleção das pautas, já que permite identificar questões como temporalidade, profundidade dada por outros meios e até a pertinência do assunto para o perfil do veículo. De acordo com o relato da produtora do Notícia na Tarde Leda Limas (2013), além de fazer uma triagem das sugestões de pauta enviadas por assessorias, ela e o apresentador Renato Igor discutem os assuntos a serem colocados no ar durante o programa usando a ferramenta de bate-papo do *Facebook*.

Dentro do estudo que fizemos para esta dissertação ousamos propor que outro critério de noticiabilidade poderia ser a tecnologia e a estrutura de pessoal oferecidos às equipes. Isso porque os assuntos serão abordados a partir dos recursos disponíveis aos jornalistas e redações. E mais importante, as pautas e as tecnologias só serão apropriadas pelo veículo com a devida profundidade e critério necessários para o que se espera do bom jornalismo se houver pessoas qualificadas e em quantidade suficiente para executar estas demandas. No caso dos programas analisados, fica muito evidente que temas factuais em destaque no Gaúcha Repórter, que dispõe de sete jornalistas não poderão ser abordados com a mesma intensidade pelo Notícia na Tarde, programa que dispõe de um único repórter, mesmo sendo este usuário da tecnologia necessária.

Robert McLeish (2001, p. 74) defende que a notícia de rádio tem um caráter altamente seletivo. Lopez (2009, p.92) destaca que as ferramentas tecnológicas proporcionaram uma mudança na construção da notícia e até na seleção dos gêneros a serem utilizados. Tudo isso “[...] em muitos momentos de sua hibridização para atender à demanda e à necessidade de ampliação das informações, seja através do aprofundamento ou do acompanhamento dos eventos”, explica a pesquisadora. Ela lembra que no contexto estabelecido pelos meios de comunicação a partir das inovações tecnológicas, em muitos casos privilegia-se o conteúdo produzido por agências, adaptação de releases e pelo uso de rádio-escuta e TV-escuta.

Este jornalista sentado, conforme Pereira (2004), acaba fazendo o papel de *gatekeeper*, definindo quais as coberturas que receberão atenção, quais os gêneros a serem adotados, seja para dar um caráter interpretativo à programação ou mais conciso. Ao referir-se ao rádio *all news*, ou seja, as emissoras responsáveis por uma programação 100% notícia, Lopez reafirma a importância do novo contexto da comunicação. “Para divulgar e produzir notícias vinte e quatro horas por dia esse tipo de emissora precisa ser observada à luz do jornalismo e do ambiente em que se encontra: a era digital”, destaca a pesquisadora.

No programa Notícia na Tarde da CBN Diário 88,4% dos conteúdos foram transmitidos ao vivo, durante a semana da nossa observação. No Gaúcha Repórter, da Rádio Gaúcha, este índice chegou a 97% na semana em que acompanhamos o trabalho. Esta cobertura ao vivo é entendida por Ortriwano (1985) como substantiva. A autora diz que o jornalismo encontra sua manifestação máxima na emissão direta,

“[...] cumprindo uma das características básicas da mensagem radiofônica: o imediatismo”, afirma a pesquisadora (1985, p. 97). No entanto, Lopez (2009, p.95) lembra que a partir das transformações tecnológicas nas quais o rádio está inserido, a presença do jornalista no palco dos acontecimentos já não é mais indispensável. Ela recorre a Lemos (1997) para destacar que com as tecnologias digitais há uma descentralização da produção e uma personalização de conteúdos, com a informação transmitida em tempo real.

A apuração por telefone difundida no radiojornalismo desde antes da portabilidade das comunicações, conforme Ferraretto (2001), passou a ganhar papel de destaque na era digital. Algumas emissoras, como a CBN Diário com o programa Notícia na Tarde, objeto empírico desta dissertação, optam por uma apuração sem repórter na rua, no caso da nossa pesquisa, com apenas um. Com isso, Lopez (2009, p. 96) diz que há uma deturpação gerada pelas inovações tecnológicas, a partir do uso da internet como fonte principal de informações. Assim, o veículo que deveria ser imediato passa a ser pautado por outras mídias.

Já o Gaúcha Repórter produz conteúdo eminentemente local, de serviço para a comunidade, com repórteres na rua, apurando acontecimentos identificados em rondas e até anunciados nas participações de ouvintes. Já no Notícia na Tarde, o que se observa é o gênero opinativo, seja pela participação da comentarista Carolina Bahia, que analisa a política nacional, quanto pelo colunista do Diário Catarinense Rafael Martini que discorre sobre assuntos do cotidiano. Neste grupo podemos incluir o apresentador Renato Igor que costuma opinar e comentar sobre os diversos temas abordados durante o

programa. Para Lopez, a opção da Central Brasileira de Notícias pela presença de comentaristas e âncoras dá credibilidade à informação e conquista o público. A pesquisadora diz que a participação destes profissionais tem se tornado cada vez mais frequente no radiojornalismo brasileiro. “Os temas desses comentários têm se tornado a cada dia mais variados, abrangendo desde economia, política e tecnologia a culinária, viagens e cuidados com os filhos” (LOPEZ, 2009, p. 101). A estudiosa explica que numa sociedade em que a informação ocupa posição central os fatos precisam ser transmitidos de forma imediata. “[...] constante e em muitos casos, superficial, a análise pronta e os referenciais de autoridade de ditos especialistas mostram-se fundamentais”, analisa (LOPEZ, 2009, p.97).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final desta pesquisa, verificamos que a mobilidade do rádio passou a ser explorada de forma gradativa ao longo da história. Primeiro, como um processo natural do reconhecimento de suas potencialidades, depois pela evidência dos avanços possibilitados pelo desenvolvimento das tecnologias da comunicação.

Como visto neste estudo, durante o primeiro capítulo, o arqueólogo americano Michael Brian Schiffer (1991) demonstrou que mesmo antes do surgimento da comunicação sem fio a distância, a mobilidade e a portabilidade já eram anseio dos indivíduos, que passaram a projetá-la primeiro na ficção científica, depois em estruturas rudimentares. Ao referir-se à questão, ele mencionou o transporte de transmissores, equipamentos de expressivo volume, sobre carros e carroças e até mesmo sobre cavalos. Ou seja, mesmo antes de ser possibilitada efetivamente pelos recursos técnicos, a mobilidade já era uma busca instalada no inconsciente coletivo, dentro do que Schiffer (1991) chama de imperativo cultural que atua como um elemento motivador deste aprimoramento.

É por isso, como explica Meditsch (2007), que o rádio foi concebido por pessoas distintas em vários lugares do mundo e ao mesmo tempo. Tesla, Marconi, Landell de Moura e Fassedden foram atores deste fenômeno cultural, segundo Schiffer (1991). Desta forma, propagou-se primeiro pela ação dos radioamadores, depois pela descoberta de seu potencial educativo, informativo e mais adiante, como meio massivo de comunicação. Este caráter é intensificado, sobretudo

com a invenção do transistor já que o dispositivo passou a acompanhar a audiência a todos os lugares, não só em razão do tamanho reduzido, mas pelo baixo custo que proporcionou sua aquisição mesmo aos mais pobres. Cunha (2010) compreende esta invenção do transistor como a mais significativa da história do rádio, pois marcou o acesso aos conteúdos até mesmo por aqueles excluídos da informação difundida pela cultura letrada da mídia impressa.

Neste contexto, configurou-se um terreno fértil a ser explorado também com finalidades comerciais. Na Rádio Gaúcha, por onde é transmitido o Gaúcha Repórter, integrante do *corpus* desta pesquisa, este caráter também foi incorporado. Ferraretto (2002) afirma que depois de transmitir palestras, conferências científicas bem como música erudita, a rádio evoluiu e se realinhou, inclusive pela obtenção de recursos financeiros, passando a apostar em programas populares baseados em apresentações de atores e músicos do gosto da audiência. Hoje, a emissora tem como principal característica a informação jornalística 24 horas.

Do jornalismo impresso transposto para o ambiente radiofônico, prática dos primeiros anos do veículo no Brasil, o rádio avançou ao cunhar um modelo de produção própria. Foi neste caminho que as características do meio deram especificidade ao processo de produção e emissão informativa. Singularizado por peculiaridades como linguagem sonora, sensorialidade, abrangência geográfica, popularidade, instantaneidade, imediatismo e mobilidade, conforme indicam Zuculoto (2012) e Ortriwano (1985), o rádio é o primeiro veículo a transmitir em tempo real, segundo Meditsch (2007).

O objeto de estudo desta pesquisa, como mencionado nos capítulos anteriores, é a mobilidade do rádio e seus impactos na produção do radiorjornalismo. Na discussão tecida durante o processo dissertativo, vimos que a possibilidade de transmitir do local dos acontecimentos foi proporcionada pelo uso de linhas telefônicas, mais tarde, pelas unidades móveis alimentadas pela bateria dos veículos e contemporaneamente, por dispositivos móveis como celulares, *iPhones*, *tablets* e *smartphones*. Tais facilidades surgem, primeiro em resposta ao imperativo cultural mencionado por Schiffer (1991), e mais do que isso, enquanto expressão de uma cultura de mobilidades como entende Lemos (2007). A partir do pensamento deste pesquisador, podemos dizer que a comunicação portátil e ubíqua é absorvida pelos indivíduos como produto de um construto orgânico e social que diz respeito às vivências humanas em constante movimento e elaboração.

O dinamismo que perpassa esta concepção nos ajuda a entender as transformações que envolvem as tecnologias da comunicação. Meditsch (2007), por exemplo, quando fala do surgimento da televisão, compreende-o como um desdobramento do próprio rádio. É nesta lógica que o veículo se supera para não ser superado. É nesta lógica que o jornalismo ganha centralidade no rádio. A prestação de serviço e a informação direta do ambiente do acontecimento deram mais do que facilidades de transmissão, conferiram a credibilidade de quem testemunha os fatos e possibilitaram a superação do caráter periódico do jornalismo, como assinala Meditsch(2007), permitindo uma comunicação simultânea à ocorrência do evento.

Este recurso é explorado intensamente pelo programa Gaúcha Repórter, analisado nesta pesquisa, onde 45,6% dos conteúdos divulgados na semana de nossa observação foram transmitidos no local da pauta. No Notícia na Tarde, no entanto, a realidade é outra. Ao longo da semana analisada para este estudo, 2,56% dos conteúdos foram comunicados do palco dos acontecimentos. Sabemos que a diferença entre os programas diz respeito a muito mais do que uma questão tecnológica e denuncia a importância da equipe no processo produtivo, ou seja, enquanto o primeiro conta com sete jornalistas, o último dispõe de apenas um.

Vimos no primeiro capítulo que nos anos de 1950, os gravadores de rolo de grandes dimensões representavam uma limitação para a mobilidade na produção radiojornalística. Com a invenção dos gravadores magnéticos e depois os digitais houve mais facilidades. Mas é na contemporaneidade, com o desenvolvimento das tecnologias móveis, que a produção atinge seu auge em termos de agilidade. Isso foi observado nos dois programas que integram nosso *corpus*. No Gaúcha Repórter, só pra lembrar um exemplo citado no terceiro capítulo, Mateus Ferraz usou o celular para gravar sonoras com pessoas prejudicadas pelo mau tempo em Alvorada. O áudio foi editado no próprio aparelho e enviado por e-mail para a central técnica da emissora. A mesma prática fazia parte da rotina de Osvaldo Sagaz, do Notícia na Tarde, quando cobria a votação do plano diretor de Florianópolis.

Esta valorização do conteúdo sonoro ou das declarações das fontes, que faz parte do radiojornalismo, tem origem, sobretudo no

período ditatorial quando o que era dito por autoridades ganhava a conotação de um fato. Atualmente, os formatos variam de acordo com as dimensões dos acontecimentos. Em alguns casos, a notícia completa pode ser transmitida por uma simples nota, em outros carece da declaração literal de uma fonte.

Na semana linear de observação de cada um dos programas, identificamos que no *Gaúcha Repórter*, dos conteúdos veiculados, 28,15% agregavam declarações das fontes. No *Notícia na Tarde*, este índice chegou a 33,3%. No caso do programa da *Rádio Gaúcha*, as informações difundidas sem uma unidade declaratória provém da verificação da equipe de reportagem. Já no caso do *Notícia na Tarde*, tais dados são extraídos da internet ou de e-mails de assessorias. Cabe aqui questionarmos não só o protagonismo do repórter na apuração, esquecido em situações em que a Web assume o papel que deveria ser do jornalista. Sabemos que a prática dos programas de apresentar os contrapontos, em sua maioria, em entrevistas no estúdio é adequada do ponto de vista técnico. No entanto, é preciso registrar que embora a factualidade seja uma característica do rádio, é dever do jornalismo aprofundar as questões da vida em sociedade, ir além do relato dos fatos e contribuir com a reflexão dos fenômenos em evidência. Na nossa compreensão, na convivência com a internet, o rádio foi afetado não só pela agilidade da rede, mas pelos impactos de uma comunicação convergente. Como apontou Salaverría (2009), este contexto impetrou aos profissionais novas atribuições e, em alguns casos, chegando até a substituí-los. Tão grave quanto, entendemos que a transmissão em tempo real da web colocou o rádio diante de uma exacerbação de seu

imediatismo, ou seja, dar a informação primeiro acaba sendo mais importante do que aprofundar e refletir a respeito. Mesmo com uma estrutura privilegiada, como é o caso do Gaúcha Repórter, fazer a cobertura de uma região vasta como é a metropolitana de Porto Alegre é desafiador se considerarmos este imperativo da concorrência com outros veículos.

Sobre o uso da internet pelas emissoras de rádio, Nelia Del Bianco (2010) comenta sobre a dificuldade de quem ouve rádio em distinguir entre o que é apurado pela reportagem e o que é extraído da *web*. A pesquisadora explica que o fenômeno se dá porque, embora as fontes e a produção do radiojornalismo tenham se alterado, a apresentação continua a mesma. Com isso, a estudiosa salienta que a credibilidade da narrativa oral é uma característica do conteúdo radiofônico.

Para explicar este modelo de produção em que o repórter não sai da redação, se apóia na internet, Pereira (2003) usou o termo “jornalista sentado”, uma prática comum a muitas emissoras que apostam em equipes pequenas, com uma produção sem grandes investimentos financeiros.

No Notícia na Tarde, grande parte do programa é ocupado pelo discurso do apresentador, que até interage com outros jornalistas, mas marca fortemente sua fala pela opinião. Esta peculiaridade, de acordo com Lopez (2009), se verifica no radiojornalismo da Central Brasileira de Notícias, cadeia de rádios à qual a emissora do Grupo RBS em Florianópolis é afiliada. Esta opção da emissora e do programa também

é passível de reflexões, já que este posicionamento do comunicador pode cair no senso comum e representar um desserviço ao ouvinte. Do ponto de vista ideal, ao sintonizar o rádio, o público deveria encontrar a informação apurada, que compreende a escuta de todos os lados, o aprofundamento e a reflexão sobre os eventos. Este debate do contraditório se justifica pelo papel do jornalismo de contribuir para que o próprio ouvinte tire suas conclusões e consolide o seu conhecimento.

No que se refere à participação do público, intensificada após a incorporação das redes sociais à rotina produtiva do rádio, no *Gaúcha Repórter*, na época de nossa observação, a página do programa no Facebook contava com os comentários dos ouvintes sobre os temas em discussão, em sua maioria lidos ao vivo pelo apresentador. Estes comentários continham sugestões de pauta e até avisos de factuaisidades que eram apuradas pela reportagem. No entanto, a maior parte das contribuições ainda chegava pelo *sms*. De acordo com a apresentadora Milena Schoeller (2013), o programa tinha na época uma média de 50 participações diárias por meio desta ferramenta.

No *Notícia na Tarde*, a interatividade era estabelecida pelo perfil do apresentador no *Facebook*. Esta participação se resumia a comentários eventuais a um tema em evidência no programa. Este relacionamento não era estimulado durante o programa, ao contrário do *Gaúcha Repórter* que era permeado por apelos constantes para que o público enviasse contribuições. “Não temos estrutura para apuração de contribuições da audiência, por isso não estimulamos este contato”, diz a produtora Leda Limas (2013). Já Jacques Machado (2013), produtor

do Gaúcha Repórter, explica este tipo de relacionamento é uma característica do programa. “Pela participação do ouvinte, é comum sabermos de acidentes ou assaltos mesmo antes da polícia. Às vezes ligamos para a delegacia e a ocorrência ainda não foi informada, mas nós já estamos por dentro”, comenta.

Neste caso, quando vemos a possibilidade oferecida pelas redes sociais ao rádio, enriquecida com o desenvolvimento das tecnologias portáteis, precisamos reconhecer um ouvinte mais atuante na programação. No entanto, isso reforça a importância de o jornalista ser mais do que mediador das contribuições do público. É preciso que o profissional saiba demarcar uma intervenção técnica, ou seja, já não basta só relatar ou apurar. Do jornalismo, se espera mais do que o registro dos fatos, isto já está sendo feito à exaustão nas redes sociais. Nos registros da audiência, é preciso que o profissional saiba reconhecer as questões singulares da realidade. Vislumbramos aí, a compreensão de Adelmo Genro Filho (2012), de um papel revolucionário para o jornalismo informativo como forma social de produção de conhecimento que, embora condicionado historicamente pelo capitalismo, possui potencialidade para ultrapassar este modo de produção.

O Notícia na Tarde vive o que Salaverría (2009) chama de convergência tática, quando há um compartilhamento de conteúdos por emissoras de rádio, TV e jornais. Em dois casos pontuais o programa vivencia este conceito: quando transmite das 15h às 16h seu conteúdo pela TVCom, o canal por assinatura do Grupo RBS e quando recebe o

âncora do RBS Notícias diariamente para apresentar os destaques no telejornal.

No caso do programa Gaúcha Repórter, podemos dizer que o programa vive a dimensão tecnológica da convergência anunciada por Salaverría (2009), como apresentamos no segundo capítulo deste trabalho. Com isso, entra na rotina dos repórteres a produção para todas as plataformas, a partir de dispositivos miniaturizados que permitem a produção de foto, vídeo, texto, áudio. Desta forma, como anuncia o pesquisador, os profissionais tornam-se multitarefa, como vimos na equipe deste programa. Os profissionais produzem para a rádio, o site, para este construindo texto, imagem, fotos, vídeos. Estamos diante do que Lopez chamou de radiojornalismo hipermidiático, um rádio que compreende as distintas linguagens congregadas pelo contexto de convergência.

Ao mesmo tempo em que este cenário dinamiza a apresentação dos conteúdos jornalísticos, como conclui Cebrián Herreros (2007), também imprime uma sobrecarga de atividades aos profissionais.

É claro que precisamos considerar o ponto de vista de Castells (2002), para quem a maior parte dos jovens cresceu com a internet e as tecnologias que a sucedem, portanto apresentam uma grande intimidade com suas linguagens. No entanto, mesmo para estes jornalistas, a rotina de produção é desafiadora. Cada plataforma apresenta peculiaridades e o jornalismo, independente da linguagem já dispõe de grandes exigências de clareza e precisão. Para isso, talvez os jovens também sejam fundamentais, já que um desafio e responsabilidade desta dimensão,

pelos baixos salários a que são submetidos historicamente os jornalistas, só serão aceitos por profissionais em início de carreira.

Estas características até são experimentadas pelo repórter do Notícia na Tarde Osvaldo Sagaz, mas não por uma política institucional da emissora, apenas por uma proatividade do profissional que conectado às novas tecnologias faz um registro do dia a dia que acaba sendo incorporado ao trabalho formal na emissora.

Silva (2013) e Cebrián Herreros (2002) explicam este fenômeno, como destacamos em nosso segundo capítulo, dizendo que as facilidades proporcionadas pelos dispositivos tecnológicos, pela portabilidade e ubiquidade, instauraram uma redação móvel. Quando refere-se a este jornalismo produzido em contexto de mobilidade, o autor diz que o trabalho de campo intensificado pelo jornalista no ambiente da pauta potencializa a reportagem, entendida como um gênero de profundidade da informação. No caso do que se verificou no Gaúcha Repórter, no entanto, que a reportagem não se conclui no local dos acontecimentos. Lá há um ponto de partida, há a descrição dos fatos, do cenário em que os eventos transcorrem, o trabalho ganha outros aspectos em entrevistas no estúdio ou em apurações secundárias, em sua maioria, na redação.

Salaverría (2009) refere-se à convergência empresarial como indicativa da redução no número de profissionais, uma vez que a estes é infligida a exigência de funções pertinentes às diversas mídias. No entanto, no caso do Gaúcha Repórter, programa que tem este conceito

mais absorvido, inclusive do ponto de vista empresarial, é onde verificamos a maior equipe.

Quando menciona o jornalismo móvel, Silva (2013) diz que ao sair para o local do acontecimento, o jornalista é sujeito de uma sobreposição de mobilidades. A primeira dada pelo movimento humano em direção ao um destino e a segunda pela transmissão de dados ou informações. Com isso, podemos inferir que o contexto de mobilidades no qual está inserido tanto o jornalista, quanto o rádio, contribui para a exacerbação desta característica do meio. No entanto, apesar da facilidade apresentada pelas tecnologias ubíquas, portáteis e pervasivas, o jornalismo ainda depende da ação humana. As discrepâncias entre os dois programas analisados, do ponto de vista da apropriação desta característica radiofônica, põem em xeque a ideia de que os avanços da técnica podem substituir a ação profissional no cenário dos acontecimentos. Isso, se considerarmos que o Gaúcha Repórter se apropria mais desta facilidade por apresentar uma equipe maior. No entanto, do ponto de vista da qualidade, da realização do papel do jornalismo informativo, como um provocador do debate da realidade e da construção do conhecimento, podemos dizer que para ambos os programas este é apenas um horizonte para o qual ainda é preciso se movimentar.

REFERÊNCIAS

ABREU, João Batista de. Faca de dois gumes. In: MOREIRA, Sonia V. e BIANCO, Nelia R. Del (orgs). **Desafios do rádio no século XXI**. São Paulo: Intercom; Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

ALLAN, Stuart. **Online News: Journalism and the Internet**. Maidenhead and New York: Open University press, 2006

ALMEIDA, Ana Carolina; MAGNONI, Antônio Francisco. Rádio e internet: recursos proporcionados pela web ao radiojornalismo. In: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício (Orgs.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Ed. Senac São Paulo, 2010. p. 273-290.

AZAMBUJA, Grace Kelly Bender. **Jornalismo 3G: Reconfigurações da produção jornalística na era da mobilidade**. 179 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo –RS, 2010.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: As técnicas do Jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.

BARTHES, Roland. A escrita do acontecimento. In: MEDITSCH, Eduardo; ZUCULOTO, Valci (Org.). **Teorias do Rádio: Textos e contextos Volume II**. Florianópolis: Insular, 2008. p. 213.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BELTRÃO, Luiz. Jornalismo pela TV e pelo rádio: perspectivas. **Revista da Escola de Comunicações Culturais**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.112-119, 1968. Anual.

_____. **Jornalismo interpretativo**. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BERTELL, Paul. **Journalism student's experience of mobile phone technology**: implications for journalism education. *Asia Pacific Media Educaton*, issue No.20, December 2010.

BRADSHAW, Paul. **What does a mobile journalist need?** Disponível em <http://onlinejournalismblog.com/2009/10/21/what-does-a-mobile-journalist-need/> acesso em 13 de dezembro de 2012.

BRIGGS, Mark. **Journalism Next**: a practical guide to digital reports and publishing. Washington: CQPress, 2010.

BOLTER, Jay David; GRUSIN, Richard. **Remediation**: understanding news media. Cambridge: The MIT Press, 2000.

CANAVILHAS, João. SANTANA, Douglas Cavallari de. **Jornalismo para plataformas móveis de 2008 a 2011**: da autonomia à emancipação. *Líbero* – São Paulo – v.14, n.28, p.53-66, dez. 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v.I

_____. ARDÈVOL, Mireia Fernández; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Comunicación móvil y sociedad**. Barcelona: Ariel e Fundação Telefônica, 2006.

CATTANI, Maurício Emanuel. **Análise das estratégias multiplataforma no radiojornalismo nas emissoras CBN e Band News FM**. 2012. 42 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Departamento de Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, 2012. Cap. 1. Disponível em: <<http://decom.cesnors.ufsm.br/tcc/files/2013/06/mauricio.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. **La radio en internet**. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

CHAVES, Eliane. In:DESCONHECIDO. **Bike Repórter volta a circular com a Rede Eldorado pelas ruas de São Paulo.** 2008.

Disponível em:

<<http://www.portaldapropaganda.com.br/portal/noticias/3064-bike-repr-volta-a-circular-com-a-rede-eldorado-pelas-ruas-de-spaulo>>. Acesso em: 12 nov. 2014.

CUNHA, Magda. **Rádio e Internet: o Encontro de Duas Grandes Invenções.** 2004. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2004/resumos/R1760-1.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.

DE-FLEUR, Melvin L; BALL-ROCKEACH, Sandra. **Teoria da comunicação de massa.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

DEL BIANCO, Nelia. **Radiojornalismo em mutação: A influência tecnológica e cultural da Internet na transformação da noticiabilidade no rádio.** 2004. 330 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Ciências da Comunicação, Jornalismo e Editoração, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. **Remediação do radiojornalismo na era da informação.** In: 2º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...** Salvador: SBPJor, 2004.

_____. **As forças do passado moldam o futuro.** 2008. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/>.

_____. **A difícil decisão do rádio digital no Brasil.** 2013. Disponível em: http://www.socicom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=196:a-dificil-decisao-do-radio-digital-no-brasil&catid=44:informativo-no-11&Itemid=67. Acesso em: 05 de mai. 2014

DINES, Alberto. O homem e sua voz. In: MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação.** 2. ed. Florianópolis: Insular, Editora da UFSC, 2007. p. 11-13.

DOUGLAS, Susan. Inventing American Broadcasting. In: SCHIFFER, Michael Brian. **The Portable Radio in American Life**. Tucson: The University of Arizona Press. 1991. p. 34.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In.: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2ª edição, 2006.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de Codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário**. 5 ed. São Paulo: Ática, 2006.

FAUS BELAU, Angel. **La Radio: Introduccion a un medio desconocido**. Madrid, Editorial Latina, 1981.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação, rádio e TV no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982, p. 33.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica da reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1986.

FIDALGO, António; CANAVILHAS, João. **Todos os jornais no bolso: pensando na era do celular**. In: RODRIGUES, Carla. **Jornalismo online: modos de fazer**. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio: Editora Sulina, 2011.

_____.; AGUADO, Miguel; FEIJÓO, C. **Mobile media: towards a definition and taxonomy of contents and application**. International Journal of Interactive Mobile Technologies (IJIM) –volume 12, december 2012 Disponível em <http://online-journals.org/ijim/article/view/1880>. acesso em 12 de dez. de 2012

FIDLER, Roger. **Mediamorfosis: comprender los nuevos medios**. Buenos Aires: Ediciones Granica, 1998.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991

GORDON, Rich. **The meanings and implications of convergence**. In: KAWAMOTO, Kevin. *Digital journalism: emerging media and the changing horizons of journalism*. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

GRAHAM, Stephen; MARVIN, Simon. **Splintering urbanism: network infrastructures, technological mobilities and the urban condition**. London: Routledge, 2001.

HANDEM, Priscila de Castro; et. al. Metodologia: Interpretando autores. In: FIGUEIREDO, Nébia M. A. de (org.). **Método e metodologia na pesquisa científica**. São Caetano do Sul/SP: Difusora, 2004.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **O rádio sem onda: convergência digital e novos desafios na radiodifusão**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

_____. **Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalístico**. In: RODRIGUES, Carla. *Jornalismo online: modos de fazer*. Rio de Janeiro: Ed.PUC-Rio : Editora Sulina, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso: A síntese radiofônica que fez história**. 1. ed. Porto Alegre: AGE e Edipucrs, 2008.

LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 3.ed. Florianópolis: Insular/Edufsc, 2009.

LEMOS, André. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LOPEZ, Débora Cristina. Marcos tecnológicos do radiojornalismo no Brasil: uma revisão histórica. In: KLÖCKNER, L; PRATA, N (Org). **A história da mídia sonora: experiências, memórias e afetos de norte a sul do Brasil**. Porto Alegre: Edipucrs, 2009.

LOPEZ, Debora Cristina. **Radiojornalismo hipermidiático: tendências e perspectivas do jornalismo de rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica**. 2009. 227 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Departamento de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <<http://poscom.tempsite.ws/wp-content/uploads/2011/05/DeboraLopez.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

MANOVICH, Lev. **The language of New Media**. Cambridge: MIT Press. 2001.

MARTINEZ-COSTA, María Del Pilar (coord). **Reinventar La Radio**. Pamplona: Eunate, 2001.

FAUS BELAU, Ángel. **La radio en el entorno cambiante del siglo XXI**.

MANOVICH, Lev. **The language of New Media**. Cambridge: MIT Press, 2001.

MCQUAIL, Denis. **Teoria da comunicação de massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MEDIROS, Marcello. **Transmissão Sonora Digital: Modelos Radiofônicos e Não Radiofônicos na Comunicação Contemporânea. Ciberlegenda**, n.21, 2008. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/15>.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**. 2. ed. Florianópolis: Insular, Editora da Ufsc, 2007. p.30-116.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. 3003 Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Faculdade de Comunicação, UFBA, Salvador, 2003.

MITCHELL, W.J. **ME ++: the cyborg self and the networked city**. MIT Press, Cambridge, Mass, 2003.

MOREIRA, Sônia Virgínia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

_____. **Rádio em transição – Tecnologias e leis nos Estados Unidos e no Brasil**. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 2002.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.

_____. **Radiojornalismo no Brasil**: fragmentos de história. Revista USP. n. 22, dez/2002-fev/2003.

PARRON, Milton. **O Radiorreporter: no Joelma eu também chorei**. Revista USP. n. 22, dez/2002-fev/2003.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Reflexões sobre o Projeto Locast como experimento de plataforma móvel social**. INTERCOM. Caxias do Sul, 2010.

_____. **Desdobramentos dos olhares móveis sobre o terrorismo em Londres**: como as vítimas viraram repórteres. E-Compós (Brasília), v. 4, p. 12, 2006.

PEREIRA, Fábio Henrique. **O jornalista on-line: um novo status profissional?**: Uma análise sobre a produção da notícia na internet a partir da aplicação do conceito de ‘jornalista sentado’. 2003. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Comunicação, Departamento de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-jornalista-on-line-novo-status.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2014.

POOL, Ithiel de Sola. **Technologies of freedom: on free speech in an electronic age.**

Cambridge: Harvard University Press, 1983.

QUADROS, Mirian Redin de. **As redes sociais no jornalismo radiofônico: as estratégias interativas adotadas pelas rádio Gaúcha e CBN.** 2013. 239 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2013.

QUINN, Stephen. **Mojo - mobile journalism in the Asian Region.**

Singapura: Konrad Adenauer Stiftung, 2009.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. **Rádio de fronteira: da cultura local ao espaço global.** 2009.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2009.

ROMAIS, Célio. **O que é rádio em ondas curtas.** São Paulo:

Brasiliense, 1994.

SALAVERRIA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado – convergência de médios y reorganización de redaciones.** Barcelona: SolMedia, 2008.

_____. GARCÍA AVILÉS, José Alberto; MASIP, Pere Masip. Concepto de convergenciaperiodística. In: LÓPEZ, X.; PEREIRA, X. (Orgs.). **Convergencia digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España.** Santiago de Compostela: Servicio Editorial de a Universidad de Santiago de Compostela, 2010, p. 41-64.

SAMPAIO, Walter. **Jornalismo audiovisual: rádio, TV e cinema.**

Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

SCHIFFER, Michael Brian. **The Portable Radio in American Life.**

Tucson: The University of Arizona Press. 1991.

SEVERO, Antunes; MEDEIROS, Ricardo. **Caros Ouvintes: Os 60 anos do rádio em Florianópolis**. Florianópolis: Insular, 2005. 161 p.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital: Uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. 2013. 89 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas, Departamento de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Cap. 2. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/13011/1/Fernando_FIRMINO_da_Silva.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2014.

TAVARES, Mariza (Org.). **Manual de redação CBN**. São Paulo, Globo, 2011.

URRY, John. **Mobilities**. Cambridge: Polity: 2007

VAMPRÉ, Octavio Augusto. **Raízes e evoluções do rádio e da televisão**. Porto Alegre: Feplam, 1979.

WHITE, Ted; BARNAS, Frank. **Broadcast news: writing, reporting, and production**. 5a ed. Oxford: Elsevier, 2010

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2012. p. 127-172.

_____. Alô, alô radiouvintes: no ar e na *web* transformações de linguagem, modelos, formatos e fazer radiojornalísticos na era virtual e digital. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35, DT4, GP Rádio e Mídia Sonora, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, 2012. **Anais...**Fortaleza: Intercom, Unifor, 2012.

